

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

RODRIGO FESSEL SEGA

***PROJETO CANADÁ: SELETIVIDADES E REDES DE IMIGRANTES
BRASILEIROS QUALIFICADOS EM TORONTO***

**SÃO CARLOS
2013**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

RODRIGO FESSEL SEGA

PROJETO CANADÁ: SELETIVIDADES E REDES DE IMIGRANTES
BRASILEIROS QUALIFICADOS EM TORONTO

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Sociologia

Orientador: Prof. Dr. Oswaldo Mario Serra Truzzi
Bolsa: FAPESP

SÃO CARLOS
2013

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

S454pc

Sega, Rodrigo Fessel.

Projeto Canadá : seletividades e redes de imigrantes brasileiros qualificados em Toronto / Rodrigo Fessel Sega. -- São Carlos : UFSCar, 2013.
183 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2013.

1. Migração. 2. Mão-de-obra qualificada. 3. Redes sociais. 4. Seletividade migratória. 5. Relação de gênero. I. Título.

CDD: 304.82 (20^a)



Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Sociologia
Rodovia Washington Luís, Km 235 – Cx. Postal 676
13565-905 São Carlos-SP - Fone/Fax: (16) 3351.8673
www.ppgs.ufscar.br - Endereço eletrônico: ppgs@ufscar.br

Rodrigo Fessel Segal

Dissertação de Mestrado em Sociologia apresentada à Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Aprovada em 17 de outubro de 2013

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Oswaldo Mário Serra Truzzi
Orientador(a) e Presidente
Programa de Pós-Graduação em Sociologia/UFSCar

Profª Dra. Rosana Aparecida Baeninger
Universidade Estadual de Campinas

Prof. Dr. Gabriel de Santis Feltran
Universidade Federal de São Carlos

Para uso da CPG

Homologado na 42.ª Reunião da CPG-
Sociologia realizada em 03/10/13

Profª Dra. Jacqueline Sinhoretto
Coordenadora do PPGS

à minha mãe, por realizar cotidianamente comigo este sonho,
e ao Asher, por ter estado aqui e lá.

Agradecimentos

Agradeço, inicialmente, à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, a FAPESP, por ter apoiado e financiado esta pesquisa e, assim, viabilizando a execução da mesma.

Agradeço às Alines por darem o pontapé inicial quando tudo isso ainda era muito distante. Ao Prof. Dr. Thom Dwyer por ajudar a organizar as minhas ideias, mesmo quando não sabia que estava me ajudando. Ao Prof. Dr. Odair da Cruz Paiva, sempre presente nos meus percursos acadêmicos em diferentes temporalidades da minha vida, por ter me ajudado a repensar as minhas ideias e propor caminhos mais refinados.

Agradeço imensamente à Profa. Dra. Rosana Baeninger que desde meu início tímido na Unicamp até a finalização desta dissertação colaborou significativamente para este projeto e sem nossas conversas ele jamais teria o tom que tem. Ao Prof. Dr. Richard Miskolci e a Profa. Dra. Larissa Pelúcio pelas discussões no grupo de pesquisa e ao Prof. Dr. Gabriel Feltran pelas discussões em aulas de metodologia e percursos culturais que ajudaram a aparar as rígidas arestas que esta pesquisa apresentava. E a Silmara por ser prestativa, muito atenciosa e estar sempre disposta a ajudar com os processos burocráticos deste trabalho.

Aos asquerosos amigos que encontrei no mestrado na UFSCar, que infelizmente pude conviver pouco: Lara, Adriana Exú, Dom, Everton, Vanessa, Gabriel, Aline, Charles e Suélen. Saudades das nossas reuniões!

À Profa. Dra. Andrea Pacheco Pacífico, que se prontificou em ajudar-me mesmo sem me conhecer (e como ajudou!). À Profa. Dra. Simone Bohn e a Marta Castilho por me ajudarem a me localizar na *York University*, em todos os sentidos. A colaboração de vocês foi essencial para que eu conseguisse os famosos “papéis” e meus primeiros contatos na cidade.

Agradeço também à Solange e ao Afonso, por me fazerem sentir em casa no espaço de vocês e no Brasil em pleno inverno de Toronto. *To Professor Luin Goldring, Ph.D., and Professor Patricia Landolt, Ph.D., for the the delicious lunch, the pleasant talk and for been so kind to me.*

Agradeço às fantásticas Rosana, Juliana, Roberta e Victória que me acolheram de braços e corações abertos. Agradeço não somente pela ajuda

profissional e conversas pessoais, mas pela dedicação e carinho que têm com a comunidade brasileira. À Rafaela pelas risadas e aventuras e à Cecília e Emerson por serem tão queridos comigo e com esse projeto.

Agradeço imensamente Ao Helder e Camilla por estarem comigo compartilhando tardes de filmes, sobremesas e viagens. Serei imensamente grato por acolherem tão bem à mim e à minha família, como se nós fizéssemos parte da sua. Agradeço também à Silvia por ter se tornado uma grande amiga em Toronto, em Montreal e no Brasil. Ainda iremos pedalar muitos verões *darling*.

Agradeço à Prof. Dra. Roberta Peres pelos conselhos na minha trajetória e pela compreensão e paciência de estar junto comigo na reta final deste trabalho e à Lidiane pelos conselhos despretensiosos. Agradeço também à Prof. Dra. Amnérís por me ajudar a conviver com os cem mil que tenho em mim e que sem notar fez significativa mudança na minha vida.

Agradeço à Denise pelas caronas e pela gostosa conversa que tivemos na Cantina da Física e ao Kulando que mesmo longe (alguns mais longe que outros) me trouxeram para o Brasil inúmeras vezes.

Um agradecimento especial à Michele por dar o pontapé inicial neste projeto que parecia, até então, muito distante; ao Julian pela preciosa leitura e por me ajudar nos momentos difíceis - da escrita e da vida; e a Yvonne por sentir tudo o que eu senti e me dar forças para seguir em frente.

Agradeço imensamente ao amigo Prof. Dr. Oswaldo Truzzi pela receptividade e por acreditar neste projeto. Pelas reuniões que me acalmaram e pelas conversas que compartilhamos. Por abrir sua casa e estar sempre disposto a me ajudar. Meu mais sincero “muito obrigado”.

Agradeço ao meu pai Roberto por se emocionar comigo neste projeto e por estar sempre disposto a me ajudar quando preciso. À Naná por se aventurar comigo em Toronto e por me mostrar novas formas de ver a vida.

Todas as pessoas citadas acima fizeram diferença neste trabalho, mas duas pessoas foram essenciais para a realização deste sonho. Uma delas é o Asher, ao qual estive ao meu lado, mesmo longe pela distancia, ajudando a superar as dificuldades de ser estrangeiro. Gostaria de agradecer por ter estado todos os dias comigo, em pensamento e por Skype, por me apoiar e me fazer dar risada quando nada parecia ter sentido. A outra é minha mãe, Cida,

por me fazer acreditar que tudo realmente daria certo, desde o princípio. Por passear comigo de ônibus, mesmo estando no Brasil, por me dar um abraço de natal, por se dedicar tanto em momentos que eu mesmo já tinha desistido. Obrigado é muito pouco perto do que vivi graças à você, mãe.

Por fim, Agradeço, de todo o meu coração, às mulheres e homens imigrantes que encontrei em Toronto e em Montreal. À todos aqueles que abriram o sorriso para mim, que abriram suas portas e suas vidas. Esse projeto é de vocês para vocês. Obrigado por compartilharem comigo suas experiências.

[Mariano] *Dentro desse plano de vim pro Canadá a gente também fez um planejamento financeiro, ou seja, vamos fazer um reserva...*

[Heloísa] *Pra ficar os dois sem trabalhar.*

[Mariano] *... pra ficar dois, três anos, no pior cenário [...]“Como é que a gente consegue viver num país sem nada?” É pensando no pior mesmo. [...] então, por exemplo, o dinheiro de comprar um apartamento no Brasil entrou no projeto Canadá, então a coisa virou o projeto Canadá.*

[Raquel] *Tá, a gente quis vocês todos, imigrantes, agora vocês todos estão aqui mas necessariamente vocês não vão conseguir atuar na mesma área que vocês atuavam lá. E isso ninguém fala pra você lá porque não é interessante. Então, eu particularmente, sempre tive na minha cabeça que ia ser difícil. Eu não estou indo pro Canadá por causa de carreira, eu sempre tive isso. Claro que a gente precisa trabalhar mas não to indo pra lá pra ficar rica, pra virar diretora de alguma empresa... pra isso eu tava no meu caminho no Brasil.*

[Entrevista, Toronto, 2012]

RESUMO

O foco deste trabalho são os brasileiros que migraram para a cidade de Toronto, no Canadá, através dos programas governamentais de atração de mão de obra qualificada do governo canadense. Esta dissertação analisa a relação entre migração qualificada e redes sociais a partir do trabalho de campo realizado na cidade de Toronto entre dezembro de 2011 e junho de 2012. Buscou compreender como o processo de migração ocorre, como possíveis sujeitos migrantes tornam-se migrantes reais, analisando desde a decisão de migrar e a mudança para Toronto até os processos de adaptação na sociedade de destino. A partir da etnografia, observação participante e entrevistas semiestruturadas com esses imigrantes brasileiros, pudemos perceber como a internet e as tecnologias de comunicações são importantes mediadores desse processo, de criação de redes sociais e inserção em redes já existentes. O perfil de mão de obra qualificada delimitado pelo governo canadense também foi analisado em comparação ao perfil dos brasileiros que realmente migram, gerando diferentes modos de inserção na sociedade torontiana. Esses percursos e trajetórias foram analisadas a partir da teoria das redes sociais e compreendidas como estratégias de adaptação do imigrante. Diferentes grupos e redes sociais se formam nesse processo, conectando inclusive sujeitos que pretendem migrar, ainda no Brasil. Por fim, as diferenciações de gênero se mostraram importantes nesse processo, pois produziam diferentes tipos de redes e marcavam as trajetórias de mulheres e homens no processo de adaptação na cidade, tendo reservado um capítulo específico para essa discussão.

Palavras-chave: Seletividade Migratória, Redes Sociais, Mão de Obra Qualificada.

ABSTRACT

The focus of this work is Brazilians who migrated to the city of Toronto, Canada, through government programs to attract skilled labor from the Canadian government. This dissertation examines the relationship between skilled migration and social networks from fieldwork conducted in the city of Toronto between December 2011 and June 2012. Sought to understand how the migration process occurs, as potential migrants are actual migrants, from analyzing the decision to migrate and move to Toronto to adaptation processes in the destination society. From ethnography, participant observation and semi-structured interviews with these Brazilian immigrants, we see how the internet and communications technologies are important mediators of this process, the creation of social networks and integration in existing networks. The profile of skilled labor bounded by the Canadian government was also analyzed in comparison to the profile of Brazilians who actually migrate, generating different modes of insertion in Canadian society. These paths and trajectories were analyzed from the theory of social networks and understood as adaptation strategies of immigrants. Different social groups and networks are formed in this process, including connecting individuals who intend to migrate, even in Brazil. Finally, gender differences were important in this process, they produced deferent types of networks and marked paths of women and men in the adaptation process in the city, having booked a chapter to this discussion.

Keywords: Selective Migration, Social Networks, High Skilled Labor.

RÉSUMÉ

L'objectif de ce travail sont les Brésiliens qui ont émigré à la ville de Toronto, au Canada, grâce à des programmes gouvernementaux du gouvernement canadien pour attirer les travailleurs qualifiés. Cette thèse examine la relation entre migration qualifiée et réseaux sociaux à partir du travail de champs dans la ville de Toronto entre Décembre 2011 et Juin 2012. Travail cherche à comprendre comment le processus de migration se produit, comme sujets potentiels migrants sont des migrants réels, à partir de l'analyse de la décision de migrer et se déplacer à Toronto pour les processus d'adaptation à la société de destination. A travers de la l'ethnographie, l'observation participante et entretiens semi-structurés avec ces immigrants brésiliens, nous voyons comment les technologies des communications et l'internet sont des médiateurs importants de ce processus, la création de réseaux sociaux et de l'intégration dans les réseaux existants. Le profil de la main-d'œuvre qualifiée délimitée par le gouvernement du Canada a également été analysée par rapport au profil de brésiliens qui ont migré en générant différents modes d'insertion dans la société canadienne . Ces chemins et trajectoires ont été analysés à partir de la théorie des réseaux sociaux et comprises comme des stratégies d'adaptation des immigrants. Différents groupes sociaux et les réseaux sont formés à partir de ce processus y compris la liaison des individus qui ont l'intention d'émigrer, même au Brésil. A conclure, les différences entre les genres étaient important dans ce processus, ils ont produit des types différents de réseaux et on marqué des trajectoires des femmes et des hommes dans le processus d'adaptation dans la ville, ayant réservé un chapitre à cette discussion.

Mots-clés: migration sélective, réseaux sociaux, main-d'œuvre qualifiée.

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Entrada de Residentes Permanente Brasileiros no Canadá durante o período de 1991 até 2011.....	53
Tabela 2 – Local de nascimento para a população imigrante pelo período de imigração, contagens e distribuição percentual de 2006 para o Canadá, províncias e territórios - 20% dos dados da amostra.....	54
Tabela 3 – Fundos requisitados por membro familiar.....	73

Lista de Siglas

EUA - Estados Unidos da América

IT - *Information Technologies*

NOC - *National Occupational Classification*

PR - *Permanent Resident*

Sumário

Introdução.....	17
1 Etnografia	20
A Escolha pelo Canadá	20
O Projeto.....	22
O Imaginário Social da Comunidade Brasileira	24
Uma Semana com Carol	28
Dificuldades de Inserção no Campo	31
Sexta é dia de CAIS!	34
Outros percursos sociais (para além da <i>Dufferin</i> e <i>Dundas</i>).....	36
As entrevistas.....	41
A Partida	46
2 Contextos Históricos e Migratórios.....	48
1987	48
Visibilidade e seleção de emigrantes brasileiros nos finais de 80 e 90	49
Teoria Econômica & Teoria das Redes Sociais	55
Teoria das Redes Sociais & Marcadores da Diferença.....	62
Teoria das Políticas Migratórias	64
Mão de Obra Qualificada.....	66
Tipos de Entradas no País	70
3 Processos de Inserção.....	78
Introdução	78
De estranhos a amigos.....	78
Começando a rede: blogs!	81
Outras configurações de redes sociais.....	86
Estratégias para chegar em Toronto	89
Estratégias ao chegar em Toronto	91
Redes sociais na origem	99
Tipos de visto, tipos de inserção	100
Experiência canadense e voluntariado	104
4 Processos de Adaptação	109
Introdução	109
Processos de Assimilação.....	109
Trabalho e divisões de gênero	115

Cursos para recém-chegados e <i>job fairs</i> : tentativas fora da rede	119
As divisões de gênero no “Projeto Canadá”	122
Engenheiros da <i>Ford Motors Company</i>	126
A internet como mediação das redes pessoais	130
Rede de brasileiras em Toronto	134
Performances tradicionais de feminilidade	143
5 Considerações Finais	145
Bibliografia	151
APÊNDICE	157
ANEXOS.....	169

Este trabalho começou com uma dúvida: porque brasileiros que tem uma vida aparentemente estabilizada, com empregos bem remunerados, casa própria, jogam tudo “para o alto” para decidir morar no Canadá, mais especificamente na cidade de Toronto, sem, na maioria das vezes, nunca terem morado lá? Se as teorias migratórias que analisavam as décadas de 80 e 90 compreendiam que o fluxo de brasileiros que emigravam era principalmente por causa do contexto político e econômico debilitado que vivíamos, como utilizá-las para analisar a década de 2000, quando o Brasil se torna uma referência global, há uma relativa estabilidade econômica e é um dos primeiros a sair da crise de 2008, que atacou inclusive o Canadá? Porque migrar? Porque Toronto? Quem são esses brasileiros e como chegaram lá?

Essas dúvidas me acompanharam por um bom tempo, e creio que ainda hoje não as respondi plenamente, mas esta dissertação é um esforço intelectual e emocional na busca por essas respostas. Dividida em quatro partes, esse trabalho apresenta as análises do trabalho de campo, realizado de dezembro de 2011 até junho de 2012 em Toronto, Canadá. No capítulo 1 Etnografia, descrevo como esse trabalho surgiu, como essas dúvidas me encontraram e como transformei elas no projeto de mestrado. Descrevo meu percurso pessoal desde o início desse projeto, as pessoas que me ajudaram a pensar esse projeto, até a incursão a campo. Descrevo como cheguei na cidade, minhas primeiras impressões, os/as brasileiros/as que conheci inicialmente, minhas inserções na comunidade brasileira, como conheci meus principais interlocutores, como restringi meu objeto de estudo para os brasileiros que migraram pelas políticas de atração de mão de obra qualificada do governo e como as entrevistas foram realizadas.

No capítulo 2, Contextos Históricos e Migratórios, faço uma discussão histórica de quando a imigração de brasileiros para o Canadá tomou fôlego e quais as consequências causadas por esse aumento de imigrantes na década de 80. Sigo analisando a década de 90 e 2000, onde contraponho as Teorias Econômicas com a Teoria das Redes Sociais com a finalidade de compreender o momento migratório atual. A Teoria das Redes Sociais é utilizada não em

oposição à Teoria Econômica, mas em junção, um ajuste dessa teoria em função do meu objeto analisado. Não somente as Teorias Econômicas precisaram ser revistas, mas a própria Teoria das Redes Sociais, já que não encaravam que mulheres e homens têm inserção diferentes na sociedade de destino e formam redes de sociabilidade diferentes. Neste capítulo, portanto, me preocupei em debater os preceitos teóricos que irão nortear toda a análise dos dados coletados no trabalho de campo e, por isso, apesar do meu foco teórico ser as Redes Sociais, utilizei essas outras teorias para conseguir compreender a complexidade desse fluxo e das nuances sutis que fazem a diferença no processo e migração para Toronto. Neste capítulo, ainda, realizo uma breve conceitualização do que este trabalho entende por mão de obra qualificada e quais os tipos de entrada que o governo oferece para esses trabalhadores.

Já no capítulo 3, Processos de Inserção, após discutir quais preceitos teóricos estamos usando, passo a analisar o caminho que o imigrante percorre para chegar, desde o Brasil, até na sociedade de destino. A decisão de migrar, a escolha pelo Canadá e a utilização dos *blogs* para conseguir informação foram os elementos iniciais dessa análise. Nesse capítulo, ainda, discuto como as relações estabelecidas nesse primeiro momento e o tipo de visto com o qual se migra geram diferentes redes sociais e, por isso, diferentes inserções na cidade de Toronto. Esses imigrantes, mediados pela internet e inovações tecnológicas, como smartphones e seus aplicativos de comunicação, criam ou se inserem em redes de sociabilidade que marcam suas estratégias e processos de inserção na cidade, configurando uma marca específica dessa comunidade.

No capítulo 4, Processos de Adaptação, analiso não apenas o processo de inserção na comunidade, mas o processo de adaptação desses/as brasileiros/as, nitidamente marcado pelas diferenças de gênero. As redes sociais criadas e/ou recriadas no momento de inserção agora se subdividem em outros grupos como de trabalho, sociabilidade, amizade ou objetivos em comum, como a rede dos engenheiros da *Ford*, publicitários ou das mulheres grávidas de *North York*. Os/as imigrantes que se inserem nessas redes específicas, muitas vezes, ainda mantêm relações com aquelas redes mais amplas, do momento da chegada, oferecendo uma grande redução de custos,

sejam financeiros ou emocionais, para o/a imigrante, amenizando o desgaste de todo o processo e colaborando para a adaptação dele/a.

Por fim, nas Considerações Finais, organizo resumidamente essas etapas de inserção e adaptação dos imigrantes brasileiros e abro uma agenda de pesquisa com alguns caminhos a serem seguidos em futuras pesquisas. No apêndice estão alguns mapas para orientar o leitor na leitura e em Anexos se encontram as tabelas e listas de profissões referentes ao processo de migração canadense.

A Escolha pelo Canadá

Neste capítulo, irei descrever como esse “Projeto Canadá”, do qual também fiz parte, aconteceu. Apesar de iniciado a pesquisa de campo em meados de dezembro de 2011, ela começou a ser pensada ainda quando frequentava a graduação em Ciências Sociais na UNESP de Marília. Naquela época, tinha bolsa PIBIC orientada pela Profa. Dra. Ethel Kosminky, um projeto principalmente bibliográfico focando italianos, japoneses e alemães. A Professora Ethel também tinha outro projeto envolvendo japoneses e descendentes de japoneses de uma pequena cidade no centro-oeste paulista chamada Bastos e me convidou para ajudá-la com as entrevistas. Fomos e me encantei. Ficamos quase uma semana gravando depoimentos, fazendo diários de campo e comentando antes de dormir o que tínhamos experimentado. Foi onde percebi que gostava da temática das migrações internacionais e de etnografia.

Infelizmente, a professora Ethel, a quem posso chamar de amiga, não poderia mais continuar me orientando e aproveitei o momento para me desligar do projeto e tentar desenvolver um próprio. Decidi estudar os fluxos mais recentes de brasileiros emigrantes e, nas leituras bibliográficas, dois países que nunca dei muita importância me surpreenderam pela quantidade de brasileiros e pela migração diferenciada ao qual estava acostumado a estudar: Austrália e Canadá. Na 26ª Reunião da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), em 2008, cheguei atrasado numa palestra sobre *cleaners* em Toronto, assistindo apenas os últimos minutos da discussão. No final, não consegui falar com a palestrante e a curiosidade sobre o Canadá aumentou. Ao retornar para Marília, conversei com uma amiga sobre essas outras possibilidades de projeto e ela me apontou duas conhecidas que estavam em Toronto na função de *cleaners*. Foi a partir desse momento que a migração para o Canadá deixou de ser apenas curiosidade e passou a ter a minha atenção.

A partir do levantamento bibliográfico, percebi inicialmente que pouco material tinha sido produzido sobre o tema até então. O pioneiro a tratar do assunto no Brasil seria Franklin Goza, analisando a emigração de brasileiros no

período da década de 80 e, mais intensamente, de 90. Homem de seu tempo, as primeiras análises tratam dos imigrantes para a América do Norte no final dos anos 80, mais especificamente EUA e Canadá, quando o fluxo de brasileiros se intensificou. O Canadá é analisado como uma saída para os que queriam entrar nos Estados Unidos mas eram barrados pela burocracia, ou seja, o país era apenas considerado por ser uma etapa do fluxo migratório para os EUA. Entretanto, em 1999, o mesmo autor publica o artigo *Brazilian Immigration to Ontario* onde o foco agora era exclusivamente os brasileiros que moravam na região de Ontário. Tendo como ponto de partida 205 entrevistas feitas no começo da década, o objetivo do artigo é traçar um perfil demográfico desses brasileiros, entender quem eram esses brasileiros que estavam migrando. Naquela época, como Goza (1999) mesmo afirma, a comunidade brasileira era pequena e tinha pouca visibilidade, mas a sua maneira de adaptação era semelhante a de outros grupos recém-migrados.

Já durante a década de 90, alguns poucos artigos foram publicados sobre o tema, mas a partir dos anos 2000 esse número se torna cada vez maior, inclusive com teses de doutorado. Pude então perceber que, apesar da pouca produção, esse tema não era irrelevante. Foi neste momento, em 2008, que entrei em contato com as duas conhecidas da minha amiga que moravam em Toronto e eram *cleaners*. Após algumas trocas de e-mails, uma espécie de pré-campo para entender melhor por onde estava indo, elas me responderam que eram homossexuais e que migraram para o Canadá por causa da homofobia que vivenciaram no Brasil. Uma delas já tinha morado em Londres e experimentado a vida de imigrante. Ao voltar para o Brasil convenceu sua parceira a migrar para o Canadá. Entretanto, já passados alguns meses em Toronto, ao serem pegadas indocumentadas pela polícia, alegaram que queriam entrar com um pedido de refúgio sexual, por serem homossexuais e por terem sofrido discriminação no Brasil. Tiveram 30 dias para se apresentar à corte canadense. Eu recebi esse e-mail quando elas ainda estavam lá, esperando o processo, e percebi que a pesquisa seria muito mais complexa do imaginava, principalmente por causa da política canadense de atração de imigrantes. Em outros países, provavelmente elas já teriam sido deportadas, mas no Canadá, após a polícia bater na porta da casa delas a partir de uma denúncia anônima, elas explicaram a suas trajetórias e tiveram um mês para comparecer na

Justiça e entrar com o pedido de refúgio. Essa maior maleabilidade da política me fez perceber como a pesquisa de campo no Canadá poderia ir além das categorizações documentados/ indocumentados, principalmente porque essas nuances começam de cima, das leis migratórias. Decidi então não delimitar o recorte da pesquisa campo, num primeiro momento, deixando para selecionar em Toronto o grupo social em que as investigações seriam realizadas.

O Projeto

Foi nesse momento que pedi ajuda ao Professor Dr. Odair da Cruz Paiva, para que eu pudesse compreender melhor os dados que havia coletado. A partir do seu olhar clínico, identificamos um interessante aumento no número de imigrantes. Até 1990, contabilizavam-se 5 mil migrantes brasileiros no país. Entre 1991 e 2000, migraram outros 5 mil brasileiros. De 2001 até 2006, data do último censo liberado na íntegra, mais 5 mil e, a partir de uma nota do Ministério das Relações Exteriores¹ alegando terem 20 mil brasileiros no Canadá até o ano de 2009, podemos pressupor que de 2007 até 2009, ano da publicação, mais 5 mil migraram. É um aumento em exponencial: o que demorou 10 anos para migrar 5 mil brasileiros na década de 90, nos primeiros 5 anos da década de 2000 migraram mais 5 mil brasileiros, e nos próximos 3 anos a mesma quantidade, até 2009. Algo estava acontecendo, no Brasil, no Canadá e no mundo, para que esses brasileiros migrassem.

Outro ponto interessante, que me desafiava pensar para além das teorias clássicas de migração, evidenciando que apenas elas não dariam conta de compreender esse fenômeno migratório, era que o Brasil, desde a eleição do presidente Lula em 2002, vinha passando por um período de crescimento econômico e construindo uma boa imagem no cenário internacional. Enquanto a economia crescia, mais brasileiros migravam. Passei a me perguntar para quem o Brasil crescia e quem migrava, e percebi, inicialmente que as teorias clássicas, como do *pull-push*, onde regiões pobres exportavam mão de obra para regiões ricas, não fazia muito sentido nesse momento. Na tentativa de formular hipóteses primárias e explorar teorias que me ajudassem a pensar

¹ <http://www.mpas.gov.br/vejaNoticia.php?id=33986>, acessado em 03/05/2013

esse fluxo, já na Unicamp por intercâmbio interno, conheci a Professora Dra. Rosana Baeninger a qual, numa descontraída conversa no NEPO, me ajudou a dialogar os dados com a teoria das redes sociais, me mostrando que somente eles não dariam conta, mas ajudariam a refinar a análise, tanto no plano metodológico quanto teórico.

Nele, evidenciei que, num primeiro momento, as redes formadas pelos imigrantes de décadas anteriores, inclusive as redes que antes eram residuais dos EUA, como mostrou Goza (1992), estavam ajudando os possíveis sujeitos dispostos a se mudarem do Brasil a se tornarem imigrantes canadenses. Ela fornecia a informação e ajuda típica de grupos étnicos migrantes, diminuindo os custos financeiros e psicológicos da empreitada. O bom crescimento econômico do Brasil e sua imagem global forte atrelada a necessidade do Canadá em aumentar a população jovem e economicamente ativa passou a incentivar que estudantes de intercâmbio de Vancouver voltassem quando mais velhos, que empregados de multinacionais tentassem transferência interna para Montreal ou que brasileiros graduados se tornassem mão de obra qualificada em Toronto. Esse cenário macro me ajudava a compreender o porquê do aumento no número de imigrantes, mas não me fornecia um rosto e nem os desejos e trajetórias de vida desses sujeitos.

No começo de 2011, portanto, ingressei no mestrado em Sociologia na UFSCar com o Prof. Dr. Oswaldo Truzzi, que prontamente se dispôs a me orientar e ajudar na lapidação do projeto. Durante todo o decorrer do ano fizemos reuniões para ajustar o projeto e a viabilidade dele, e a mais importante foi logo após a concessão da bolsa FAPESP, no meio do ano, quando decidimos que seria interessante ir para Toronto em dezembro, período de grande desgaste emocional para quem está longe dos amigos e familiares. As festas de final de ano, as reuniões familiares no Brasil, as férias escolares e o intenso frio fariam com que ficassem no Canadá os imigrantes que realmente quisessem ou precisassem ficar. Decidi, ainda, ir antes do Natal para tentar acompanhar as festividades com a comunidade ou com algum imigrante, e também para que eu mesmo experimentasse essas sensações de estar lá. Como me propus ficar seis meses, sabia que, no mínimo, seria tenso esse período, pois de dezembro até junho eu também perderia as festas de natal e ano novo, o aniversário do meu pai, minha mãe, de grandes amigos, do meu

namorado e inclusive o meu. Para mim, criado numa família extensa cheia de festas e fortes abraços, ao mesmo tempo que sabia dessa tensão também comecei a ficar curioso ao pensar como iria lidar com tudo isso, quais mecanismos iria desenvolver durante esse processo e até que ponto isso estaria ligado com a minha condição também de migrante.

Nesses últimos seis meses antes da viagem, entrei em contato com a Profa. Dra. Andréa Pacheco Pacífico, que já havia citado no meu projeto por ter uma tese de doutorado sobre a situação de refúgio no Brasil e no Canadá. Ela, muito gentilmente, me indicou alguns nomes de Toronto, desde um jornalista até uma professora universitária, a Profa. Dra. Simone Bohn, da *York University*, com a qual entrei em contato, com a ajuda de uma doutoranda em Antropologia Social, a Marta Castilho, também da mesma universidade, e me convidou para fazer parte do *Brazilian Studies Seminar*, um grupo que recebe pesquisadores brasileiros e discute os projetos que desenvolvem no Canadá.

Na busca por material de pesquisa, encontrei um jornal *online* voltado para comunidade brasileira. Num post na sessão de classificados, encontrei um telefone com uma vaga de quarto. Liguei via Skype e quem atendeu foi uma desconfiada senhora portuguesa, que não entendia como eu a havia achado na internet, se ela não postou nada *online* (aliás, nem computador ela tinha e achava que a internet era um único site). Decidi alugar o quarto sem conhecê-lo, apenas vi a foto da fachada da casa no *Google Maps*. Com esses contatos em mãos, o quarto alugado e os papéis burocráticos necessários, entrei com o pedido de visto no final do ano e dia 18 de dezembro de 2011, num domingo, embarquei rumo à Toronto.

O Imaginário Social da Comunidade Brasileira

Ventava frio em Toronto. Passadas as mais de 10 horas de voo, dormi aquela segunda-feira, 19 de dezembro, inteira, ainda que cansado demais para descansar. Estava morando no centro da comunidade brasileira, ou pelo menos era assim que todo mundo dizia-me. Toronto tem as ruas retas, por quilômetros, onde uma única rua pertence a várias cidades. A rua principal do centro era a *Dundas Street*, que era também a rua que fazia esquina com a

casa da Leila, a senhora portuguesa que me hospedava². Dois quarteirões a oeste e estava no coração da comunidade, o cruzamento com *Dundas* e *Dufferin Street*, onde se lia numa placa “examina-se os olhos”. Ao lado, um restaurante e uma floricultura chineses, uma pequena loja chamada *Brazil Direct*, hasteada a bandeira do Brasil e de Portugal. Na vitrine, CD da Ivete Sangalo e condicionador Palmolive e nas caixas de som, do lado de fora do estabelecimento, sempre uma música brasileira, de axé a Paralamas do Sucesso. Quase em frente, do outro lado da rua, um importante e conhecido lugar da comunidade, o Brasil Remittance, a casa de remessa e de câmbio mais citada pelos brasileiros. A proprietária, além de estar há muitos anos no ramo, também realiza todos os anos o famoso carnaval brasileiro em Toronto, tornando-se uma figura notória na comunidade. Ao lado, uma agência de viagens chamada Brasil Travel. Fui informado que, antes da minha chegada, entre esses estabelecimentos funcionava o restaurante Kilo, exatamente por ser comida por quilo. Quando cheguei, porém, já se encontrava fechado.

Ainda na *Dundas St.* sentido centro, no próximo quarteirão, atrás da pensão onde morava, fica um famoso bar brasileiro, chamado Novo Horizonte. Da rua, atrás das grandes janelas de vidro, via-se a bandeira do Brasil, do Cruzeiro, o time de futebol mineiro, e uma grande televisão, sempre ligada na Globo Internacional. No próximo quarteirão, esquina onde morava, uma grande placa escrita Jesus Cristo É O Senhor – Igreja Universal do Reino de Deus, com os horários em inglês e em português na vitrine, e logo na frente, fui saber depois, funcionava o Centro Espírita Joanna de Ângelis, no *basement* (subsolo) da uma loja.

Na *Dundas Street*, a partir do cruzamento com a *Dufferin Street*, em ambos os sentidos, ainda lê-se muita palavra em português, seja de Portugal ou do Brasil. Mas se seguirmos a *Dufferin St.* para norte, apenas alguns quarteirões, chegamos no *Dufferin Mall*, um shopping muito frequentado por brasileiros. É muito comum ouvir o português com sotaque mineiro, nordestino, paulista ou português pelos corredores e nos supermercados como Wal-Mart ou o *No Frills*, este que vende comida a baixo custo. Um pouco mais ao norte, saindo do shopping, nos deparamos com a *Dufferin Station*, estação de metrô

² No APÊNDICE A se encontram vários mapas para ajudar na localização do leitor. Neste trecho, em especial, sugiro ver o MAPA 4.1 e MAPA 4.5.

que incentiva os brasileiros a alugarem uma moradia por perto. Na véspera de natal, dentro do metro, ouvi uma conversa entre uma mineira e homem, ambos aparentando 30 anos, discutindo se iam ou não para o Maná Bar passar o natal e o quanto ela estava cansada, pois na noite anterior chegaram várias pessoas do Brasil na casa dela e todos ficaram conversando até tarde. Estava apressado e assim que o metro parou saí na frente do casal. Do lado de fora da estação, no entanto, estava um senhor fazendo um sermão em português e outro rapaz traduzindo para o inglês. Percebi que, de fato, naquela região, num perímetro de 1 km do cruzamento entre *Dundas* e *Dufferin*, haviam muitos brasileiros, mas principalmente muitos portugueses também, que já migravam há muitas décadas para Toronto. Em parte dessa região localizava-se o bairro Little Portugal e, por causa da aproximação linguística, os brasileiros passaram a morar nela.

Do dia que cheguei até a véspera de natal, quase uma semana, passei pelas redondezas e comprei um *smarthphone* e um computador, objetos imprescindíveis não somente para a pesquisa, mas também para a inserção dos imigrantes na sociedade, como veremos mais adiante. Até então estava comunicável. No dia 24, porém, ainda sem conhecer ninguém, decidi ir ao bar que a mineira havia citado no metro, o Mana Bar. Pelas minhas pesquisas já sabia que se tratava de um bar latino mas frequentado pela comunidade brasileira, e decidi arriscar. Cheguei às 22h30min ao local somente graças ao GPS do meu celular, pois ficava num subsolo, quase despercebido, mas até às 23h40min tinham aparecido apenas duas mulheres e dois homens falantes de espanhol. Decidi ir embora e na saída o guarda me disse que aquele não era um bom dia para vir. Fiquei pensando onde os brasileiros estavam e quem frequentava esse “famoso” bar.

Passado uma semana, ao voltar do centro para casa no dia 31 de dezembro, ainda tentando me adaptar à nova cidade, à língua e na pensão da Leila, estava um pouco angustiado com o progresso da pesquisa. Passei em frente ao bar Novo Horizonte e decidi entrar e comer algo. Na porta de vidro, fechada e com vários papéis colados, acenei para uma jovem garçonete que estava próxima, como quem pergunta “Está aberto?”. Ela rapidamente abriu a porta dizendo “*welcome*” e eu respondi “*thanks*”. Quando sentei no balcão, perto da quentinha com alguns salgados, outra atendente veio falar comigo e

perguntei se ela falava português e ela respondeu que sim. A garçonete, ouvindo a conversa, veio falar comigo, se desculpou por achar que eu era canadense. Rimos.

Essa foi a primeira vez que me confundiram com um canadense, mas não seria a última. Talvez por ser branco, cabelos claros e usar óculos grandes., Numa conversa com uma brasileira algumas semanas depois, ela me disse que eu parecia mais “nerd” do que brasileiro, que minha imagem confundia a identidade brasileira que ela estava acostumada. Sobre essa questão já havia pensado ainda no Brasil, a respeito da imagem que eu iria passar para meus interlocutores. O fato de ter óculos grandes, algo que chama atenção no rosto, me deixou um pouco receoso até perceber que essa imagem de “nerd”, e não de brasileiros, por exemplo, me ajudava mais do que atrapalhava. Várias vezes ouvi conversas em ônibus de pessoas do meu lado que acabavam com um “só espero que não tenha nenhum brasileiro aqui”, ou então de brasileiros numa roda, conversando em português e após algum tempo alguém vem falar comigo em inglês, julgando que eu estava perdido no idioma. Por outro lado, essa aparência me ajudou a ser levado a sério no campo, como pesquisador. O “nerd”, imagem voltada para área acadêmica, me dava uma credibilidade intelectual ao mesmo tempo que não hostilizava as pessoas.

Numa conversa com Carol, a garçonete citada acima, comecei então a perceber não apenas as identidades que minha imagem suscitava mas também as identidades e estereótipos que afloravam no desenrolar da pesquisa de campo. Percebi que a comunidade brasileira, que vive no cruzamento entre *Dundas* e *Dufferin*, tem uma cara, cor, regionalidades brasileiras, classe e geração específicas. Normalmente são brasileiros recém chegados, com pouco domínio da língua inglesa, que vêm tentar a sorte em Toronto, muitas vezes indocumentados. São as brasileiras e brasileiros que se identificam com os latinos, que trabalham nos estabelecimentos portugueses ou na construção, que frequentam a igreja Santo Antônio aos domingos, pois a missa é em português ou que precisam do metro para se locomover. O perímetro de 1km aumenta para 2km e os brasileiros se espalham pelas estações de metro adjacentes. Não estou aqui delimitando um único grupo numa região, mas ao contrário, tentando entender quais migrantes se

aproximam mais dessa identidade brasileira detectada no horizonte social da cidade. Se eu não sou, já que sou o canadense ou “nerd”, quem é e por quê? Passei a perceber então que a comunidade brasileira em Toronto é a comunidade que é identificada com esse local específico e que, por isso mesmo, pode não ser a única na cidade. Onde então estariam as outras comunidades brasileiras? E quem seriam esses brasileiros?

Uma Semana com Carol

Naquela véspera de ano novo, ainda no Bar Novo Horizonte, disse para Carol que estava sozinho na cidade e que não queria passar o ano novo só. Ela disse que estava trabalhando mas que assim que saísse dali poderíamos nos encontrar, garantindo que não iria me deixar sozinho na passagem de ano. Comi um x-bacon e bebi um guaraná, que me foi oferecido com orgulho, e fui para casa. Mais tarde, ela me ligou e pediu para que me encontrasse numa estação de metro próxima da *Dufferin*, perto da casa dela e aonde uma amiga dela trabalhava.

Ao chegar na estação, numa rua com neve ainda no chão, Carol me disse que iríamos num Tai (como são chamados os restaurantes tailandeses em Toronto). Disse-me que eu deveria mudar de casa, que morar em pensão não compensava e que pior ainda era morar na comunidade. Ela não gostava. Disse que os portugueses exploram demais os brasileiros, que rende pouco e dá muita briga, que eles são estúpidos e no final você não aprende o inglês. Ao chegarmos no Tai, sua amiga, que namorava um canadense, e um amigo delas nos esperavam. Os dois eram brasileiros e jovens, assim como Carol, na faixa entre 20 e 25 anos. Estavam “tentando” a vida. Amanda, a amiga que trabalhava no estabelecimento, ficou muitos anos indocumentada e agora ia se casar com o namorado canadense e poder voltar ao Brasil para passear. Já Murilo veio com o namorado para fazer aula de inglês mas o namorado decidiu voltar e ele escolheu ficar. Desde então trabalha como *cleaner* na cidade.

Ao fechar o caixa, fomos para a casa onde as meninas moravam, à um quarteirão dali, num *basement*, um porão comum da arquitetura das casas norte-americanas. Lá, Amanda nos disse que uma amiga do Brasil indicou um amigo dela para passar o Ano Novo com a gente, que ele era estudante de

intercambio e não conhecia ninguém nem nada em Toronto. Enquanto ela se arrumava, nós esperávamos ele chegar. Amanda atrasou, ele atrasou e nem percebemos que a virada do ano passou. Aos 15 minutos do ano novo nos cumprimentamos e ouvimos barulho de várias pessoas chegando: ele trouxe mais três pessoas com ele. O ambiente se encheu de gente, todos jovens, falando corrido, empolgados como se fossem amigos. Todos no *basement* eram brasileiros, com exceção do namorado canadense de Amanda. Vimos vídeos engraçados, comentamos dos lugares de onde viemos, o que estávamos fazendo ali e saímos todos juntos para a festa de ano novo na casa de um amigo do namorado dela. Durante todo o tempo, essa sensação de amizade permaneceu. Fazíamos piada, nos conhecemos, falamos sobre o Brasil, o frio, namoros, família, festas, faculdade... perguntei para todos e ninguém pretendia ficar em Toronto, ou seja, assim que o curso de inglês acabasse pretendiam ir embora. A festa de Ano Novo acabou e na semana que se seguiu nos adicionamos no Facebook e trocamos mensagem de celular. Na quinta-feira Carol me ligou para fazer compras: ela precisava comprar uma bota. Enquanto o grupo de estudantes me ligava para ir em festas na cidade e visitar museu, decidi ir ao encontro com ela no *Dufferin Mall*. Fomos à loja *Winners*, que é uma loja de departamento com preços acessíveis e que tem bastante promoção, mas passamos a tarde inteira conversando na praça de alimentação do shopping comendo *poutine*, uma espécie de batata frita, servida numa cumbuca de plástico, com queijo, algum molho ou outro ingrediente por cima.

Ela me contou de uma lista de trabalho que circula entre os indocumentados, das clínicas que ajudam as mulheres sem documentos (já que a pílula anticoncepcional só é vendida com receita médica e o aborto é legalizado, mas também somente com o consentimento médico). Quando conversamos sobre as opções de emprego e salário, disse que o mínimo que se paga para ser garçoneiro é \$12 dólares por hora mas que para quem não tem autorização de trabalho o salário cai para \$8 dólares por hora. No outro extremo estão os trabalhadores braçais, principalmente da área da construção. Um pedreiro iniciante, de acordo com ela, ganha \$35 por hora, e os “*brickileiros*”, que é pedreiro que faz o serviço mais pesado, ganha \$45 por hora. Apesar de, se convertido ao Real, é um ótimo salário, Carol me disse que

o trabalho era muito desgastante e comparou com o de um trabalho no corte de cana. De fato, ao entrevistar um brasileiro que trabalhou na construção, ele me relatou que, além de ser um trabalho pesado, os brasileiros sofriam muito assédio moral porque a maioria dos empregadores eram portugueses. Relatou-me ainda que, ao errar, os superiores batiam na cabeça dele e caçoavam da burrice de não conseguir fazer um serviço “simples”.

Quando caiu a noite, Carol me convidou para ir ao centro tentar comprar a bota de neve. Enquanto percorríamos a Queen Street no bondinho vermelho e branco, no calor do ar condicionado, ela me contou que veio até Toronto por causa de um jovem que tinha conhecido na internet, amigo de uma amiga sua. Ficaram quase um ano trocando mensagens até que ela trancou a faculdade, trabalhou para juntar dinheiro e comprar um curso de inglês. Pretendia morar com ele, que mora junto com a família no país, mas com o passar dos meses acabaram brigando e ela ficou em Toronto sem conhecer ninguém mais; foi quando decidiu procurar emprego e continuar por mais alguns meses, até o visto expirar. Andamos pelo centro, tomamos sorvete, Carol não encontrou bota alguma e quando estávamos indo embora, me surpreendi com um convite: ela me chamou para ir ao Maná Bar, o mesmo que havia ido no Natal. Ela riu quando contei que já havia ido lá e me confirmou que é quinta-feira o dia que os brasileiros vão. Fomos embora mas combinamos de nos encontrar lá, ainda naquela noite.

Após algumas trocas de mensagens via celular, chegamos no Maná Bar. Diferentemente do natal, dessa vez, do lado de fora havia uma fila com 10 pessoas esperando para entrar no *Students Thursday* (Quinta do Estudante). Dentro, lotado de jovens dançando Jorge Ben Jor, cantado ao vivo por um brasileiro. Poucas pessoas negras ou mais velhas; e a maioria em grandes grupos. Enquanto alguns meninos vestiam camisa polo e sapato, outros usavam calça jeans rasgada, correntes e boné. Já as meninas iam desde com os cabelos alisados pela chapinha, saia no joelho e salto até outras com vestido estilo tubinho curto, maquiagem carregada sem chapinha. Apesar de alguns homens mais velhos estarem também no local, a maioria com uma lata de cerveja na mão conversando entre si ou observando os outros, o que mais predominava eram os grupos de jovens, mistos em relação ao gênero e homogêneos em relação à classe social. Digo homogêneo pois a maioria ali

são adolescentes e jovens de uma classe média ou classe média alta, que logo se identificam. Lembrei-me do grupo que formamos no ano novo e como aquela amizade momentânea cairia bem nos mesmos grupos que agora observava. Era a Quinta dos Estudantes, mas era também a quinta dos jovens brasileiros. O maior exemplo disso era a música, cantada pelo grupo “brazuca”. Tocaram marchinhas de carnaval, axé, pagode, pop internacional, funk, forró e rap, a maioria das músicas conhecidas pelos brasileiros. Naquela noite ainda, depois que acabou a música, depois das 2h30min da manhã, fomos comer comida chinesa num pequeno restaurante do centro, irreconhecível para quem não fosse familiarizado com aquele lugar. Dividimos o táxi na volta e dormi ansioso para o dia seguinte, sexta-feira.

Dificuldades de Inserção no Campo

Julgo de extrema importância descrever esse primeiro encontro e saída com Carol pois não foi o único. Nos primeiros meses, Carol tornou-se minha interlocutora privilegiada na cidade e alguns comportamentos se repetiam, não apenas com ela mas com outras pessoas que também conviviam com ela e que acabei me aproximando. Do relato acima, já pude perceber, no mínimo, três grupos de brasileiros em Toronto que se entecruzam: os que vivem na comunidade brasileira, entre Dundas e Duffrin; os estudantes de inglês que não pensam em ficar; e dos jovens, estudantes ou não, que pensam em ficar. Quando me remeto ao grupo da comunidade brasileira, me refiro àquelas pessoas que chegaram em Toronto um pouco mais velhas, acima dos 25 anos, ou que já estão na cidade a alguns anos, com pouca instrução, falando pouco o inglês, que vem por uma rede, seja familiar ou de amizade, que já está morando naquela localidade e que se identifica com a ideia de ser reconhecida como brasileira, ou mesmo com a comunidade latina. O grau de instrução, principalmente o domínio da língua, e a rede de sociabilidade são os principais componentes que levam esses sujeitos a morarem perto dessa comunidade, muitas vezes estereotipada, dentro da comunidade portuguesa.

Uma derivação desse segmento são os jovens que viajam para Toronto com vontade de ficar. Pouco instruídos ou com alguma instrução, como é o caso de Carol que trancou a faculdade, muitas vezes não têm uma rede

familiar ou de amizade forte ou pré-estabelecida em Toronto, o que não os deixa presos nos limites da comunidade brasileira, apesar de não morarem tão longe dela. Estão também preocupados em aprender o idioma inglês, se inserir na sociedade canadense, apesar de ficarem, muitas vezes, na fronteira entre essas duas. Por fim, tem os estudantes de inglês que não almejam ficar. Estes tem um poder aquisitivo maior que os demais, na maioria das vezes quem paga a estadia em Toronto são os pais, do Brasil, e fazem ou pretendem fazer uma faculdade. É evidente que essas categorizações são porosas e os migrantes circulam entre elas. Com o passar tempo, estes estudantes podem decidir ficar, outros decidem estender mas acabam indo embora; se não se inserirem na comunidade canadense, como ficar porque começou a cursar uma faculdade, podem acabar se tornando parte da comunidade brasileira da Dundas Street, praticando pouco o inglês e morando perto do metro.

Se olharmos essa classificação entrecortada pelos marcadores documentados / indocumentados, Carol, apesar de ter o visto de estudante, trabalha indocumentada, se aproximando do estereótipo da comunidade brasileira. Quer aprender inglês, mas tem muitos amigos brasileiros; quer sair da comunidade, mas vai às quintas dançar forró e mora perto da comunidade portuguesa. Carol representa a fronteira do “vir para estudar” e “ficar para morar”. Como relatei acima, essa não foi a única vez que saí com ela, e ela não foi a única pessoa nessa situação, com a qual fiz amizade. Estar nessa fronteira faz com que Carol, e muitos outros nessa situação, tenham uma vida bastante instável, seja de amizades, de residência ou trabalho. Sem uma rede social forte em Toronto nem pais que possam sustentá-los, esses sujeitos estão sempre na iminência de decidirem se voltam ou não, dependendo da próxima amizade que irão fazer, do próximo caminho que irá se abrir, do tipo de visto que possuem.

Ouvi relatos de imigrantes que vieram para ficar indocumentados e conseguiram – com a ajuda da comunidade, da rede familiar e de amizades que formaram a partir de uma rede de trabalho que se inseriram ou de uma rede religiosa que frequentaram – permanecer em Toronto. Pessoas que vieram devido às poucas oportunidades oferecidas no Brasil para quem não tinha curso superior, da situação de preconceito com quem é homossexual ou até mesmo uma senhora que foi para Toronto em busca de um marido. Esses

exemplos foram de pessoas que deixaram o Brasil porque não viam oportunidades aqui e na maioria das vezes se inserem diretamente na comunidade brasileira, principalmente se não dominam o idioma local. Já Carol, que tinha oportunidades de terminar o curso superior no Brasil, estava indecisa quanto à sua decisão de ficar. Em ambos os casos, sejam os indocumentados que pretendem ficar ou Carol que está indecisa, percebi que a minha abordagem teria que ser mais lenta, gradual. Se, por um lado, já fui convidado por alguns a sair e fazer parte da vida deles, por outro lado, percebi que muitas vezes, apesar de passar horas conversando, era mais difícil me aproximar de temas como indocumentados, família, mercado matrimonial, visto, etc... Percebi que minha presença também representava alguém que poderia possuir mais informações nesse período de instabilidade. Percebi também, menos com Carol, que minha imagem não gerava uma identificação direta, mas representava uma pessoa acadêmica, distante da realidade de alguns, fazendo com que a inserção no grupo fosse rápida, principalmente pela curiosidade, mas superficial, passageira. Muitas vezes percebi um medo, com certas pessoas, que eu pudesse coletar informações sobre a vida deles e denunciá-los, de alguma forma, para o governo, dificultando uma aproximação mais forte. Muitos dos discursos iniciais eram de vitimização da própria história, como se precisassem justificar algo para mim. Escolhi, sempre que questionado, a revelar o motivo porque estava ali, como pesquisador da comunidade brasileira. Esta escolha metodológica fez, na maioria dos brasileiros que estava me envolvendo, aflorar essa curiosidade, mas também esse distanciamento, esse medo do que eu poderia fazer com a informação que me fosse dita. Na maioria das vezes, quando pedia para alguém me contar como havia chegado em Toronto, o imigrante me apresentava um roteiro quase que compartilhado pelos seus pares. Alguém ou algo de ruim aconteceu e o sujeito foi obrigado a ficar na cidade indocumentado. Passada algumas semanas de conversa, algo escapava e percebia que a história não era exatamente como me foi contada. Talvez a situação de fragilidade ajudasse na vitimização da própria história, o falar para confirmar para si mesmo o porquê estava ali, mas o fato é que estava percebendo que, por se tratar de uma pesquisa de mestrado, teria muitas dificuldades, principalmente no começo, em coletar esses dados e essas histórias nas suas pluralidades e densidades. Tive

medo de, por falta de tempo, apresentar um simulacro da vida desses imigrantes, ao invés de adentrar na complexibilidade que é ser migrante, na fronteira do indocumentado, no Canadá.

Sexta é dia de CAIS!

Eis que na sexta-feira, depois de passar toda a quinta com Carol, fui ao Centro de Apoio e Integração Social Brasil-Canadá, o CAIS. Antes de ter esse nome, o centro de caridade se chamava Centro de informação Comunitária Brasil-Angola, mudando recentemente sua razão social e se voltando exclusivamente para a comunidade brasileira. No final de novembro de 2011, eu enviei um e-mail para a diretoria dessa entidade e fui instruído a entrar em contato assim que chegasse em Toronto. O CAIS fica na Dundas Street, alguns quarteirões afastada do cruzamento com a Dufferin Street, sentido centro da cidade. Burocraticamente, o lugar pertence à outra instituição chamada Saint Christopher House, uma instituição de caridade que toda sexta-feira à noite cede um espaço para o funcionamento da ONG brasileira. Naquela sexta, depois de passar a quinta-feira com Carol, pelas pesquisas feitas no site da instituição, sabia que seria a primeira vez que iriam se reunir no ano e decidi ir até o local. Apesar de ter sido informado para entrar em contato assim que as atividades voltassem, depois do recesso de final de ano, decidi arriscar e ir pessoalmente lá.

Ao chegar, reparei numa mesa com uma placa feita com cartolina e canetinha escrita “recepção” e, ainda um pouco desnorteado, fui convidado à sentar. A informalidade do ambiente deixava o clima mais familiar. Fui informado que as pessoas vinham ali todas as sextas-feiras para conversar em português e obter informações sobre imigração. Também me disseram que o CAIS tem outros programas, como a Oficina de Português para Crianças, que ocorre aos sábados de manhã e cujo objetivo era transmitir aspectos da cultura brasileira para os brasileirinhos de 3 até 12 anos que moram no Canadá; o Inglês para Brasileiros, programa que abrange jovens, acima de 14 anos, e adultos brasileiros, ajudando no aprendizado a língua inglesa; e que a cada quinze dias uma advogada especializada em migração recebia brasileiros que

precisam de algum aconselhamento jurídico sobre o processo migratório, ali mesmo no local.

As pessoas que conversavam à minha volta estavam animadas, como se já se conhecessem. A maioria eram casais, ou casados, brancos e acima dos 30, 35 anos. O CAIS funciona numa sala, com algumas mesas, sofás, bolachas e cafés. Também há outra dependência que é uma cozinha repleta de mesas, na maioria das vezes separada por uma porta fechada de vidro, onde me explicaram que ocorrem algumas reuniões, conversas particulares e o aconselhamento migratório. Mais tarde, nesta sala, tive então uma conversa com uma das diretoras que me explicou detalhadamente esses programas e aceitou que eu participasse deles. Mais intrigado sobre quem frequentava a roda de convívio na sexta-feira à noite, ela me disse que algumas pessoas iam ali para praticar o português mas a maioria eram brasileiras e brasileiros mais velhos, estabilizados em Toronto há muitos anos e que sentem falta de falar do Brasil, da década de 80, do Collor, eventos históricos brasileiros, entre outras coisas. Disse-me que muitos que chegam em Toronto querem descobrir a cidade, o país, fugir um pouco do que é o Brasil, se integrar, mas que com o passar de alguns anos começam a sentir saudades, vontade de compartilhar um passado em comum, de relembrar esses momentos históricos, fatos, personalidades e acontecimentos que vivenciaram no Brasil. Muitos que frequentam ali chegaram em Toronto na década de 90 e começo de 2000, já estão estabelecidos na cidade, fazendo com que essa vontade de compartilhar um passado aflore.

Saímos de lá e fomos seguindo a Dundas à pé até o bar Novo Horizonte. Fizemos uma mesa em forma de “L” onde ficamos conversando até meia noite. As conversas de fato giravam em torno da vivência no Brasil e no Canadá, uma extensão menos formal das conversas na roda de convívio. Um dos brasileiros que estava lá me explicou como funcionava a educação no Canadá e descobri que, apesar de formado em engenharia, ele também trabalhava com intercâmbio e que sua esposa era enfermeira no Brasil, mas não poderia ser no Canadá, pois ainda nem tinha conseguido o visto de residente permanente. Conversamos sobre educação, universidade, regras de socialização do Canadá e combinamos, com mais três pessoas, de nos encontrarmos no dia seguinte numa aula de forró.

No sábado, para além do eixo Dundas e Dufferin, a aula de forró ficava mais ao norte da cidade, na longa e reta Saint Clair Avenue. A pequena porta que leva ao estúdio no andar superior passou despercebida por mim, fazendo com que me perdesse entre carros, ônibus e bondes que passavam pela avenida. Cheguei no exato momento que a aula começou e me inseri numa fila onde as pessoas estavam começando a dançar olhando para um espelho que tomava toda a parede. Apesar de ser um dançarino mediano de forró, confesso que me perdi em alguns passos, e fiquei ainda mais perdido quando começou o samba de gafieira e o zouk. Este último ritmo era uma febre em Toronto; e se espalhava como “o ritmo brasileiro”. Já havia lido, em alguns dos muitos cartazes espalhados pelos estabelecimentos brasileiros, algo relacionado com o *Brazilian Zouk* e fiquei tentando imaginar o que seria. Os movimentos e a forma de marcar o tempo lembram uma lambada um pouco mais lenta e a música me remeteu vagamente ao ritmo calipso do norte e nordeste brasileiro. Ao final da aula, me encontrei com as pessoas que havia conhecido no CAIS e um desses casais me ofereceu uma carona de carro até o restaurante Rio 40 Graus, ainda na Saint Clair Avenue, onde eles iriam jantar³.

Notei a diferença entre sair com Carol e esse casal de brasileiros assim que entrei no carro, um modelo grande, com ar condicionado e teto solar. Enquanto meu encontro com ela foi no Dufferin Mall e depois fomos de bonde até o centro passear em lojas de departamento, com esse casal fui de carro até um famoso restaurante da comunidade brasileira. Pensei que talvez pudesse ter encontrado esses outros brasileiros que se perdem no horizonte social da cidade, que não moram na “comunidade brasileira” e experimentam essa brasilidade de outras maneiras. Se estivesse certo, fiquei pensando quem seriam esses brasileiros, onde moravam, quais lugares frequentavam, quais seriam essas outras experiências vividas?

Outros percursos sociais (para além da *Dufferin* e *Dundas*)

³ Além desses deste restaurante e casa de dança na Saint Clair Avenue, uma padaria portuguesa e um restaurante & lounge também são pontos bem frequentados nessa região. (ver APÊNDICE A, MAPA 4.1)

Estávamos num grupo de seis pessoas: dois casais, uma mulher e eu. Percebi uma familiaridade maior entre os casais, como se já se conhecessem a mais tempo. Eles tinham carro e deram uma carona para nós, que não tínhamos. Ao chegar ao restaurante, decorado com quadros de personalidades brasileiras e com grandes televisões transmitindo a novela *Fina Estampa*, fomos recepcionados em português. Do cardápio bilíngue, cada um escolheu um prato: estrogonofe, picanha e moqueca. A conversa girou em torno das leis de trânsito e leis sociais no Canadá, costumes canadenses, e como a cidade de Vancouver se assemelha ao Rio de Janeiro e Toronto à São Paulo. Um desses casais, o Ismael e a Carolina, acabaram se tornando grandes amigos meus, meus interlocutores privilegiados, e pude compartilhar não somente da amizade deles durante todo o período que fiquei em Toronto, assim como também da Carol, mas também pude conviver com esse outro estilo de vida, outro perfil de brasileiros que migram para a cidade.

Com o passar do mês de janeiro de 2012, ficou evidente que estava me relacionando com outro perfil que vai além da chave documentado – indocumentado. Estava lidando com sujeitos que migraram através do processo governamental de atração de mão de obra qualificada, e que não eram poucos. Estava lidando com imigrantes que se casavam porque conseguiriam mais pontos, que cursaram uma faculdade, que pelo menos um dos membros do casal estava na lista das profissões com maiores demandas no país ou que já tinham emprego garantido na cidade. A maioria eram brancos, na faixa dos 30 anos, heterossexuais, classe média ou classe média alta, advindos da cidade de São Paulo, região metropolitana ou cidades próximas. A maioria queria aproveitar os bons índices de escolaridade e baixos índices de criminalidade para ter filhos ou criar os que já tinham nos hollywoodianos subúrbios de Toronto. Com o passar do mês de fevereiro, esse perfil foi se consolidando pela minha vivência com eles. Apesar de ainda continuar conversando com Carol e me inserir no seu grupo de interação, por outro lado, eu passei a frequentar os programas do CAIS e perceber uma maior inserção nesse grupo de brasileiros. Houve, por diversos motivos, uma identificação maior por parte desse grupo comigo, seja porque a grande maioria já frequentou uma universidade, porque já conhecem, e muitos se interessam, pelos processos de uma pesquisa acadêmica, porque viemos da

mesma região do Brasil e, apesar desses valores subjetivos de identificação, minha imagem estava vinculada ao da ONG e muitas vezes da York University, onde frequentava algumas vezes, amenizando o estranhamento entre nós. O programa que acompanhei mais de perto as atividades e que conheci mais brasileiros foi o da Oficina de Português para Crianças, aos sábados de manhã. Ajudei a fazer uma cotação de livros, filmei o carnaval das crianças, participei de todas as reuniões pedagógicas (a oficina é auto gestora, ou seja, são os próprios pais que administram ela), opinei nas reuniões e inclusive fui convidado várias vezes para participar de churrascos de final de semana.

A mãe de uma das crianças me disse certa vez que ali não eram os brasileiros da comunidade, eram diferentes. Ela se referia ao imaginário da comunidade brasileira, ao imaginário *Dundas & Dufferin*, ao imaginário muitas vezes associado aos indocumentados, já que ali na Oficina todos sabiam que não havia ninguém que migrou sem os papéis, os documentos oficiais. Além de corroborar com minhas suspeitas, de que estava lidando com outro grupo específico dentro da comunidade e que estava me inserindo nesse grupo, percebi, por outro lado, que estava me afastando da “comunidade brasileira”, do que era chamado de comunidade brasileira e que nesse momento eu já nem sabia ao certo o que era. Se a ideia de comunidade brasileira me parecia ainda um tanto quanto homogênea demais, me apresentava como um perfil muito rígido, que precisava ser mais bem explorado para perceber suas contradições, seus limites, suas porosidades, a imagem que estava se formando para mim do grupo dos imigrantes que frequentavam a Oficina estava se tornando mais fluida, para além de uma identidade única e centrada, de uma identidade de imigrante, para além de um grupo homogêneo e de uma construção sociológica hermética. A oficina estava se tornando, aos poucos, a minha forma de inserção no campo.

Além de, mais para frente, conseguir entrevistas e fazer boas amizades a partir da Oficina, outra porta de entrada para o campo foi o Café com Letras, promovido toda quarta-feira de manhã, de cada mês, pela consulesa Solange Escosteguy Cardoso. Numa entrevista descontraída em seu apartamento, Solange me disse que começou o café como algo informal, apenas com suas amigas íntimas, mas a reunião acabou tomando grandes proporções e ela acabou levando o evento para um restaurante brasileiro, fora do eixo, Dundas e

Dufferin, onde se paga \$15 de entrada e pode tomar café da manhã à vontade, com direito inclusive ao disputado pão de queijo.

O Café com Letras, depois dessa mudança, passou então a promover palestras, de diversos temas para quem o frequentasse, desde imigração e saúde até decoração de casa. O mais interessante aspecto que percebi foi a quantidade de mulheres no local. Se tinham em torno de 40 pessoas assistindo às palestras, apenas 3 eram homens. Eu mesmo, na primeira vez que frequentei, fui convidado para tirar uma foto com mais outros homens: era a primeira vez que tinham “tantos” homens assim. Foi a partir dessa percepção que alguns temas começaram a tomar espaço na pesquisa, com a interseccionalidade de gênero. A maioria das palestrantes eram mulheres, assim como o público, as fotógrafas e atendentes. Na apresentação rápida que cada uma faz no começo, percebi que muitas tinham curso superior, mas exerciam outras profissões. Muitas se diziam do lar, enquanto outras diziam que no Brasil, por exemplo, eram psicólogas, mas em Toronto eram do lar. A maioria das profissões ditas ali eram da área de mídia, estética, *baby sister*, fotógrafas, jornalistas, corretoras. Algumas ainda disseram que não trabalhavam, vieram acompanhar o marido, mas percebi que eram um pouco mais velhas que o perfil de mulheres ali. Os outros dois homens eram músicos e aproveitaram o lugar para divulgar o trabalho de cada um.

Os motivos que faz com que as mulheres frequentem o Café são diversos. Uma delas certa vez me disse que ia lá para divulgar seu trabalho, outra para fazer *networking* e conseguir mais clientes. Uma senhora, que inclusive foi por mim entrevistada, me disse que ia porque encontrava as amigas, fazia fofoca e falava em português. Apesar de poucas, algumas delas me disseram que iam por causa da palestra que achavam interessante. Uma dessas mulheres, porém, me disse que era a segunda vez que ia, que gostava de assistir a palestra e ir embora. De fato, ir no Café, assistir um(a) palestrante brasileiro(a), conversar com outras mulheres consolidava uma rede feminina na cidade. Uma mulher me alertou “Você tem que ver também quem é que não vem aqui! Quem é que não vem? Hoje é dia de trabalho, 10 horas da manhã, quem trabalha não vem”. Enquanto para algumas era um passatempo, para outros representava um luxo, pois teriam que faltar ao trabalho, mas para outras ainda poderia ser uma questão de sobrevivência, pois era ali que elas

iriam fazer ou aumentar sua *networking*, sua rede de contato, seus clientes, trocar cartões de visita e marcar outros encontros.

Pensando na Oficina de Português, lembrei o quão surpreso fiquei no primeiro dia, na apresentação dos pais e do calendário de atividades, quando percebi que era o casal, o marido e a esposa, que vinha trazer a criança e discutir o cronograma. Entretanto, percebi que estava errado pois, depois desse primeiro dia, nas reuniões subsequentes, a maioria das pessoas que acompanhavam as crianças e as atividades eram as mães, com poucos pais junto. Uma imigrante, que inclusive cheguei a entrevistar depois, até justificou uma vez dizendo, quando comentei que apesar de ser sábado de manhã só tinham mães ali, que o marido dela trabalhava em alguns sábados e por isso não vinha. Apesar disso, durante os cinco meses que frequentei a Oficina, vi poucos maridos por ali.

A partir dessas observações, passei a perceber que não só estava entrando num grupo de brasileiras e brasileiros específicos mas como detectando comportamentos desse grupo, encontrando especificidades próprias que me dariam pistas não apenas da adaptação em Toronto mas de um processo maior de seletividade e perfil de um fluxo migratório específico; causas e consequências de um tipo de migrante brasileiro para o Canadá.

Decidi, com a ajuda do Oswaldo Truzzi, a delimitar o grupo de estudo. Apesar de me aproximar de Carol e de sua rede de sociabilidade e até entrevistar pessoas que estavam em situação de indocumentados, o contato com os migrantes que vinham pelo programa de atração de mão de obra do governo se mostrou de mais fácil inserção, naquele momento, de mais rápida identificação e inclusive aflorando mais rapidamente caminhos que poderia seguir na pesquisa. Por estarem em situações mais frágeis, apesar de conhecer outros imigrantes indocumentados, percebi que levaria mais tempo para desenvolver a pesquisa, que o uso do gravador em entrevistas poderia espantar possíveis entrevistados e que teria que me inserir num outro nicho para além do que eu já estava. Por outro lado, dado o curto tempo que tinha para fazer um bom trabalho, a rápida inserção e a detecção de alguns comportamentos desses imigrantes, decidi delimitar o olhar antropológico que a observação participante exige para esse grupo específico, que além de pouco estudado no âmbito das migrações era uma característica marcante do

governo canadense. Decidi, então, começar selecionar e entrevistar os imigrantes chamados de mão de obra qualificada.

As entrevistas

A alguns dias do inverno acabar, no começo de março, fiz minhas duas primeiras entrevistas. A primeira, realizada num *Tim Hortons* quente e regada a café, entrevistei um jornalista com o qual havia entrado em contato ainda aqui do Brasil. Percebi que ele não era o perfil que eu estava procurando pois havia vindo para Toronto na década de 90, solteiro e recém formado para tentar a vida na cidade. Pagou-me um café, disse que era costume de quem já estava a mais tempo na cidade pagar para os recém chegados, e conversamos por uma hora. Despedimos-nos e só mais tarde percebi que minha empolgação me fez esquecer de perguntar se ele tinha outro imigrante que poderia entrevistar. No mesmo dia, mais tarde, fiz uma entrevista com um casal já conhecidos meus, o mesmo casal que havia jantado a quase dois meses atrás no Rio 40 Graus. Jantamos, assistimos Avenida Brasil, comemos uma sobremesa que eu havia preparado e começamos a entrevista. Duas horas e meia depois estávamos exaustos de tanto conversar. Ele me disse que veio antes, no final da década de 90 fazer faculdade e conseguiu a cidadania por se casar em Toronto na época, com uma brasileira. Separaram-se, ele voltou para o Brasil e conheceu sua atual esposa, da área da saúde. Por causa do estresse que ele estava sofrendo, ele decidiu migrar de volta para Toronto; ela foi junto.

Optei por fazer um questionário aberto, informal. Tinha algumas perguntas chave na minha cabeça e temas que queria abordar, mas comigo só levava um gravador pequeno no bolso e muitas dúvidas. Normalmente, após uma rápida conversa informal, ligava o gravador, perguntava se poderia gravar a entrevista (de maneira mais formal, para deixar registrado na gravação) e dizia que fazia mestrado na UFSCar, em São Carlos, que inicialmente o projeto era apenas teórico mas decidi abrir para fazer a parte prática, e por isso nunca tinha vindo até Toronto, que o estudo era sobre os brasileiros que moravam na cidade e região metropolitana, os que vieram pelos processos de migração do governo, e as redes sociais que esses brasileiros se encontravam. Minha preocupação nesse momento era de não dar muita informação específica da

pesquisa para não enviesar os entrevistados. Delimitava-me a falar mais sobre a construção do projeto e o que estava procurando, de maneira ampla, para deixar o migrante começar por onde achasse mais conveniente.

Com o decorrer do tempo, ia afunilando a entrevista em alguns pontos centrais, como a região de onde vieram, diploma e profissão no Brasil e aqui, decisão de migrar, conhecidos no Canadá e família no Brasil, como chegaram em Toronto (tanto na questão do status, com ou sem emprego, quanto quem ajudou e a quem recorreram), onde chegaram, problemas de adaptação e filhos (adaptação destes e do casal com eles ou se pretendiam ter). No final dessa primeira etapa, perguntava para eles sobre pontos bons e ruins do Brasil e Canadá/Toronto, o pior momento que cada um vivenciou e quais as expectativas para o futuro. Normalmente, essa primeira parte durava uma hora, uma hora e meia e, apesar de estruturar a entrevista nessa ordem, nem sempre ela foi seguida. Algumas perguntas eram respondidas antes, ou o próprio migrante esquecia algum ponto e eu retomava depois que ele lembrasse. Dependendo da pessoa que entrevistava, inclusive pela multiplicidade da experiência de cada um, acabei também fazendo outras perguntas mais específicas, de acordo com a história que me era contada.

Em algumas entrevistas, principalmente para aqueles que tinham pouco tempo, ou se estávamos num café, por exemplo, a entrevista acabava nesse ponto. Já para os imigrantes os quais fui na casa, ou já conhecia (e não foi somente indicado por alguém sem eu saber quem era), ou estava se sentindo só, com vontade de conversar, por exemplo, eu entrava numa segunda parte da conversa. A partir desse ponto, e com mais lucidez nas últimas entrevistas, eu me aprofundava na pesquisa, contava um pouco da minha vivência em Toronto, o que eu tinha visto e pensado da comunidade, alguns dados preliminares e jogava para os imigrantes essas informações, que rebatiam a medida onde se sentiam afetados pelo meu discurso. Nessa segunda parte, ia conduzindo os temas a medida que os imigrantes se sentiam tocados, incomodados, ou se sentiam perdidos, pensativos na própria história de vida. Apesar de ser extremamente cansativa, essa era a parte que mais gostava pois desafiava não apenas o imigrante a repensar a sua trajetória, seus valores e atitudes mas também me desafiava a pensar junto com eles. Mais do que respostas a minhas perguntas, creio que consegui trocar ali experiências para

além do roteiro sociológico preestabelecido. Friso esta parte pois a maioria dos insights que tive vieram desse momento, quando a muralha pesquisador / pesquisado começa lentamente a se desfazer. A entrevista mais longa que fiz, por exemplo, teve quase sete horas de gravação, ininterruptas. Nessa segunda parte, eu e meus entrevistados, que no começo disseram ser tímidos e de poucos amigos, conversamos sobre vários pontos da experiência de ser migrante em Toronto, sobre frustrações e derrotas acumuladas nesse percurso migratório, nas nossas trajetórias de vida. No final, acabei sendo contemplado por um delicioso bolo de cenoura com calda de chocolate às 1:30 da manhã. No caso desses brasileiros, como disse, muitos estavam ali ainda perdidos, falavam pouco português no dia a dia, se identificavam comigo, ou simplesmente gostavam de conversar, de contar suas histórias e angústias.

Ao todo, realizei 22 entrevistas contabilizando mais de 49 horas gravadas. Dividi-as em cinco frentes: Brasil; CAIS; Café com Letras; Oficina de Português e Canadá, sendo que cada um desses “lugares” foi onde conheci os imigrantes que entrevistei. Do "Brasil", ou seja, antes de chegar no Canadá, consegui apenas uma entrevista, além de muitos contatos proporcionados pela Profa. Dra. Andréa Pacheco, uma pessoa extremamente prestativa que me ajudou muito apesar de nunca termos nos conhecido pessoalmente. O mesmo ocorreu do lugar que chamei de "Canadá", onde consegui também apenas uma entrevista com um casal animado que adora dançar forró em Toronto. Quem me ajudou foi uma grande amiga minha chamada Silvia, que conheci justamente na aula de forró e zouki que frequentei. Encontrei-a de novo no carnaval e ficamos amigos. Apesar de ter nascido em Toronto, o pai da Silvia é brasileiro mas foi morar no Canadá quando ainda era adolescente, quando vários anos depois se casou com uma sul-africana. Silvia gosta muito da cultura brasileira e frequenta todos os eventos da comunidade, principalmente os que se relacionam com dança, como o carnaval, festa junina e festivais de dança de forró espalhados pelo ano. Apesar de ter entrevistado apenas um casal, conheci um enorme grupo de brasileiros, muita vezes solteiros ou casados sem filhos, que fazem parte dessa rede, que se reúnem ao redor da música na cidade.

Já do grupo de pessoas que conheci na “ONG CAIS”, um casal de entrevistados me apresentou mais outros dois casais os quais entrevistei. Um

deles, inclusive, se conheceu em Toronto, quando estavam indocumentados e voltaram para o Brasil para entrar com o processo de migração por província⁴ pois o marido havia conseguido que uma empresa se responsabilizasse em entrar com o pedido de visto de trabalho por ele. Foram, naquela época, para Alberta, uma pequena cidade no interior do Canadá onde há uma forte atração de mão de obra qualificada para a indústria petrolífera, e depois de alguns anos voltaram para Toronto onde ele estava decidido a fazer o curso de veterinária, sua verdadeira paixão. A esposa, por outro lado, estava ansiosa pois, depois de ter tentado abrir alguns negócios no Brasil, tinha planos de comprar uma casa e alugar os quartos para estudantes brasileiros. Quando eu estava lá, eles estavam nessa transição, voltando para Toronto, fazendo amizades com os brasileiros que migraram com os documentos, os chamados qualificados, e ao mesmo tempo retornando os contatos com os antigos amigos que estão ainda sem os papéis. Contaram-me dessa transição, desses dois perfis que, de acordo com eles, é difícil de confluir. Eles mesmos estavam passando por essa transição, de não mais se encontrarem nas conversas dos antigos amigos e estilo de vida de antes.

Já o “Café com Letras” foi onde tive a possibilidade de realizar o maior número de entrevistas. Tive também a oportunidade de entrevistar a fundadora do Café com Letras e consulesa Solange Escosteguy, que me relatou não somente sua experiência como mulher e esposa do cônsul brasileiro em Toronto mas também sobre a história e desafios do Café, assim como, com a ajuda da Solange, pude entrevistar o cônsul Afonso Escosteguy. Vale ressaltar que qualquer pessoa pode, se necessário, marcar uma entrevista com ele no consulado, mas como já havia entrevistado a Solange, pedi como indicação seu marido, que prontamente aceitou. Numa manhã nublada, no centro de Toronto, me encontrei com Afonso no consulado brasileiro onde ele me ajudou a entender qual a imagem da comunidade para a prefeitura de Toronto e disponibilizou alguns dados sobre os migrantes.

E, por fim, a partir da “Oficina de Português”, apesar de ter algumas entrevistadas, afirmo sem modéstia que lá foi o lugar onde as trocas se realizaram de forma mais intensa. Quando cheguei, meio receoso, percebi que

⁴ Esse e outros processos são explicados detalhadamente no próximo capítulo.

os pais me olhavam ora com curiosidade, ora com receio. Como ela é autogestada por eles e apesar de uma das diretoras do CAIS ter confirmado minha participação no projeto, percebi que, num primeiro momento, eu, solteiro, jovem, sem filhos, causava um ruído naquele universo. Ao perceberem que minha pesquisa seria também sobre eles, que estava ali possivelmente observando e anotando o que faziam só aumentava esse receio, principalmente porque aquele lugar girava em torno dos filhos deles, o que aflorava a categoria não do imigrante, primeiramente, mas a categoria de pais que se preocupavam com suas crianças.

Entretanto, com o passar das reuniões aos sábados de manhã, com o nosso convívio se estreitando, a situação de estranheza foi diminuindo. Não somente eu me interessava pelas experiências dessas famílias mas elas também se interessavam pelo meu projeto, me perguntavam como eu fazia, o que fazia, da onde eu era. Minha preocupação foi sempre de ser o mais sincero possível, inclusive discutindo angústias e caminhos que ia percorrendo. Certa vez, numa quinta-feira à tarde, recebi um e-mail para ajudar na biblioteca que estavam montando. A Oficina fica num espaço cedido pelo Centro Espírita Joanna de Ângelis, um centro brasileiro, na Dundas Street mesmo, e por isso não tem um espaço próprio para funcionar. A ideia da biblioteca era que cada um pudesse contribuir com um livro que o filho já cansou de ler e fazer uma troca entre as crianças. Entretanto, a Oficina, ao cobrar uma quantia simbólica de cada criança, conseguiu, com a ajuda do CAIS, um pequeno dinheiro para comprar alguns livros do Brasil. No e-mail que recebi veio um pedido do então administrador financeiro para que eu fizesse a cotação dos livros sugeridos pelos pais em grandes livrarias do Brasil. Ao todo, foram 47 livros cotados em 6 lojas virtuais e me fez perceber eu estava sendo aceito no grupo, participando e interagindo com ele. Esse episódio foi interessante pois a barreira entre eu e o outro começou a se movimentar, a abrir pequenos buracos. Fiz uma planilha, enviei por e-mail e partir desse dia passei a fazer outros pequenos trabalhos, como, por exemplo, ser o encarregado de filmar as crianças no carnaval infantil. Como era gestado pelos próprios pais, cada um que estava lá tinha uma função, ou pelo menos ajudava na elaboração do cronograma e nas atividades extras, e assim eu também passei a fazer parte, e não somente do ambiente da Oficina mas também dos churrascos promovidos nos finais de

semana e das rodas de conversa desses pais. Para além da interação das crianças na sala de estudos, com as educadoras, realizar esses churrascos era mais do que um incentivo para colocar as crianças em contato, mas também esses pais e mães, esses imigrantes. Ali se poderiam encontrar afinidades, fazer contatos, trocar informações, experiências e histórias: percebi que era ali que a rede de migrantes brasileiros qualificados com filhos pequenos e pré-adolescentes se fortalecia.

A Partida

Depois de cinco meses, um dia depois do meu aniversário, deixava Toronto. Iria para Montreal conhecer a parte francesa, estudar francês e experimentar outras sensações do país. Meu penúltimo entrevistado me indicou duas pessoas para entrevistar na cidade e, apesar de saber que não era o meu objeto, acabei entrando em contato com eles e entrevistando-os. Um deles ainda me indicou outro brasileiro, de tal sorte que eu acabei realizando três entrevistas na cidade mais boêmia do Canadá. Voltei para Toronto apenas no dia do meu vôo. Silvia, minha amiga canadense dançarina de forró, me acompanhou até o embarque. Entrei num voo sem volta, pelo menos naquele momento.

As conversas nos bares, na ONG, nas casas dos imigrantes, as gravações, as anotações no celular, as notas salvas nos rascunhos de e-mail, as palavras faladas em voz baixa, em voz alta, as gesticuladas ou não transmitidas não estão todas contempladas neste trabalho de campo, nesta etnografia. Por isso julgo importante este capítulo, tentar mostrar um pouco que além do método utilizado, além da inserção sociológica e antropológica no campo, passaram por mim experiências diversas que me moldaram e moldaram minhas investigações. Nos próximos capítulos, apresento um pouco do contexto histórico que desencadeou o fluxo migratório para o Canadá, o perfil esperado a partir dos programas governamentais e como os imigrantes de fato migram, de fato se deslocam e se inserem na sociedade torontiana. Creio que os sentimentos também fazem parte constitutiva na escolha de objetos, caminhos e desenrolar da pesquisa, e por tanto apresento aqui uma realidade com o sabor da minha perspectiva. Assim como eu desenvolvi esta

pesquisa com os imigrantes, os imigrantes se desenvolveram em mim, me deslocando para lugares desconhecidos, concretos ou abstratos, para dentro do outro ou para dentro de mim. Espero ter conseguido transmitir aqui esses desafios da pesquisa.

2 Contextos Históricos e Migratórios

1987

O ano de 1987 é fundamental para qualquer estudioso da migração de brasileiros para o Canadá. Certa vez, numa conversa via Facebook sobre a comemoração dos 25 anos de migração brasileira para o país, uma pessoa se posicionou contra essa comemoração, dizendo conhecer brasileiros que moravam em Toronto desde a década de 60. De fato, conversei com algumas pessoas que conheciam esses brasileiros que migraram em meados do século XX, inclusive uma canadense cujo pai migrou para o Canadá quando tinha 20 e poucos anos e hoje tem mais de 60! Entretanto, não podemos confundir esses primeiros imigrantes com um fluxo migratório. Esses pioneiros foram importantes para o fluxo, mas contextos históricos mundiais, contextos brasileiros e canadenses transformaram esses pioneiros e alguns resíduos migratórios em densas redes sociais, passando de migrantes isolados com motivações pessoais para um fluxo migratório com características próprias. Convencionou-se, portanto, comemorar o início do fluxo migratório de brasileiros para o Canadá no ano de 1987 devido à grande quantidade de brasileiros que entraram durante o ano anterior àquele ano. Também, a partir dessa data, entrou em vigência a obrigatoriedade de possuir o visto para entrar no país, que até então não era necessário.

Passados quase 15 anos, um atentado terrorista nos EUA e a eleição de Luís Inácio Lula da Silva para a presidência do Brasil em 2001, entre outros acontecimentos, fez com que esses países se encontrassem em outros contextos políticos, econômicos e sociais, o que me levou a repensar nos fatores de atração desses novos migrantes. Portanto, neste capítulo, discutirei quais foram os fatores históricos que impulsionaram o aumento do fluxo, quais consequências esse aumento desencadeou e qual o perfil desse brasileiro migrante do final da década de 80. Além disso, discuto esses dois períodos migratórios, de 1987 até 2001 e de 2002 em diante. Em ambos analisarei as transformações macroestruturais e históricas que desencadearam estratégias migratórias por parte do governo e dos imigrantes. No segundo período migratório, foco dessa pesquisa, além desse contexto mais amplo, me

aprofundo na discussão específica dos migrantes qualificados, tanto no aporte teórico, problematizando conceitos das redes sociais, quanto no que diz respeito às implicações práticas dessa categoria analítica, seja por parte das políticas migratórias do Canadá, como, por exemplo, as concessões de visto e cidadania, seja por parte dos imigrantes, como o surgimento de um perfil de brasileiros que migram para o Canadá e as estratégias migratórias que acionam, inventam e reinventam no percurso. Aqui, traço um panorama geral do tema e preparo o terreno para discutir, nos próximos capítulos, os pormenores da vivência desses sujeitos.

Visibilidade e seleção de emigrantes brasileiros nos finais de 80 e 90

Apesar da importância desse fluxo, principalmente por conta das especificidades das políticas migratórias canadenses, pouco material acadêmico e bibliográfico foi produzido sobre os brasileiros residentes em Toronto. Com efeito, é indubitável a importância de Franklin Goza, pioneiro nos estudos de brasileiros no Canadá, cujo enfoque é a província de Ontário. Sua obra mais importante para a nossa discussão é o *Brazilian Immigration to Ontario* (1999), escrita para a *International Migration*, que reúne dados recolhidos a partir de *surveys* realizados no final do ano de 1991 na região de Ontário⁵. Naquela época, quando os brasileiros eram chamados de “novos” imigrantes, dois fatores motivaram o pesquisador a se debruçar sobre esse fluxo. O primeiro foi a obrigatoriedade do visto para os brasileiros a partir de 1987 e, o segundo, a grande proporção desses imigrantes, pós 87, que entravam como refugiados no país.

Para o autor, o principal fator de expulsão dos brasileiros foram as crises políticas e econômicas da década de 80, a “década perdida” do Brasil. Antes da crise, durante o período do “milagre econômico”, muitos brasileiros viajaram para a América do Norte, principalmente para os Estados Unidos, em cidades como Nova Iorque e locais como *Disneyworld*. Afirma que, com a chegada dos

⁵ Outro texto importante, um pouco menos específico, publicado em 1992 na ABEP, foi *A imigração brasileira na América do Norte*. Neste, Goza documenta e compara a crescente onda de brasileiros que migraram para os EUA e o Canadá até 1991. A diferença é que em *Brazilian Immigration to Ontario* o autor atualiza alguns dados, acrescenta tabelas e, é claro, discute especificamente o caso dos brasileiros no Canadá.

anos da crise, a classe média brasileira sofreu consideráveis perdas de posição e, desiludida com as soluções domésticas da época, alguns tomaram a decisão de migrar para a América do Norte. Com o avanço dos estudos migratórios e a partir de dados do próprio texto, onde a maioria migrante era da macrorregião de Governador Valadares, em Minas Gerais, podemos dizer que não só a propaganda e a crise levaram esses brasileiros a migrarem, como afirma o autor, mas também o estreitamento histórico e cultural dessa região do Brasil com a história e cultura estadunidense⁶. Com relação ao Canadá, a migração de brasileiros esteve, desde seu início, vinculada à migração para os Estados Unidos. Com o tempo, a rede social migratória, que era residual e tinha Toronto apenas como parada temporária, passou a ter como destino final o Canadá.

Com o aumento das exigências do visto de turista americano, especialmente para quem nasceu no estado de Minas Gerais, muito conhecido por sua população emigrante, potenciais emigrantes passaram a considerar outros destinos que poderiam oferecer um padrão decente de vida e salários relativamente altos. O Canadá surge como um desses destinos por diversas razões. Até 1987, os brasileiros não precisavam de visto para entrar neste país. Inicialmente, alguns usavam o Canadá como uma etapa para entrar clandestinamente os EUA. No entanto, em meados e final dos anos 1980, os brasileiros já haviam percebido que no Canadá, especialmente em Toronto, também havia empregos bem remunerados. Além disso, voos diários do Rio de Janeiro e São Paulo para Toronto facilitaram o movimento sul-norte. Além disso, o país também era visto como uma terra livre da discriminação que os brasileiros vinham frequentemente encontrando nos EUA. Coletivamente, esses fatores levaram a um movimento significativo de brasileiros para o Canadá, especialmente na última década. (GOZA, 1999:767, tradução nossa).

⁶ Para mais informações sobre a região de Governador Valadares e a migração de mineiros para os Estados Unidos, cito três trabalhos (entre os muitos já produzidos): SALES, T. **Brasileiros longe de casa**. Editora Cortês, São Paulo, 1999; SIQUEIRA, S. **Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno. Brasil/EUA**. Belo Horizonte: ARGUMENTVM, 2009; ASSIS, Gláucia de O. **De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros**. Tese de Doutorado. Programa de Doutorado em Ciências Sociais, IFCH, Campinas, 2004

Podemos perceber que Toronto era, então, uma etapa do fluxo migratório que se direcionava para os Estados Unidos, principalmente porque não havia a necessidade de visto para entrar no Canadá até 1987, onde muitos passavam para o “outro lado” indocumentados ou mesmo acabavam tentando se estabilizar na cidade. Entretanto, com o aumento significativo dos brasileiros que entraram naquele ano como turistas, sendo que “mais de 10 mil brasileiros voaram diretamente para Toronto durante os meses do verão de 1986 e 1987” (tradução nossa) (Touriscope, 1987, 1988 *apud* GOZA 1999:767), o governo canadense passou a fazer interrogatório e instituiu o visto obrigatório. Os primeiros a terem seus vistos negados e mandados de volta ao Brasil foram aqueles que não traziam consigo uma quantidade de dinheiro suficiente para provar sua situação de turista. Nesse período, o autor relata uma estratégia muito interessante usada pelos brasileiros: o pedido de refúgio. Desde 1985, o Supremo Tribunal canadense determinava que as pessoas que ingressavam no país na condição de refugiados deveriam ter uma audiência antes de ser expulsos, se fosse o caso.

Estabelecia ainda que, enquanto aguardassem a definição de seu status, poderiam trabalhar no Canadá, beneficiando-se do seguro nacional de saúde quando necessário. Além disso, a possibilidade de recorrer à instância superior contra as decisões desfavoráveis permitia que uma pessoa permanecesse no Canadá por vários anos, até esgotar todas as chances de apelação. Como resultado, crescia o número de brasileiros que, chegando ao aeroporto de Toronto, requeriam ao status de refugiado. Mais de 50% dos brasileiros entrevistados nesta pesquisa aguardavam uma decisão sobre seu caso. (GOZA, 1992:67-8).

Goza afirma que em 1989 essa política foi modificada, onde esse processo passou a ter duas instâncias. Na primeira era verificado se o pedido de refúgio era válido e razoável. Caso não fosse, a pessoa era obrigada a voltar. Caso fosse, eram concedidos os direitos acima e encaminhado o possível refugiado a uma nova audiência. Após esse período de fervor, houve uma diminuição da emigração de brasileiros para o Canadá pelos meios legais, cedendo lugar a outros métodos de entrada no país. Muitos entraram como

turistas, mas permaneciam no Canadá, mesmo depois da validade do visto, tornando-se indocumentados. Outros, ainda com o visto de turista, começaram a trabalhar, mesmo sendo proibida tal prática, e, com o passar do tempo, aplicavam para o visto de residente permanente. O aumento da seletividade e dificuldade de migrar não fez com que o fluxo de emigrantes cessasse, apesar de ter diminuído, culminando no aumento do número de brasileiros indocumentados no país, em especial na cidade de Toronto. No artigo de Goza e Marteleto (1998), escrito sobre remessas, podemos perceber que o número de visitantes brasileiros continuava a crescer durante a década de 90, o que corrobora com a ideia aqui desenvolvida.

O número de visitantes brasileiros no Canadá tende a crescer todo ano, mesmo porque agora se espera mais visitantes da América do Sul do que qualquer outra nação (*Statistics Canada*, 1997). De fato, durante um período de dez anos, de 1987 até 1996, o número de brasileiros visitando anualmente o Canadá aumentou de 23,495 para 64,056, um aumento de a 173%! (GOZA; MARTELETO 1998:554) (TRADUÇÃO NOSSA).

Ao analisarmos os dados mais atuais, podemos perceber que o número de brasileiros que se direcionavam para o Canadá, depois da década de 90, continuou aumentando. O governo canadense publica anualmente, desde 2003, o *Facts and Figures: Immigration Overview – Permanent and Temporary Residents* (Fatos e Números: Visão Geral da Imigração – Residentes Permanente e Temporários), realizado pelo famoso CIC, *Citizenship and Immigration Canada* (Cidadania e Imigração Canadense), o órgão governamental responsável por todos os processos, controles e ações migratórias. Esse boletim é uma publicação específica do censo canadense feita anualmente e voltada só para a imigração. É uma espécie de termômetro migratório e apresenta a entrada anual de residentes permanentes, classificados por categoria de imigração, e de residentes temporários presentes em 1.º de dezembro de cada ano. Essa publicação é composta de uma série de quadros estatísticos e gráficos que cobrem o período de dez anos a partir da data da publicação. Para este trabalho, foram utilizadas as publicações de

2003 e 2011, além das estatísticas do próprio CIC do ano de 1996⁷, com a finalidade de compreender a quantidade de brasileiros que são aceitos como residentes permanentes em todo o Canadá. A tabela abaixo apresenta um resumo, feito por mim, retirado dessas publicações.

TABELA 1 – Entrada de Residentes Permanente Brasileiros no Canadá durante o período de 1991 até 2011.

	1991 – 1995	1996 – 2000	2001 – 2005	2006 – 2010
Número de residentes permanentes	3.812	3.220	4.391	7.575

Fonte: *Immigration Statistics, 1996; Facts and Figures: Immigration Overview—Permanent and Temporary Residents, 2003; 201.*

Podemos perceber que a tabela mostra, não o número de vistos emitidos, mas o número de entradas desses imigrantes brasileiros em todo o país, ou seja, o número de indivíduos que entraram no país com o visto de residente permanente após conseguirem o visto. Para cada período de cinco anos representado no gráfico, o número de brasileiros é maior que o do período anterior⁸, apresentando um aumento significativo, inclusive em períodos como o da crise internacional de 2008, sentida também no Canadá, e o fortalecimento do Brasil, tanto econômico quanto frente ao cenário internacional, no mesmo período.

Outros dados que corroboram com o aumento desse fluxo podem ser encontrados, evidentemente, no próprio censo canadense. No Canadá, o censo ocorre de cinco em cinco anos e seus dados são liberados aos poucos, etapa por etapa. Em 2013, ano em que escrevo essa dissertação, os dados sobre “Imigração e Cidadania” não foram liberados, fazendo com que a análise oficial seja feita até o ano de 2006, o penúltimo censo canadense. A tabela

⁷ Foram utilizados os dados de 1996, o *Immigration Statistics*, pois esse foi o ano final dessa publicação, nesse formato anual, descrevendo os programas de cidadania e migração, desde 1990 até 1996, e o de *Facts and Figures* de 2011 pois o de relatório de 2012 ainda não tinha sido publicado na íntegra. Ambos se encontram online no endereço eletrônico <http://www.cic.gc.ca/english/resources/statistics/index.asp>, acessado em 09/04/2013.

⁸ Com exceção do primeiro período para o segundo, onde se observa uma queda no número de entradas devido à consequências do final da década de 80 (fatores, já discutidos, que levaram uma grande quantidade de brasileiros à migrar) e meados da década de 90, quando se estabilizou o fluxo.

abaixo mostra o local de nascimento, por país, da comunidade imigrante, em específico o Brasil, na província de Ontário, onde se localiza a cidade de Toronto e também a maior comunidade brasileira do Canadá.

TABELA 2 – Local de nascimento para a população imigrante pelo período de imigração, contagens e distribuição percentual de 2006 para o Canadá, província de Ontário - 20% dos dados da amostra.

Ontário										
Local de nascimento	Contagem					Distribuição (%)				
	População imigrante	Período da imigração				População Imigrante	Período da imigração			
		Antes de 1991	1991 até 1995	1996 até 2000	2001 até 2006		Antes de 1991	1991 até 1995	1996 até 2000	2001 até 2006
Brasil	8,860	2,810	1,570	1,690	2,795	0.3%	0.1%	0.3%	0.4%	0.5%

Fonte: Statistics Canada, 2006 Census of Population.

Se a comunidade documentada representava 0,1% antes de 1991 e 0,3% no período entre 1991 e 1995, podemos facilmente justificar esse aumento por meio da discussão que tenho feito até agora a respeito do contexto econômico brasileiro da época. Entretanto, a comunidade continuou a aumentar. Se um pouco mais de 3 mil brasileiros migraram entre 1991 e 2000, explicados ainda pelos fatores econômicos e considerando que até o ano de 2000 as instabilidades econômicas e políticas do final da década de 80 e começo de 90 eram sentidas, como explicar que, de 2001 a 2006, um pouco mais de meia década, quase a mesma quantidade de brasileiros, aproximadamente 2800, migraram para a região de Ontário?

Diferentemente do final dos anos 80 e começo dos 90, na década de 2000 o Brasil experimentou um período de forte crescimento econômico, principalmente no cenário internacional. Enquanto outros países, particularmente os Estados Unidos, enfrentaram sérias crises financeiras durante a década de 2000, o Brasil⁹ se manteve numa situação de elevado grau de estabilidade econômica, fechando essa década com um saldo bastante positivo¹⁰. Foi justamente nesse contexto econômico favorável que a migração

⁹ De acordo com o jornal norte americano The New York Times, não só o Brasil mas também a China, a Índia e a Indonésia “fizeram grandes progressos [nessa década]” (“*China, India, Indonesia and Brazil (...) all four have made great strides*”), em <http://www.nytimes.com/2010/01/03/business/economy/03view.html>, acessado em 30/04/2013.

¹⁰ Devido às dificuldades do tema atreladas à sua atualidade, utilizamos notícias de jornais importantes, tanto de circulação nacional quanto internacional, e dados provenientes do próprio

documentada de brasileiros se intensificou, mais especificamente da região da Grande São Paulo e cidades próximas, tendo Toronto como destino direto. Portanto, somente a teoria econômica é insuficiente para compreender as variantes desse contexto. Essa teoria não justifica o porquê dos brasileiros continuarem migrando para Toronto, já que se tratava de um período de expressivo crescimento econômico brasileiro e resfriamento econômico nos países do norte. Ao invés do fluxo frear ou diminuir, cresceu de maneira significativa.

Teoria Econômica & Teoria das Redes Sociais

Após esses episódios ocorridos no final dos anos 80 e começo dos 90, tanto de visibilidade dos emigrantes brasileiros como do aumento da seletividade desses ingressantes no país, dificultando a migração por vias legais e ocorrendo, como consequência, a diminuição no número de migrantes documentados no decorrer da década de 90, Goza mostra que o fluxo de brasileiros que procuravam o Canadá para migrar, trabalhar e viver não cessou. Ao analisarmos os dados do censo canadense, principalmente a partir da década de 2000, podemos perceber que os brasileiros continuam migrando para Toronto e a cada ano esse número aumenta.

Ao darmos continuidade aos estudos de Goza e discutirmos a migração nesse período, final de 90 e pós-2000, levando em consideração o passado histórico desse fluxo, podemos perceber que as relações entre os brasileiros começaram a ser feitas de forma mais abrangente. Essas redes sociais começaram a se fortalecer, aumentar a densidade, e a migração dos brasileiros adquiriu contornos específicos. Essas conexões se complexificam, evidenciando o caráter dinâmico das redes sociais, mostrando que elas também migram e recriam categorias através da negociação com outras redes

Ministério da Fazenda para concluir este panorama referente ao contexto econômico brasileiro. Estão expostos na bibliografia todos esses sites consultados, que nos levaram a afirmar o elevado grau de estabilidade financeira que se encontra o Brasil na atualidade. Embora não se tratem de artigos científicos, procuramos selecionar as notícias que não só expressam as opiniões de seus escritores e jornalistas, mas que também apresentassem dados concretos e empíricos a fim de atingirmos uma maior neutralidade dos fatos.

e estratégias migratórias, modificando inclusive as redes do país de origem (TILLY 1990:85-6).

De etapa migratória, Toronto passou a ser destino final; de território temporário, sua imagem mudou para uma cidade com bons empregos e livre das discriminações estadunidenses. Enfim, se apresenta como um local calmo, com pouca violência e altos índices de educação. É interessante como essa ideia, já difundida no final dos anos 80, ainda percorre o imaginário social do imigrante que chega à cidade no decorrer da década de 2000 (SCHERVIER, 2005; BRASCH, 2006). Ouvi, de todos os meus entrevistados, esses pontos serem exaltados, principalmente quando comparados ao contexto brasileiro. E acredito que, no caso da migração para Toronto, essas ideias são fundamentais para transformar um possível sujeito migrante num migrante de fato, dificilmente captadas pelas análises migratórias macroestruturais.

Indo além das análises do contexto econômico brasileiro, além da “década perdida” que diminuiu o poder de compra da classe média e da instabilidade econômica que impulsionou a migração do lado de cá e que dificultou a entrada de emigrantes nos EUA, tornando Toronto um destino final, podemos perceber que outros fatores foram importantes, não somente para aumentar o número de brasileiros migrantes, mas também para dar estabilidade e consistência ao fluxo. Margolis, no trecho abaixo, nos dá algumas pistas sobre os outros fatores que operam na atração da mão de obra internacional.

As tradicionais explicações ‘empurra-puxa’ para a imigração internacional se mostraram inadequadas para dar conta de um fenômeno mundial de tal magnitude. Teóricos dessa linha afirmam que o agente catalisador da migração internacional é o desequilíbrio entre a oferta e a procura de trabalho nos países que enviam e que recebem imigrantes. Mas eles tendem a ignorar alguns fatores macroestruturais enredados nesses movimentos migratórios globais, como por exemplo certas expectativas cada vez maiores nos países exportadores de imigrantes, que emergem a partir dos altos índices de formação educacional verificados em estados industrialmente avançados, além da exposição publicitária a seus padrões de consumo. (...) Aqueles que defendem a ideia de cenários empurra-puxa para a migração internacional geralmente enfatizam respostas

individuais, enquanto que os analistas estruturais apontam para uma transação macroeconômica e para fluxos de investimento entre os países. Mais precisamente, essas ideias não são mutuamente excludentes, e ambas são úteis, embora em diferentes níveis de análise. Fatores estruturais apontam na direção de fluxos migratórios em larga escala entre nações e entre diferentes partes do mundo, enquanto fatores empurra-puxa e análises de redes sociais são úteis para justificar quais indivíduos realmente migram, a distância que eles viajam e seus destinos específicos. (MARGOLIS 1994:12)

Minha proposta, neste trabalho, vai justamente de encontro com essas escolhas teóricas proposta por Maxine Margolis, em *Little Brazil* (1994). A importância de se entender o contexto migratório brasileiro da década de 80 e 90 está, justamente, em compreender como o fluxo começou e quando se tornou densamente importante para que EUA e Canadá tomassem medidas políticas para controlar os brasileiros que entravam no país. De fato, existia um forte desequilíbrio entre a oferta e a procura de mão de obra entre o Brasil e estes países receptores, mas somente esses fatores não dão conta de entender porque o fluxo continua, e mais, porque cada ano mais brasileiros escolhem o Canadá para morar. Margolis já nos dava algumas pistas, mesmo analisando o contexto dos brasileiros em Nova York, sobre esses outros fatores, sobre esses outros estímulos, tais como índices de educação e de consumo mais elevados, além da exposição publicitária favorável. Esses fatores, importantes em nossa análise, são melhor captados e interpretados pelas teorias das redes, como bem propõe a autora. Wilson Fusco (2007), ao focar as redes sociais em seus estudos sobre os brasileiros no EUA, percorre essas mesmas indagações e nos ajuda a pensar sobre os usos dessa teoria e seus limites

O início dos maiores fluxos migratórios de longa distância de trabalhadores brasileiros poderia, a princípio, ser explicado por essa teoria [*a neoclássica*]. A crise econômica que diminuiu as expectativas de ascensão, ou mesmo de manutenção do status social da população brasileira na década de 80, associada ao bom desempenho econômico dos países desenvolvidos, estimulou a emigração daqueles que perceberam a oportunidade de realizar seus

projetos de vida trabalhando em outro país. Essa explicação, entretanto, apenas toca a superfície de processos sociais muito mais complexos, que provocam inúmeras questões relevantes. Quais particularidades do mercado de trabalho na região de destino operam para atrair os migrantes? (...) Quais fatores influenciam a distribuição e adaptação da população imigrante? (FUSCO 2007:12)

Utilizar a teoria das redes sociais neste trabalho, onde o foco é a mão de obra brasileira qualificada em solo canadense, é fundamental, principalmente, para entender esses fatores apontados por Fusco e Margolis, tais como as particularidades de Toronto, e do Canadá como um todo, para a atração desse tipo de migrante, sua adaptação, suas estratégias migratórias e estímulos para migrar.

De fato, a Teoria Econômica Neoclássica se baseia no modelo explicativo *pull-push*, que assume que são os fatores macroestruturais econômicos, sociais e políticos que forçariam as pessoas a deixarem o próprio país (SOARES 2002:02). No início, esta teoria apresentava-se intimamente ligada com as teorias do mercado de trabalho, agregando a perspectiva de equilíbrio, justificando os movimentos populacionais como uma resposta à desigualdade econômica entre os países e tendo como motivo principal o desejo do agente individual de melhorar a sua *condição econômica*¹¹ (PEIXOTO 1998:14). Desse modo, a migração atuaria como um elemento de equilíbrio socioeconômico entre os países de origem e de chegada. Esse modelo *push-pull*, fortemente vinculado ao viés economicista, privilegiava, em seu modelo analítico, o estudo do agente individual racional. Como descrita por Peixoto (PEIXOTO 1998:13) “(...) por muitas que sejam as condicionantes externas à sua decisão – trate-se de um contexto (sic) econômico ou do contexto social de ação – , é a racionalidade individual que, no limite, conjuga (diferenciadamente) estas envolventes e promove a decisão de mobilidade”. Portanto, a perspectiva neoclássica considera a migração como resultado de decisões tomadas por atores racionais em busca de maiores vantagens econômicas, ou seja, eles migram porque realizam uma avaliação racional entre custos e benefícios (ROCHA-TRINDADE 1995:76), o que não se encaixa,

¹¹ Grifos meus.

necessariamente, com os dados encontrados na pesquisa de campo, na qual a maioria dos meus entrevistados descreveu que não migrou pensando apenas no ganho salarial. Inclusive, muitas mulheres abriram mão da carreira por não conseguirem se inserir no mercado de trabalho, apesar de estarem a muitos anos vivendo em Toronto. O texto abaixo é emblemático nessa discussão:

[Raquel] Tá, a gente quis vocês todos, imigrantes, agora vocês todos estão aqui mas necessariamente vocês não vão conseguir atuar na mesma área que vocês atuavam lá. E isso ninguém fala pra você lá porque não é interessante. Então, eu particularmente, sempre tive na minha cabeça que ia ser difícil. Eu não estou indo pro Canadá por causa de carreira, eu sempre tive isso. Claro que a gente precisa trabalhar mas não to indo pra lá pra ficar rica, pra virar diretora de alguma empresa... pra isso eu tava no meu caminho no Brasil.

Portanto, a teoria neoclássica, ao enfatizar as condições estruturais das regiões de origem e de destino dos emigrantes, não comporta alguns elementos fundamentais, como, por exemplo, o papel do agente e de sua rede de relações na decisão de partir. Glaucia de Oliveira Assis é menos enfática, citando Patrícia Pessar e Monica Boyd, ao afirma que as teorias das redes sociais apresentam uma abordagem menos rígida frente à neoclássica.

Para essas autoras, enquanto as transformações macroestruturais são compreendidas como desencadeadoras das pressões migratórias, as famílias e as redes sociais respondem a tais pressões e determinam quais membros dos domicílios e das comunidades realmente migram. Nesse contexto, a migração, articulada pelas redes sociais, também vai deixando de ser vista apenas como decisão racional de um indivíduo para ser encarada como uma estratégia de grupos familiares, de amizade ou de vizinhança. (ASSIS 2003:36)

A temática das redes sociais engloba as visões macro e micro no processo migratório, uma vez que passa a considerar, como unidades efetivas de migração, o grupo ou conjuntos de pessoas. Para esta teoria, são os grupos de indivíduos ou um núcleo familiar, atuando no interior das redes de relações

peçoais, que agem racionalmente, mobilizando recursos relacionais não só na escolha do destino, mas também na inserção no mercado de trabalho na sociedade receptora (TRUZZI 2008:207). De acordo com esse enfoque, Weber Soares afirma que a grande maioria dos estudos conceituais das redes sociais tem como fonte inspiradora as interpretações de Charles Tilly e Douglas Massey (SOARES 2002:11).

Segundo Weber Soares (2003:240), Tilly afirma que essas unidades efetivas de migração, entendidas enquanto grupo, estão ligadas por relações de amizade, de conhecimento, de parentesco e de trabalho, devendo ser pensadas como estruturas comunitárias que se transladam. Entretanto, Elisa Massae Sasaki e Gláucia de Oliveira Assis lembram que essas “estruturas comunitárias que transladam”, ou seja, essas categorias existentes construídas no país de origem, são negociadas e reconstruídas no contexto da migração (SASAKI e ASSIS 2000:11). Charles Tilly utiliza-se do exemplo da identidade enquanto categoria que é repensada na rede:

As redes sociais criam novas categorias. (...) Depende do tamanho da rede, densidade, e relação a outros grupos. As redes também transformam categorias existentes. (...) os membros das redes sociais, cuja identidade e estruturas internas foram se modificando, constantemente negociam com outras redes, inclusive aqueles no país da origem.¹² (TILLY 1990:85-6).

O autor explica que os movimentos migratórios, não apenas transplantam essas categorias, mas recriam, de maneira seletiva, segmentos das redes sociais existentes: as redes migram. Entretanto, essa mobilidade de categorias – mas também de capital e de pessoas – apresenta outra face: também gera insegurança. Tilly (apud: GOZA 2003:265) afirma que as redes sociais, ao mesmo tempo em que transformam estas categorias, também ajudam a reduzir os riscos, custos econômicos e psicológicos. A insegurança

¹² “Networks create new categories. (...) That depended on the network’s size, density, and relationship to other groups. Networks also transform existing categories. (...) members of networks whose identities and internal structures were themselves changing continuously negotiated new relations with other networks, including those in the country of origin.” Tradução nossa.

do processo migratório é amenizada com a familiaridade, ou seja, com a solidariedade que a rede oferece.

As formulações teóricas de Douglas Massey também podem contribuir de maneira significativa para nosso estudo. O autor analisa as origens dos fluxos migratórios e a continuação destes através do tempo. Segundo Soares, Massey afirma que são as transformações estruturais nas sociedades de origem e de destino que iniciam os fluxos migratórios, mas são as redes sociais que dão estabilidade a esses fluxos, tornando-os autossuficientes devido ao capital social que essas redes possuem. “À medida que as conexões interpessoais são estendidas e elaboradas, esse capital social mostra-se cada vez mais disponível ao migrante-potencial nas comunidades de origem, o que intensifica a expectativa dos retornos líquidos e reduz progressivamente os custos financeiros e físicos da migração” (Massey apud: SOARES 2002:11). Franklin Goza (2003) também justifica a importância da formulação de Massey, já que essa teoria explica como as correntes migratórias se autoperpetuam através do tempo e como imigrantes potenciais se tornam reais.

Por fim, Alejandro Portes (1999:13) afirma que as redes sociais ajudam a coletar e difundir conhecimentos, ou seja, são vitais na medida em que são meios de aquisição de recursos escassos, como o capital e a informação. Portanto, num fluxo como o estudado aqui, onde os números absolutos não são tão expressivos assim, as redes se tornam essenciais. Elas representam o elemento central de disseminação das informações, artifício necessário para que um migrante em potencial migre.

Portanto, a teoria das redes sociais é utilizada aqui, não para substituir as teorias econômicas – região pobre exportando mão de obra para região rica – mas como complemento, como um ajuste nas teorias e visões mais amplas dos processos migratórios. É utilizada para trazer esse olhar mais micro, trazer a voz desses migrantes, suas estratégias e suas paixões, o que os move e o que os fizeram migrar. No caso canadense, seu uso é mais evidente se analisarmos os dados do censo do Canadá de 2006¹³, os quais se referem a migrantes e ao país de origem, bem como aos dados mais gerais sobre migração de residentes permanentes brasileiros para todo o país.

¹³ Até a conclusão dessa pesquisa, os dados do censo de 2011 sobre lugar de nascimento dos imigrantes não tinha sido liberados.

Teoria das Redes Sociais & Marcadores da Diferença

A partir das redes sociais, da pesquisa de campo, das entrevistas e do caminhar pelos nós da rede, muitos me relataram que não foi o salário que fez com que migrassem. Muitos homens, apesar de terem profissões com alta demanda de mão de obra, demoram, às vezes, alguns anos para se inserir no mercado e terem o mesmo cargo ou posição que tinham no Brasil. Muitas mulheres, passados 3 anos, ainda não se inseriram no mercado de trabalho e passados 5 anos ainda estão em subempregos, apesar de terem nível superior completo e, algumas vezes, até pós-graduação em universidades renomadas no país. Não só a teoria das redes foi importante para percebermos essas estratégias familiares de migração, inserção e adaptação, mas também as críticas às teorias das redes, tais como a crítica das feministas à solidariedade dentro da família, foram consideradas e percebidas nos novos rearranjos familiares na sociedade de destino. O caso das brasileiras, casadas com brasileiros, que migraram junto com seus maridos pelas políticas de mão de obra qualificada em Toronto, por exemplo, vai à contramão dos casos analisados por Glaucia Assis (2004), quando a mulher, ao migrar para Boston, se sente mais emancipada por ganhar o mesmo salário que o marido. Em Toronto, mesmo em se tratando de casais onde o marido ganha suficientemente bem, capaz de sustentar toda família, a esposa, que comumente trabalhava no Brasil, é obrigada a refazer seus planos de carreira, ou mesmo abandoná-los, acarretando muitas vezes problemas psicológicos e de autoestima. A incorporação das teorias de gênero à teoria das redes se mostrou muito útil nesse trabalho para analisarmos os grupos, como por exemplo a família migrante ou o círculo de amizades entre os brasileiros, não somente a partir da solidariedade étnica, mas para pensarmos nessas relações sociais construída entre os sujeitos a partir das diferenças. Alguns marcadores foram mais eficientes que outros, sendo a categoria analítica gênero a que mais rendeu na nossa análise. Essas estratégias pessoais, captadas por meio do trabalho de campo, observação participante e entrevistas semi-estruturadas, só foram possíveis quando levamos em conta, não somente a teoria das redes, mas também ao analisarmos esses sujeitos mais de perto, a partir dos

marcadores da diferença; não somente pelo perfil do grupo, mas das relações desiguais que se desenvolvem no interior de cada grupo específico.

A teoria das redes, ajustando as teorias econômicas tradicionais e agregando a perspectiva dos marcadores da diferença, principalmente a perspectiva de gênero, nos possibilitou compreender como um casal que tinha bons empregos aqui no Brasil abandonou tudo e migrou para o Canadá, apesar da maioria dos meus informantes ter dito que não foi só o salário que os influenciou a mudar de vida. Algumas mulheres, por exemplo, nunca sequer chegaram a ter emprego em Toronto. A rede social, portanto, é uma importante teoria que preenche algumas lacunas explicativas e agrega outras perspectivas ao se analisar a comunidade brasileira de Toronto, pois evidencia outros fatores sociais que impulsionam a migrar e definem estratégias migratórias, como expectativas de uma classe média não alcançadas aqui no Brasil, um laço social frágil ou mediano com a família, uma maneira mais rápida e dinâmica de obter informação sobre o processo, o encaixe no perfil esperado pelo governo canadense, como os migrantes serem recém-casados, planejando ter filhos ou com crianças pequenas, etc.

É importante destacar aqui, neste capítulo, que a teoria das redes enfoca, como unidade efetiva de migração, o grupo e as relações interpessoais de solidariedade, ou seja, assume que são as conexões entre os sujeitos, entre os grupos, conexões de solidariedade e de confiança, que transformam os possíveis migrantes em migrantes de fato. Não é a rede social que estrutura o fluxo, que inicia o fluxo migratório, como podemos perceber no caso do Canadá, mas é ela que *mantém* esse fluxo. Se foi o frágil contexto econômico e político do Brasil que expulsou os brasileiros para os EUA e Canadá na década de 80 e 90, foram as redes sociais, as relações interpessoais, de amizade, familiar ou trabalho que deram continuidade para que o fluxo de brasileiros não cessasse e, pelo contrário, aumentasse. Essas relações de solidariedade, nem que ocorram apenas num primeiro momento, nos primeiros meses do processo migratório, é o fator que fez com que esse fluxo continuasse migrando para Toronto. Apesar de o Brasil estar num momento econômico favorável e as profissões de engenheiro e ligadas à tecnologia da informação, por exemplo, terem boas perspectivas de emprego também são essas redes que, antes mesmo de circularem pessoas, circulam ideias e sonhos.

Além de tudo o que já foi discutido aqui sobre a contribuição dessa teoria, existe outro fator importante, específico do Canadá e que acabou sendo justamente o meu objeto de análise, que é a necessidade do país em aumentar a mão de obra qualificada, utilizando as políticas migratórias como estratégia política. O fluxo de brasileiros para Toronto pode, por conseguinte, ser pensado, não apenas através do modelo econômico e das teorias das redes, mas também através da teoria das políticas migratórias, já que há uma forte regulação do Estado nesse e sobre quaisquer fluxos migratórios que se dirijam para o Canadá.

Teoria das Políticas Migratórias

Podemos pensar que, não apenas as redes mantêm o fluxo migratório de brasileiros para Toronto, como discutido acima, mas que, sobretudo, o Estado canadense, pela necessidade de atrair mão de obra qualificada, desenvolveu políticas específicas para esses migrantes internacionais. Aristide R. Zolberg (1999:81), em *Matters of State: Theorizing Immigration Policy*, evidencia que todo processo de migração internacional é político, pois envolve transferir uma pessoa da jurisdição de um estado para outro e, eventualmente nesse processo, pode ocorrer a mudança de status dos membros dessa comunidade. Pensar em políticas migratórias, portanto, não é apenas pensar na regulação do estado de quem entra e de quem sai do país, mas também na administração dos imigrantes e da participação destes em todas as esferas da sociedade, seja política, cultural, social ou econômica.

Para o Canadá, essa visão sobre as políticas migratórias é tão importante que o Estado desenvolveu um modelo político de compreensão e administração dessas diferenças culturais dentro do país, denominada multiculturalismo. Pensada inicialmente nos anos 60 a partir, não de várias culturas étnicas, mas das duas principais culturas do país, a anglófona e a francófona, a ideia do multiculturalismo se desenvolveu com o passar das décadas¹⁴ até compreender uma sociedade multicultural como uma sociedade

¹⁴ Sobre o desenvolvimento e a história do multiculturalismo, recomendamos o capítulo quatorze do livro *Class, Ethnicity, and Social Inequality*, denominado *Keeping the Old World Going: Multiculturalism and the State in Canada*, de Christopher McAll (1992).

plural onde coexistem diferentes grupos culturais ou étnicos e cada um desses pode existir de forma harmoniosa, mantendo essa harmonia entre as diversas minorias étnicas e estruturando as relações entre essas minorias e o Estado (CASHMORE 1996:244). Ao se autodenominar como um país multicultural, o Canadá passa a investir fortemente em uma política de migração internacional, o que significa dizer que sua política internacional se baseia em complexas e diferentes regulações de fronteira, de políticas de emigração, imigração e administração de status de permanência no país.

Ainda para Zoelberg (1999:82), não podemos esquecer que as políticas de migração são extremamente interativas, que todo processo de emigração também envolve um processo de imigração em algum outro lugar, assim como a abertura ou o fechamento de uma fronteira nacional afeta os fluxos de outros países, ou seja, uma política migratória é, em certa medida, uma política que pertence também à esfera global, a políticas que influenciam a saída ou o retorno de pessoas em outras localidades do globo. Portanto, se debruçar sobre as políticas migratórias canadenses é olhar, tanto para a origem quanto para o destino, ver de onde esses brasileiros estão vindo e para onde estão indo, e não somente analisar as diferentes formas de regulação da fronteira. Analisar o perfil, o tipo ideal de imigrante que o país busca encontrar, é importante, mas compreender as estratégias que os sujeitos desenvolveram para fazer parte desse perfil, para cruzar a fronteira com os papéis ou simplesmente para permanecer no Canadá, nos dá a dimensão não somente micro, dos desejos pessoais e trajetória de vida, mas a visão macroestrutural, como determinados contextos sociais impulsionam ou freiam fluxos migratórios através do globo e influenciam os movimentos populacionais.

Hollifield (2005), por sua vez, formula um modelo teórico bastante útil para analisarmos especificamente Toronto. Ele conclui que a migração internacional pode ser observada em função das forças econômicas, das redes sociais e dos direitos. Enquanto as forças econômicas criam as condições necessárias para migrar e as redes sociais sustentam a imigração, os direitos políticos e legais criam as condições satisfatórias para que o fluxo migratório continue. No caso do Canadá, especificamente a parte anglófona, podemos perceber que as políticas migratórias incorporam um perfil de imigrante que, se aceito, tem o direito de viver legalmente, de mudar de status e conseguir a

cidadania canadense, ou seja, tem o direito de pertencer ao Estado canadense. O direito político é usado como uma “moeda de troca”, oferecido àqueles que passam pelo processo de seletividade comandado pelo governo, aumentando as chances do imigrante se estabilizar na cidade, uma tentativa (bem sucedida) de impedir a retração do fluxo ou o retorno em massa.

Essa política de seletividade migratória está vinculada diretamente com o interesse do Estado no controle e administração da mão de obra qualificada que entra no país. O migrante é incentivado a ir para o Canadá, a morar junto da sua comunidade na cidade de Toronto e começar uma nova geração lá. Entretanto, não é qualquer imigrante que o Estado deseja, nem qualquer pessoa qualificada. As políticas migratórias são específicas e acabam gerando uma rede com um determinado perfil, ou alguns determinados perfis, que define quem é a mão de obra qualificada e quem não é, quem pode migrar documentado e quem não pode. Na próxima sessão, faremos uma discussão a respeito desses conceitos, de como as políticas migratórias, traduzidas pelas seletividades migratórias, agem na prática, como por exemplo, os diferentes tipos de visto e status, e como a discussão sobre mão de obra qualificada brasileira se insere no contexto canadense.

Mão de Obra Qualificada

Nos últimos anos, imigrantes da classe média dos países em fase de industrialização também se tornaram importantes participantes nessas movimentações globais, em oposição ao estereótipo dos migrantes estrangeiros como pessoas que se afastam de sua terra natal em virtude da pobreza e da falta de esperança. Uma razão para isto é que a migração internacional ajuda a aliviar o problema do “superqualificado” em muitas das nações exportadoras de imigrantes. Este problema surge quando um grande número de profissionais são treinados e capacitados, mas, apesar de suas habilidades serem extremamente necessárias em seu país de origem, não há empregos suficientes em suas áreas de atuação, com salários que estes julguem compensar os muitos anos dispendidos com sua formação. O Brasil, novamente, é um exemplo típico. Dada a realidade do mercado de trabalho em muitos países em desenvolvimento, a educação superior e o aperfeiçoamento profissional levaram a

expectativas vãs de mobilidade social. A migração estrangeira desaquece um pouco esse problema, deixando escapar pelo ralo muitos desses superqualificados insatisfeitos. (MARGOLIS 1994:13)

Em 1994, Margolis discute algumas problemáticas a respeito do que chama de superqualificados, mostrando que o Brasil foi um exemplo típico dessa fuga de cérebros ao deixar que esses profissionais escapassem. Não só o Canadá, mas também a Austrália foi um dos países apontados na pesquisa como uma possibilidade de migração para meus entrevistados. Uma migrante me relatou que, ao decidirem migrar, fizeram o *country shop*, ou seja, analisaram as características de cada país possível de migrar, como quem vai ao shopping fazer compras. É interessante notar nesse pensamento que o importante não é migrar para o Canadá, mas, sim, sair do Brasil com as melhores expectativas possíveis, como, por exemplo, um incremento no salário ou um aumento da qualidade de vida.

Quanto ao conceito de mão de obra qualificada, Resende; Pin; Oliveira; Mata (2007. 503) são enfáticos: “entendem-se pessoas com nível educacional completo ou incompleto”, ou seja, é um conceito que faz referência ao grau de instrução formal de indivíduo, que se relaciona com o nível educacional. Vertovec (2002) segue o mesmo pensamento e especifica a descrição dessa mão de obra. Exemplifica tendo como referência seu *paper*:

Desde o início da década de 1990, a migração de mão de obra qualificada tem sido um campo de pesquisa crescente e sempre em desenvolvimento. Aqui, os migrantes qualificados - mais amplamente definidos como aqueles que possuem um diploma de ensino superior ou experiência de trabalho especializado - incluem arquitetos, contabilistas e especialistas financeiros, engenheiros, técnicos, pesquisadores, cientistas, chefes, professores, profissionais de saúde, e - cada vez mais - especialistas em tecnologia da informação (TI, incluindo profissionais de computação, engenheiros de computação, administradores, representantes de vendas, etc.). (VERTOVEC 2002:2) (tradução e grifo nossa).

O pesquisador Çaglar Özden (2006), ao pesquisar os imigrantes nos Estados Unidos e seu nível educacional, dividiu esses imigrantes em dois grupos simplificados de mão de obra qualificada. Essa categorização também é utilizada pela especialista em circulação de mão de obra qualificada migratória Tatiana Accioly (2009), ao pesquisar as políticas migratórias para os Estados Unidos e Canadá:

- Trabalhador *High Skilled* (de alta qualificação) – com níveis de formação educacional de no mínimo 16 anos, ou seja, uma graduação completa, que inclui profissionais diversos com titulação de bacharelado: cientistas, administradores, contadores, engenheiros, entre outros.
- Trabalhador *Less Skilled* (de baixa qualificação) – com níveis de formação educacional abaixo do nível de 16 anos, que pode incluir ocupações de níveis bastante heterogêneos de formação, como técnicos, policiais, tesoureiros e secretários, ou garçons, vendedores, mecânicos e motoristas, e, até mesmo, trabalhadores da construção civil.

É a partir dessa categorização que o processo de migração para o Canadá, em especial para a parte inglesa, que é o foco desse trabalho, se desdobra. Existe uma tabela, chamada de *National Occupational Classification*, o NOC (Classificação Ocupacional Nacional), colocada na íntegra no ANEXO A, elaborada pelo governo canadense que classifica em níveis a qualificação da mão de obra, seguindo os mesmos parâmetros dos autores acima, mas mais resumida para o contexto do país. Resumidamente, independente da profissão, os níveis de habilidade vão de “0” (zero) e “A” até nível “D”, ou seja, são classificados em quatro níveis. Esses níveis de habilidade, ou qualificação (*skill level*), são determinados pela duração e tipo da educação e treinamento necessário para realizar a determinada ocupação. É levada em consideração, também, a experiência necessária mínima para exercer a profissão, assim como a complexibilidade e responsabilidades dessas profissões em relação às outras.

Os cargos de gestão e gerenciamento (*Management occupations*) ocupam o topo da lista, denominadas *skill level 0*, ou nível de habilidade 0. Entretanto, ainda assim se encaixam no *skill level A*. Essa diferenciação ocorre porque são caracterizados pelos alto níveis de responsabilidade, de especialização e de treinamento intenso, tanto pela educação formal quanto pela experiência profissional. Os gestores abrangem toda a estrutura de classificação, sendo encontrados em todos os setores e áreas do mercado de trabalho. Posta essa observação, abaixo se encontra resumida a Classificação Ocupacional Nacional (NOC):

- **Skill Level A**¹⁵
 - Diploma universitário (licenciatura, mestrado ou doutoramento)
- **Skill Level B**
 - Dois a três anos, após o ensino médio, de *community center*, instituto de tecnologia ou CÉGEP¹⁶ ou
 - De dois a cinco anos de formação de aprendizes ou
 - Três a quatro anos de ensino médio e mais de dois anos de treinamento, cursos de formação específicos de ocupação *on-the-job*¹⁷ ou experiência de trabalho específico.
 - Ocupações com responsabilidades de supervisão também são atribuídos ao nível de habilidade B.
 - Ocupações com saúde e segurança de responsabilidades significativas (por exemplo, bombeiros, policiais e auxiliares de enfermagem) são atribuídos a nível de habilidade B.
- **Skill Level C**
 - Conclusão do ensino médio e alguns cursos de curta duração ou de formação específica para a ocupação ou
 - Alguns ensinos médios, com mais de dois anos de treinamento *on-the-job*, cursos de formação ou experiência de trabalho específico

¹⁵ Optou-se por deixar em inglês pois é um termo utilizado dessa maneira pelos meus entrevistados.

¹⁶ Curso que se assemelha ao nosso tecnólogo, ou seja, é um curso superior de menor duração.

¹⁷ Habilidade que possa aprender trabalhando, não necessitando, necessariamente, que estar numa sala de aula ou laboratório.

- **Skill Level D**
 - Demonstração de trabalhos corriqueiros ou treinamento *on-the-job* ou
 - Não há requisitos de educação formal

Podemos resumir os *Skill Levels* dessa maneira:

- **0:** Ocupações de Gestão e Gerencia (pertence ao *Skill level A*)
- **Skill level A:** Ocupações que exigem formação universitária
- **Skill level B:** Ocupações que exigem cursos de formação tecnológica ou de aprendiz
- **Skill level C:** Ocupações que exigem ensino médio e/ou formação específica da própria ocupação.
- **Skill level D:** treinamento para a ocupação é fornecido no trabalho (*on-the-job*).

Como o NOC é uma matriz, esses níveis de habilidade (*skill level*) são confrontados com outros dez tipos de habilidades, ou ocupações (*skill type*), que representam os tipos de trabalhos realizados. Essas ocupações são aglomeradas nesses dez grupos, de zero a nove, por similaridades de áreas de estudo e disciplinas de ensino necessárias para exercê-las, ou seja, são as áreas de trabalho, como, por exemplo, negócios, saúde, artes, educação, etc. Não cabe aqui explicar como essas ocupações são classificadas (mesmo porque a lista se encontra na íntegra no ANEXO A), mas, sim, que o tipo de profissão, combinado com o nível de habilidade, gera um número específico e engloba todas as possíveis ocupações do país. É a partir desse número, que classifica as profissões, que o migrante descobre se pode migrar ou não, se sua profissão é aceita ou não no processo de migração de mão de obra qualificada.

Tipos de Entradas no País

Existem duas maneiras de cruzar a fronteira do Canadá de maneira documentada: com o status de residente temporário ou com o status de residente permanente. Residente temporário, como o próprio nome pressupõe, é o indivíduo que pretende ficar por algum tempo no país, no máximo até seis meses. Enquadram-se como residentes temporários os trabalhadores estrangeiros temporários, estudantes internacionais, turistas e solicitantes de refúgio (entre alguns outros casos mais específicos). O status de residente permanente é dado à refugiados já aceitos no país, migrantes econômicos (o foco deste trabalho) e classe familiar, para familiares dos residentes permanentes. Esses são os tipos mais básicos e gerais de status que se consegue para entrar no país. A diferença entre ser residente permanente e ter a cidadania canadense é ínfima: residente permanente não pode votar nas eleições do país e não tem o passaporte canadense. O migrante usa o passaporte do país de origem, mas com um visto específico, IM – 1 Immigrant. Com exceção dessas ressalvas, pode usufruir de todos os direitos do Canadá, como a educação e saúde pública, como se já fosse cidadão.

Ser residente permanente, portanto, é uma etapa anterior ao de ser cidadão canadense. Para conseguir a cidadania, o residente permanente precisa, além dos trâmites burocráticos, realizar uma prova de conhecimentos gerais e estar 1.095 dias, aproximadamente 3 anos, num período de 4 anos no Canadá. Os dias que esteve fora do país são contabilizados e, se o imigrante cumprir esse período no país, pode dar entrada, junto com o/a cônjuge e filhos, no processo de cidadania canadense. Mas a pergunta mais importante aqui é: como os processos de mão de obra qualificada funcionam? Por quais formas os possíveis migrantes podem tornar-se residentes permanentes? Qual é o perfil que esse possível imigrante deve ter?

De início, faço aqui duas observações importantes. A primeira se refere ao processo migratório federal. Apesar da região francófona do Québec fazer parte do Canadá, esse território apresenta regras próprias de imigração. Aqui, trato da imigração para Toronto, da parte inglesa da Canadá e, salvo algumas exceções, o Québec não será contemplado na nossa análise. A segunda observação se refere ao dinamismo do processo de migração. A cada seis meses ou um ano, o processo sofre alterações, maiores ou menores. A última alteração realizada pelo governo canadense foi, justamente, dois meses após

eu ter deixado o campo, em agosto. O processo de migração parou e retornou só agora, recentemente, no primeiro semestre de 2013. Portanto, não cabe aqui fazer uma historiografia das mudanças no processo de migração, mesmo porque ele não acabou, apenas ocorreram momentos de reformulação. Quando o governo decide não receber mais processos de migração por um determinado tempo é por causa, principalmente, da liberação dos dados do censo, que são analisados mais densamente e refletidos no processo, como foi o caso do ano de 2012, um ano após o censo ter sido concluído.

Creio que a mais importante reformulação, relatada pelos brasileiros que vivem há mais tempo em Toronto, tenha ocorrido em 2001, pós o atentado de 11 de setembro nos Estados Unidos. Muitos relataram que o processo era mais rápido e menos burocrático, mas que em 2002 ele se tornou lento, muito mais parecido com o que acontece hoje em dia, apesar de não ter sofrido mudanças drásticas na época. Portanto, para finalidades burocráticas, tomo como parâmetro o período de migração da *maioria* dos meus entrevistados, que é o período de 2006 até 2009. Quando houver necessidade, será apontada a distinção nos processos de migração de mão de obra qualificada de acordo com a data analisada, assim como será evidenciado que período e qual processo estou descrevendo.

Quanto ao processo de migração, existem várias formas de obter o status de residente permanente. O governo canadense oferece, no mínimo, 6 grandes programas de imigração¹⁸. São eles:

- **Trabalhadores e profissionais qualificados** (*Federal skilled workers*)
Esse é o processo mais citado pelos meus entrevistados. A partir de um sistema de pontos, que vai de 0 a 100, o imigrante precisa atingir uma meta para ser aceito. Normalmente essa meta é 67 pontos ou acima. Os requisitos específicos são educação, que fornecem até 25 pontos para

¹⁸ No mínimo pois estou excluindo, como já mencionado, os processos quebequenses e o processo de adoção internacional, quando o indivíduo com cidadania canadense ou residência temporária decide adotar uma criança fora do Canadá e dar o status à ela de cidadão canadense ou residente temporário. Entretanto, dependendo do contexto e do período, outros processos podem ser abertos ou criados, ou se desmembrarem dos já existentes. A lista completa dos programas, atualizada e detalhada, pode ser acessada pelo site <http://www.canadainternational.gc.ca/brazil-bresil/visas/immigrate-immigrer.aspx?lang=por>, acessada em 17/04/2013

pós-graduação ou acima; nível de inglês e francês, podendo fornecer, juntos, até 24 pontos; experiência de emprego, que varia entre o mínimo, um ano, e o máximo, quatro anos ou acima, fornecendo de 15 a 21 pontos; idade, ganhando a máxima pontuação se tiver entre 21 e 49 anos; e adaptabilidade, que fornece até 10 pontos para outros requisitos, tais como escolaridade do acompanhante (marido/ esposa), se o aplicante¹⁹ principal ou o/a acompanhante já trabalhou ou estudou no Canadá, se o aplicante já tem emprego no país ou se o aplicante principal ou o acompanhante possuem parentes no país. Embora não seja obrigatório, se o possível imigrante tiver um emprego arranjado no país, ainda é concedido 5 pontos adicionais. Para além desses pré-requisitos, é requisitada uma quantia monetária, um extrato bancário provando que o aplicante tem um dinheiro inicial para sustentar a si mesmo e a família, variando de acordo com o número de pessoas da família, representada na tabela 3, abaixo. O mais importante ponto deste processo é que a experiência de emprego tem que atender a uma das três especificações: estar na lista das 29 ocupações que mais precisam de demanda de mão de obra qualificada, ter um emprego arranjado no Canadá, nos níveis mais qualificados, conforme explicado acima (*Skill Level* 0, A ou B da TABELA do NOC no ANEXO A), ou estar cursando ou ter terminado em menos de um ano o doutorado no país, já que lá o programa de doutorado é considerado um emprego. Cada vez que o processo de migração é reformulado, é nesse tópico que ocorrem as mudanças mais substanciais, principalmente no que se refere à lista das 29 profissões que são atualizadas conforme a demanda²⁰.

TABELA 3 - Fundos requisitados por membro familiar

Número de Familiares	Fundos (em Dólares Canadenses)
1	\$11,115
2	\$13,837

¹⁹ Termo muito usado entre meus interlocutores para se referir ao migrante que aplicou (*apply*) para o visto, o imigrante que entrou com o processo de pedido de visto.

²⁰ As últimas três listas se encontram no ANEXO B.

Número de Familiares	Fundos (em Dólares Canadenses)
3	\$17,011
4	\$20,654
5	\$23,425
6	\$26,419
7 ou mais	\$29,414

Fonte: <http://www.cic.gc.ca/english/immigrate/skilled/funds.asp>, acessado em 17/04/2013

- **Profissões especializadas (*Skilled trades*)**

Esse processo de imigração é direcionado para quem possui profissões de níveis técnicos. Os pré-requisitos são ter no mínimo dois anos de experiência profissional e conhecimento mínimo de inglês ou francês. Quanto à profissão, ela precisa estar na lista das 43 ocupações técnicas pertencentes ao Skill Level A e B da tabela de Classificação Ocupacional Nacional²¹.

- **Imigração de negócios (*Investors, entrepreneurs, start-up visa and self-employed persons*).**

Para investidores, empresários e trabalhadores autônomos que desejam abrir um negócio no Canadá (exceto no Québec). Essa categoria de trabalhadores autônomos é limitada a agricultores, fazendeiros, atletas e artistas capazes de oferecer uma contribuição cultural ao país. Esse programa de migração abarca outros quatro programas específicos, levando em consideração as características de trabalhadores autônomos. São elas: Investidores (*Immigrant Investor Program*), Empresários (*Entrepreneurs Program*), Empreendedor (*Start-Up Visa Program*) e Autônomo (*Self-Employed Persons Program*). Os três primeiros subprogramas são direcionados às pessoas ligadas à área de negócios, com experiência comprovada na área e com uma alta quantia em dinheiro para investir no Canadá ou conexões com o setor privado

²¹ A lista das 43 ocupações técnicas se encontra no ANEXO C.

do país²². Já o *Self-Employed Persons Program* pretende atrair possíveis imigrantes que possam trabalhar como autônomos, seja na área cultural ou esportiva, comprovando que possuem a capacidade de fazer uma contribuição significativa para o país²³, ou na área de gestão agrícola, comprovando capacidade de adquirir e gerenciar uma fazenda no Canadá. O mesmo sistema de pontos do *Skilled Workers* é aplicado para o *Self-Employed Program*, mas com a condição de atingir 35 pontos de um total de 100, assim como uma entrevista é realizada obrigatoriamente (no *Skilled Workers*, a entrevista é realizada em alguns casos apenas).

- **Nomeação provincial** (*Provincial nominees*).

Cada província ou território canadense possui seu próprio sistema de seleção de novos imigrantes. Cada processo é único e específico, oferecendo outras categorias de imigração. Algumas se igualam às categorias discutidas aqui, outras se parecem e outras ainda são inteiramente novas. Ao todo, são mais de 50 outras variações de processos migratórios voltados para as necessidades de cada província. Na província de Ontário, por exemplo, onde fica localizada a cidade de Toronto, existe um programa de imigração específico para quem está cursando o mestrado, mas há uma cota de apenas 1000 estudantes. A província de Alberta, famosa por possuir a segunda maior reserva de petróleo do mundo, tem um programa específico para engenheiros de minas, químicos, de petróleo, geológico, etc. Entre outros critérios, o engenheiro já teria que estar trabalhando na província, com visto de trabalhador temporário, por exemplo, para então entrar com o processo de imigração. Esses são alguns exemplos de processos de imigração por província.

- **Classe experiência canadense** (*Canadian Experience Class*).

²² A partir de Julho de 2011, o programa de empresários parou de aceitar pedidos de migração. A partir de julho de 2012, foi a vez do programa de investidores parar. Entretanto, o governo canadense alega que esta medida seja temporária.

²³ Normalmente se comprova a partir de um portfólio, diplomas e títulos adquiridos no decorrer da carreira.

Este processo é para pessoas que tenham uma experiência de trabalho no Canadá e desejem se estabelecer no país. Estudantes internacionais e trabalhadores temporários que preencham os pré-requisitos, como ter trabalhado no mínimo 12 meses num período inferior a 3 anos e conhecimento básico de inglês ou francês, são os mais visados por esse programa. Vale lembrar, mais uma vez, que não é qualquer experiência de trabalho, mas o candidato deve fazer parte dos trabalhos qualificados, ou seja, pertencer ao Skill Level 0, A ou B da National Occupational Classification (ver ANEXO A).

- **Apadrinhando sua família (*Family sponsorship*).**

Esse processo de imigração é direcionado para os migrantes que já morem no Canadá e queiram trazer consigo parentes próximos. Existem dois processos para trazer os parentes próximos do imigrante, seja ele residente permanente ou cidadão, para o país. Um é específico para o cônjuge e filhos e o outro é para apadrinhar outros parentes, principalmente menores de 18 anos não casados. Se o imigrante não for casado nem tiver outros parentes no país, ele pode apadrinhar qualquer parente, independentemente da idade e grau de parentesco.

Esses são os 6 grandes processos migratórios federais para a parte inglesa do Canadá. O processo mais citados pelos meus entrevistados e com quem convivi foi, de fato, o de trabalhadores e profissionais qualificados (*federal skilled workers*). Atingindo o total de pontos, pode-se aplicar aqui do Brasil mesmo sem nunca ter necessariamente morado no Canadá. Na verdade, esse comportamento é o mais comum: ter morado algum tempo ou trabalhado no exterior, não necessariamente no Canadá, e dar entrada no processo de migração. O perfil dos aplicantes brasileiros é condicionado a esse processo: normalmente engenheiros ou da área de tecnologia da informação²⁴, com experiência de emprego, mas em idade ativa, normalmente entre 25 e 40 anos,

²⁴ Até 2009, os IT (Information Technologies) estavam na lista de profissões e ouvi relatos que uma grande quantidade de brasileiros migrou por essa profissão. Nos últimos anos essa profissão saiu da lista.

com bom nível de inglês e com reservas financeiras para se sustentar por seis meses, ou seja, pertencente à uma classe média ou média alta brasileira.

Entretanto, esse perfil específico de mão de obra qualificada se fragmenta quando analisamos esses brasileiros no solo canadense. Se esse perfil é o esperado pelo processo de migração, as consequências de quem migra de fato, como migra, quais estratégias desenvolvem para se encaixar no perfil, para migrar e se estabelecer, quem levam consigo e como se inserem na sociedade canadense é o foco dos próximos dois capítulos. Muitos mudam de área, outros retornam, outros levam consigo as esposas como acompanhantes e estas, mesmo qualificadas, não conseguem emprego. A seguir, serão problematizados esses pontos. Discutiremos quem são esses brasileiros de fato, a partir dos dados encontrados em campo, retirados de entrevistas, vivências, dos diários de campo, observações participantes e sensações experimentadas pelo pesquisador.

Introdução

Neste capítulo pretendemos discorrer sobre a atuação dos migrantes brasileiros qualificados no desenvolvimento e consolidação das redes sociais na cidade e região metropolitana de Toronto. Evidencio como estes sujeitos se inserem nessas redes, desde o momento em que decidem migrar, até a estabilização na sociedade de destino. Mostro, também, como essa inserção é fortemente mediada pela internet e mídias sociais. Para esses migrantes, que passam pelo seletivo processo das políticas migratórias do governo canadense, migrar torna-se um projeto de vida que muitas vezes não estava em seus planos anteriores. Aderem a um fluxo migratório sem terem tido, na maioria das vezes, uma forte referência migratória antes, seja por parte de familiares ou amigos próximos. Migrar para Toronto passa a contar nos cálculos diários, nos investimentos futuros e na escolha das próximas amizades.

Desse modo, neste capítulo, discuto como esses imigrantes potenciais se tornam imigrantes reais, como se inserem nesse fluxo migratório e como chegam e se estabilizam em Toronto. Demonstro que as redes sociais, ao mesmo tempo em que ajudam nesse processo de adaptação e na diminuição dos riscos psicológicos, acabam também desenvolvendo tipos ideais de migrantes, exemplos de famílias e comportamentos, condicionando a agência de seus atores para caminhos pouco heterogêneos. É a partir desse modelo rígido de migrante qualificado, dessa seleção de histórias de vidas similares, que as redes se formam. São as consequências dessa homogeneidade que serão discutidas neste capítulo. Interessa-me, especificamente, como esse perfil e essas trajetórias de vidas se conectam nas redes e são negociadas, ora facilitando o reconhecimento entre os sujeitos, ora constrangendo as ações díspares dentro da rede.

De estranhos a amigos

Como já foi dito no capítulo anterior, a grande maioria desses imigrantes tinha pouca informação sobre o Canadá e quase nenhum conhecido no país.

Não existiu uma estratégia família, como no caso dos valadarenses nos EUA (SOARES, 2003; ASSIS, 2003; SIQUEIRA, 2009), uma ligação com seus ancestrais, com o passado, como no caso dos dekaseguis (SASAKI, 2000) e nem Toronto permeia o imaginário social de uma cidade globalizada, moderna e dinâmica como Nova Iorque (MARGOLIS, 1994) ou Londres (JUNIOR, 2012), por exemplo. O Canadá, assim como a Austrália, entra no roteiro migratório por suas políticas de atração de mão de obra. A maioria dos imigrantes que entram pelo processo das políticas migratórias escolheu tanto logisticamente, por meio de cálculos racionais, como também motivados por desejos pessoais. Redes familiares ou de uma cidade específica do Brasil ainda não se destacaram, fazendo então com que estranhos se tornem amigos; e amigos se tornem a sua família em Toronto.

[Raquel] Ela chegou até mim pelo blog também. Ela disse “Raquel, eu morava num bairro afastado, só tinha chinês, não conhecia ninguém e aí achei seu blog...” aí a gente começou a trocar, a gente marcou encontro... Começa assim: “ah, vem aqui tomar um café não sei na onde”. E hoje, nossa, é aniversário do meu filho, eles ajudam. Então vai passando o tempo e você vai formando uma família com essas pessoas, por que a gente não tem a família. Isso é outra coisa da migração também, você conhece as pessoas em uma semana, na segunda semana, a gente brinca, “meu melhor amigo de infância”. É claro que depois você vai filtrando por afinidades, igual no Brasil, só que aqui a necessidade é maior, porque ninguém... um precisa ajudar o outro.

Essa ideia de família, que enverniza a experiência dos documentados, já foi discutida no capítulo anterior, principalmente por causa do perfil (destes imigrantes e o esperado pelo consulado) já que quem é casado e tem filhos consegue mais pontos para migrar. Entretanto, a busca por relação familiar fora do âmbito do casal, com estranhos, também acontece. A resignificação de relações de amizade para relações familiares, caracterizando amigos feitos em Toronto como parte da família, foi mencionada por muitos de meus entrevistados em decorrência de não haver uma rede pré-estabelecida familiar, ampla e estruturada.

Quando questionei a respeito da relação familiar com os parentes no Brasil, principalmente a relação com os pais, a maioria dos meus interlocutores afirmou manter uma boa relação com eles, mas não de dependência. É o caso, por exemplo, de um entrevistado que afirmou que os pais eram idosos e um dos irmãos dele era o encarregado de ajudá-los nas necessidades diárias; ele, portanto se sentiu mais à vontade para migrar e se distanciar dos pais, apesar de terem idade avançada. Alguns me contaram que, depois que migraram, a relação com os pais mudou, ficou mais forte, se falavam mais, eram mais cúmplices, o que muitas vezes não acontecia antes da mudança. A maioria ainda me disse que, no geral, os pais apoiavam a decisão de migrar, inclusive ajudando no processo de mudança. Compreendi, com isso, que, para a maioria dos meus entrevistados, os familiares do Brasil, principalmente os pais, não são um empecilho para migrarem, sendo que, muitas vezes, são eles que, ao saberem da viagem, incentivam o casal a se tornar mão de obra qualificada no Canadá. É um sinônimo de status, inclusive para a família que fica.

Esse período inicial, que envolve escolher o Canadá, escolher Toronto, conseguir informação, fazer uma poupança, entrar em contato com os que já migraram, avisar os parentes, fazer um levantamento dos documentos, visitar o consulado, consultar um advogado ou ajuda especializada, enfim, esse período pré-migratório, de decisões, tomadas de estratégias e o tempo de espera, que pode levar alguns anos, faz com que a ideia de migrar vá sendo digerida. Esse processo, muito reclamado por parte dos brasileiros devido à demora e à quantidade de documentos que são necessários apresentar no consulado, faz com que busquem informações e vão se familiarizando com a mudança, se familiarizando com Toronto e com esse novo modo de vida. Migrar vai se tornando um desejo alimentado diariamente, uma vontade de estar lá, de fazer parte daquela cidade, de pertencer àquele lugar. É nesse período, ainda no Brasil, que o sentimento de pertencimento se desenvolve, quando ele decide morar no Canadá, quando o imigrante começa a se sentir integrado, mesmo sem estar lá, ou mesmo sem nunca ter estado lá.

Esse processo, demorado e burocrático, faz com que os sujeitos vão assimilando a ideia de serem migrantes, podendo inclusive se sentirem imigrantes antes mesmo de embarcar para Toronto. Esse período é importante, pois facilita o processo de adaptação, não apenas por experimentarem a

mudança antes mesmo de mudarem, mas por construírem, nesse processo, relações de amizade com outros brasileiros que já moram no Canadá. Quanto ao processo de pertencimento, adaptação e (a releitura do conceito de) assimilação, iremos discutir mais à frente; por hora, o importante é discutir como essas redes se formam e os sujeitos vão se inserindo nelas nesse processo.

Começando a rede: blogs!

Como já foi colocado, a maioria dos migrantes documentados não possui nenhum contato direto em Toronto. Dada a notícia da viagem, amigos de familiares, conhecidos de amigos e ex-colegas de trabalho que moram no Canadá começam a aparecer. Uma estratégia interessante foi a de Raquel, formada na área de comunicação e que criou, ainda antes de migrar, um blog em que conta suas experiências para conseguir o visto e suas expectativas com a nova morada.

[Rodrigo] Era importante procurar brasileiros, procurar apoio dos brasileiros, ou não era?

[Raquel] Era, sempre foi!

[Rodrigo] Você veio com essa preocupação?

[Raquel] Não, acho que eu não vim com essa preocupação não... eu percebi a hora que eu cheguei.

Inicialmente, alguns meses antes de embarcar, Raquel criou o blog pensando nos familiares e amigos que deixaria. Começou a ler blogs de outras brasileiras, histórias de outros casais. Comentava nesses blogs e fez, assim, seus primeiros contatos. Ao chegar em Toronto, foi chamada para um almoço com um desses brasileiros que, embora nunca tivessem se visto, já tinham se comunicado virtualmente. Nesse almoço, “tinha uma meia dúzia de gente” e uma dessas pessoas, a Mary, foi de quem Raquel mais se aproximou. Ela me relatou que era interessante também para eles conhecerem Raquel e o marido, pois a maioria estava em Toronto havia apenas 5 meses. Mary, então, ajudou-

os mostrando o apartamento onde morava, já que estavam pensando em alugar algo na mesma região.

[Raquel] Eu tinha de fato essa consciência que brasileiro é de fato quem vai te ajudar no começo. Você ainda não entende a cultura direito pra você chegar no canadense e nem ele vai estar aberto a isso, pra te ajudar no começo. Não existe isso, do jeito que a gente veio. Existe do jeito [que] uma outra amiga veio que era casada com um canadense e tinha a família do canadense aqui. Aí você já começa a entrar de outra maneira numa rede canadense. A rede canadense você só consegue depois que você começa a trabalhar e depois que você já está a alguns anos no mesmo trabalho. Meu marido, hoje, ao mesmo tempo que ele está aqui, ele está na mesma empresa, então você já cria um certo vínculo com as pessoas que você está trabalhando.

Raquel ainda relatou que, no começo, existia uma consciência de que precisa ter por perto pessoas da mesma “cultura” e que nesse período o migrante não tem um filtro, vai conhecendo todos que aparecem. Compreendi que ela julgava importante se relacionar com brasileiros, se aproximar de todos os brasileiro e brasileiras que encontrasse no seu percurso. Se essa necessidade não estava bem clara no Brasil, ela se mostra necessária quando o migrante chega em Toronto.

A migrante acima, que chegou em 2006, somente com o marido e hoje já tem um filho pequeno, comenta que, naquela época, um mecanismo muito usado era o blog, o diário virtual para contar sua história. Diferentemente de hoje, o Facebook era pouquíssimo utilizado no Brasil e o Orkut era um fórum pouco pessoal. Raquel ainda relatou que, mesmo hoje em dia, o site de relacionamento Facebook não substitui a função do blog pela capacidade limitada de escrever. Inicialmente, começou o blog porque gostava de escrever, não somente para conseguir ou repassar informações. O Facebook é usado como um complemento, ajudando a divulgar suas novas postagens.

[Raquel] Quem criou o blog por obrigação, no sentido de ajudar a chegar e migrar, depois de três, quatro anos, aqui, pára. A maioria que eu conheço pára, pára de escrever e de ler porque você está a

cinco anos aqui e você já dominou muita coisa, você já conhece o sistema, sabe navegar todo o sistema de saúde, de muita dúvida que você tem no começo... Quem está aqui diminui, mas se você olhar no meu blog, e eu sempre tenho comentário e um número de gente que assina, quem está lá ainda pra vir ainda lê muito. Não sei se estão criando, porque eu recebo perguntas direto, mas de gente que está no Brasil, fazendo o mesmo plano e quer fazer a mesma coisa.

De fato, a quantidade de blogs de pessoas que contam suas experiências é imensa. Um site de 2008, chamado Lista de Blogs Brasil Canadá: Listagem de Blogs de brasileiros que imigraram ou vão imigrar para o Canadá²⁵, apresenta uma lista com 123 blogs desses migrantes. Quando se digitam as palavras-chave “blogs de brasileiros em Toronto” no site de busca do Google, aparecem aproximadamente 544.000 resultados. Evidente que, dentre esses resultados, nem todos são blogs, assim como surge muita informação repetida e desnecessária, mas ainda assim são números representativos sobre o processo de migração para o Canadá.

A maioria das pessoas que entrevistei também citou o blog como principal ferramenta para encontrar informações sobre o processo de migração e adaptação em Toronto. Para o casal Carlos e Denise, quem queria migrar inicialmente era o marido, que vivia em São Paulo e sempre achou a cidade insegura. O Canadá surgiu por causa do trabalho de Carlos, pois o país é uma referência na área de animação. Quando nasceu o primeiro filho, me contou que se sentiu muito frágil e com medo, e a ideia de migrar se intensificou.

[Carlos] Aí quando nasceu o Vítor eu fui juntando as coisas, comecei a pesquisar mesmo, porque eu nem sabia o que era imigração. Aí comecei a pesquisar o que era imigração... e ela não queria...

[Denise] Ele me mostrava o site e eu nem lia.

[Carlos] Aí eu vi alguns blogs de pessoas que vinham pra cá, porque geralmente as pessoas escreviam blogs. Não tinha muito, na época [2007], Facebook, essas coisas. Então você tem muito amigo, e muita gente escrevia no blog mesmo “olha, tô abrindo esse blog pros meus amigos e familiares poderem acompanhar nossa jornada”

[Denise] Saber como é a vida aqui...

²⁵ <http://listadeblogsbrasilcanada.blogspot.com.br>, acessado em 01/05/2013.

[Carlos] E aí eu lia e começava a entender como funcionavam algumas coisas. Comecei a descobrir que sistema de saúde aqui é público, não precisa pagar, quer dizer, paga, mas não é que nem no Brasil. Comecei a pesquisar sobre violência, e aí contava umas coisas pra ela. “Olha, São Paulo nesse ano morreram quase 2000 pessoas e no Canadá, no país inteiro, morreram 50, assassinadas! E eles contam acidente de trânsito!!”. E aí a gente ria. E começamos a ver essas coisas. Foi mais ou menos assim que começou a história.

Outra imigrante também relatou que, ao chegar em Toronto, não sabia o que fazer para conseguiu emprego, já que no Brasil dava aulas de inglês.

[Heloísa] E aí, como eu não sabia por onde começar, que emprego procurar, eu percebi que aqui era voluntariado em tudo quanto é lugar, que é diferente no Brasil. Eu lia muitos blogs antes de vir pra cá, eu lia blogs, de brasileiros que estavam aqui, o tempo todo.

[Rodrigo] Mas você chegou a entrar em contato com eles, com esses brasileiros, ou não?

[Heloísa] Eu cheguei a entrar em contato com uma, quando eu cheguei aqui. Na verdade foi pra perguntar sobre uns documentos, que ela me respondeu rapidinho, um amor de pessoa. Não conheço mas sei de pessoas que conhecem ela. E de tanto ler eu percebi que aqui tem voluntariado, e as pessoas falavam assim “Que o problema é a primeira experiência canadense [de emprego]”. É o que todo mundo fala e você já deve ter ouvido.

Os blogs, esses diários eletrônicos, se apresentam como uma importante ferramenta migratória para os que estão ou querem passar pelo processo de migrar, principalmente no caso dos migrantes documentados em Toronto. A socióloga Loreley Gomes Garcia, em seu texto “Mulheres Transnacionais” (2007), discorre sobre a utilização deles na sua pesquisa com brasileiras que vivem em diversos países, tais como Noruega, Japão, Finlândia, Canadá e Holanda. Ressalta que utilizou os blogs como uma maneira de acompanhar a vida das migrantes, já que neles estão escritos as singularidades dessas experiências.

“O blog, em verdade, desvela a intimidade na rede mundial, publiciza o privado. O blog é uma invenção típica da passagem da sociedade de massas, na qual as pessoas são anônimas, para a sociedade em redes – marcada pela busca de identidades, recorrendo a inúmeras modalidades que a tecnologia faculta. (...) Com ele é possível narrar, depurar, denunciar, desabafar e saber que haverá sempre alguém disposto a conhecer dores e sonhos, talvez até identificar-se com eles” (GARCIA, 2007, p. 381)

A grande utilização dos blogs pelos documentados se justifica pelas características listadas no começo deste capítulo, como a falta de uma rede familiar ou uma rede densa de brasileiros. A intensificação dessa rede, a partir da década de 2000, faz com que ela ainda seja recente. Outro fator também pode ser observado na fala de Raquel, quando diz que “quem criou o blog por obrigação, no sentido de ajudar a chegar e migrar, depois de três, quatro anos, aqui, pára. (...) pára de escrever e de ler porque você está a cinco anos aqui e você já dominou muita coisa”. Mesmo com mais brasileiros chegando, essa rede vai perdendo a força com o tempo graças aos próprios migrantes, que param de alimentar seus blogs, de procurar novos brasileiros e de ajudar os recém-chegados. Um dos principais objetivos do imigrante é conseguir se estabelecer na sociedade de destino – conseguir os documentos, arranjar um emprego e estabilizar-se. Quem chega documentado já pulou ou acelerou algumas etapas, fazendo com que a estabilização, às vezes, seja mais rápida.

Ainda nesse período inicial, a importância dos blogs, citada por muitos, além de reduzir alguns riscos psicológicos, já que oferece uma gama de informação pessoais sobre o local de destino, é que eles também desenvolvem um discurso migratório. É uma janela que mostra a intimidade da pessoa que escreve. É a novela do processo migratório, onde em cada capítulo se contam as perdas e vitórias. Esses blogs também passam um modelo de migrante, um modelo de comportamento e de trajetória de vida. A intimidade do blog faz com que pessoas que estão na mesma situação se encontrem e se reconheçam, dividam angústias, sonhos, mas também criem sonhos juntas, desenvolvendo e disseminando estratégias migratórias. É desse meio virtual que as redes começam a surgir, a intensificar ou realocar as novas redes, onde o futuro imigrante faz seus primeiros contatos e se insere como um dos elos dessas

redes. É aqui que as redes se traduzem, é pelos blogs que elas são mediadas e se desenvolvem na prática.

Sem saber de nada disso, quando cheguei em Toronto criei um blog. Minha ideia era colocar as fotos para meus pais e amigos verem, um lugar para alguém com saudades me ler. Não estava nem dois meses no ar quando o abandonei. Não adicionei outros blogs nem criei rede alguma. Também migrei, mas com hora marcada para voltar. Fui um expatriado, namorando no Brasil, sem filhos, fazendo uma pesquisa, sem intenção de ficar. Seja porque já tinha conseguido bastante informação por causa da pesquisa feita para o projeto, seja porque fornecia informação demais para quem ficou, porque estava em constante contato com minha família e amigos, ou mesmo porque sabia que ia voltar, não me adaptei à dinâmica dele, parando de acessá-lo após dois meses de criação. É interessante como os anseios dos imigrantes, diferentemente do meu, de sujeitos que estão esperando pelo processo consular, esperando para mudar de vida, incentiva a criação maciça, e rápida, dos blogs. Mesmo quem não cria, lê, comenta e dissemina, fomentando a interação desses agentes. Porém, embora se encaixem nesse perfil, alguns migrantes não citaram o blog como ferramenta de interação social. Um caso desses é o de Ismael e Carolina.

Outras configurações de redes sociais

No final dos anos 90, Ismael fez um curso de inglês em Toronto e foi convidado para ingressar numa universidade. Relatou que, naquela época, eram muito raros brasileiros em universidades no Canadá, mas o diretor da universidade gostou de seu currículo. Fez a faculdade, acabou, trabalhou por um tempo na sua área profissional e conseguiu a cidadania. Decidiu voltar ao Brasil e abrir um negócio. No Brasil, se casou com Carolina, que nunca tinha morado fora do país. Devido a problemas de saúde ligados ao stress e problemas com os sócios do negócio, a ideia de voltar para Toronto começou a aparecer.

Ismael, que já tinha conhecidos em Toronto, como antigos companheiros de faculdade e ex-colegas de trabalho, não acionou nenhuma rede de brasileiros na segunda vez que voltou. Foi para Toronto, procurou e montou

uma casa e depois veio buscar a esposa, que largou o emprego de enfermeira em São Paulo. Contou-me que foi nesse momento que percebeu que tinha que se aproximar da comunidade, porque Carolina tinha dificuldades com a língua e ficava muito tempo sozinha em casa esperando sair a validação do diploma. Embora tivesse uma irmã e uma prima que vieram pelo processo de migração, documentadas, incentivadas pela primeira vinda dele, elas moravam longe de Toronto, dificultando o contato diário entre elas e sua esposa. Entretanto, quando estavam pensando em morar no Canadá, o casal fez uma viagem, principalmente para que Carolina conhecesse o país. Ela me disse que sabia que a realidade canadense era uma realidade muito diferente da brasileira, com educação e saúde de primeiro mundo, mas ficava sempre pensando na família no Brasil.

[Carolina] Compramos a passagem, passamos um mês e ficamos na casa da Marcela, que é a prima do Ismael. Conversei muito com o marido dela, com ela e aos poucos eu comecei a mudar a minha ideia com relação ao Canadá. Que eu podia arrumar um emprego, que eu podia... que eu não ia aprender a falar inglês da noite pro dia. Ela falou que levou anos pra ela conseguir uma fluência, mais de quatro anos depois que ela começou a ficar confortável no inglês aqui. Então falei “acho que tem uma luz no final do túnel!”.

No caso de Carolina, que nunca pensara em morar fora do país, a rede pré-estabelecida de Ismael, incluindo ele, foi a responsável por confortar Carolina quanto a migrar. Além de Ismael, foi a família da prima dele, que já estava havia alguns anos no Canadá, que compartilhou as aventuras e angústias de ser migrante com Carolina, convencendo-a a se mudar para o país. Embora eu tenha entrevistado mais casais que não utilizaram o blog como primeiro contato, pois já tinham uma rede, mesmo que pequena, histórias como essas são mais incomuns. A maioria me relatou das experiências com os diários virtuais. Embora muitos tenham sido criados em meados dos anos 2000 e agora esse processo de criação tenha diminuído, como sugere Raquel, ele ainda é muito utilizado.

Outra forma de conseguir informação e contato, ainda que menos eficaz, é através do Facebook, seja informando aos seus conhecidos da viagem ou

pesquisando nos vários grupos específicos. Exemplos desses grupos são Comunidade Brasil Canadá, Brazuca - Brazilian Culture in Canada, Brasileiros no Canadá, Canada, Café com letras de Toronto, Toronto, Brasileiros em Toronto, Agitos Toronto, Imigração Canadá, Imigração para Brasileiros – BRX e Grupo Imigração Canadá - Brasília²⁶. Embora em alguns deles seja necessário pedir permissão para participar das discussões ou publicar algo, nenhum se caracteriza como grupo oculto, ou seja, pode-se ler o que os participantes escrevem e as fotos que postam, são grupos públicos. Apesar da quantidade de pessoas e de grupos que permeiam o Facebook, nenhum dos meus entrevistados citou esses grupos como ferramentas importantes para construir uma rede social sólida. Eles são usados, mas para conseguir informações sobre o Canadá e tirar algumas dúvidas, mas não fortalecem a rede. Eles têm a mesma função que sites especializados em migração para o Canadá, ou seja, conseguir informação sobre visto, passagens, preços, estilo de vida, sobre o país e a cidade de Toronto, etc.. Dentre esses sites, destaco os oficiais, que são o Portal Internacional do Canadá²⁷, o Governo do Canadá no Brasil²⁸ e o famoso “CIC”, *Citizenship and Immigration Canada*²⁹. Nos dois primeiros sites, a informação é quase a mesma, com algumas exceções, pois as informações no site do Governo do Canadá no Brasil são mais específicas, direcionadas para o caso brasileiro, como os locais dos consulados, dos Centros de Requerimentos de Visto (VACs), os vínculos educacionais com o programa Ciência Sem Fronteira, etc., além das informações serem todas em português.

Vale lembrar, ainda, que existem grupos no Facebook e por e-mail, como é o caso do Yahoo Groups e do Google Groups, que são ocultos, ou seja, uma pesquisa na internet não poderá encontrá-los. Para fazer parte deles, o possível novo integrante deve conhecer alguém que esteja em algum desses grupos e esse membro pede ao moderador para incluí-lo (nos grupos ocultos do Facebook, qualquer um do grupo pode incluir alguém, mas na maioria das vezes o moderador tem que aprovar a inclusão do novo membro). Esses grupos são de extrema importância para o trabalho proposto e irei discuti-los

²⁶ Acessados em 11/09/2012

²⁷ <http://www.canadainternational.gc.ca>

²⁸ <http://www.canadainternational.gc.ca/brazil-bresil/index.aspx?lang=por&view=d>

²⁹ <http://www.cic.gc.ca>

mais adiante, numa seção reservadas para eles no final deste capítulo, já que na fase inicial o possível imigrante ainda está buscando os primeiros contatos, entrando nas redes sociais, e no caso desses grupos, pressupõe-se que ele já esteja inserido numa rede.

Estratégias para chegar em Toronto

Se blogs, como mediadores das redes sociais, e sites da internet são as ferramentas mais usadas pelos migrantes documentados para conseguir informações sobre os processos migratórios e entrar em contato com a forma de viver em Toronto, a forma de chegar e se estabilizar nem sempre é tão consensual. Diferentes tipos de visto, profissões desempenhadas no Brasil, contatos anteriores, traços de personalidade e comportamentos de gênero são os principais fatores que desencadeiam os mais diferentes tipos de estratégias e de inserções na sociedade de destino.

Carolina, do último exemplo, tem uma inserção bem diferente, já que Ismael, seu marido, já tinha morado alguns anos em Toronto. Ele se mostrou o tempo todo preocupado com a chegada de Carolina. Foi alguns meses antes para alugar um lugar bom para ela e escolheu cuidadosamente a casa e a mobília de onde iriam morar. Carolina não é fluente em inglês e Ismael, com medo dela se sentir sozinha, incentivou a amizade dela com alguns brasileiros que moravam no mesmo prédio deles, além de começar a frequentar o CAIS, a ONG brasileira, para que ela se enturmasse e conhecesse outros brasileiros. O interessante, nesse exemplo, é que ele não se interessava pela comunidade brasileira, pois já tinha feito parte da comunidade brasileira no passado e atualmente tem uma rede grande de conhecidos não brasileiros. Além disso, me disse que prefere ficar sozinho, não é muito do tipo sociável, que sai em grupos. Ele sai, mas não faz questão.

Raquel e o marido, que trabalhavam em multinacionais no Brasil, precisavam de uma estratégia diferente, pois não tinham nenhum conhecido no Canadá. Assim que conseguiram o visto, tentaram a transferência através de suas empresas para o país. Foi o marido, que já tinha ido pela própria empresa e ficado apenas três meses, quem motivou o casal a tentar uma transferência interna. Entretanto, não conseguiram. Ela me disse que isso é o que todos

buscam, o percurso ideal, ser transferido pela própria empresa já com o visto carimbado no passaporte. Porém, das inúmeras pessoas que eles conhecem que tentaram esse processo de transferência, apenas duas conseguiram, sendo que um deles é um amigo que trabalhava na empresa Nestlé no Brasil e foi transferido. No caso do casal, não conseguiram e vieram sem emprego mesmo, só com o visto de *skilled workers*. Escolheram Toronto por causa das ofertas de trabalho e da língua oficial, o inglês, que Raquel sempre gostou de praticar.

Ela, que fez um blog antes mesmo de migrar, também relatou essa experiência de conhecer alguém antes de chegar, quando entrou em contato com outros migrantes ainda estando no Brasil. Diferentemente de Carolina, que tinha seu marido Ismael para lhe apresentar outros brasileiros, Raquel, detentora do blog, teve que buscar esses brasileiros por si só, e começou pela internet. Contou que já tinha entrado em contato com os migrantes brasileiros, que também tinham blog e que já estavam em Toronto, mas só percebeu que ele era necessário quando chegou na cidade, principalmente para, inicialmente, se estabilizar.

[Raquel] Porque quando você chega, é duro mesmo. Onde é que você vai morar? Onde que vai alugar? Então, o que a gente fez: as duas primeiras semanas a gente ficou num hotel, no centro de Toronto, porque a gente queria chegar, ter uma noção de Toronto, andar... porque a gente nunca tinha vindo. Andamos, pegamos o mapa na mão, fizemos turista, assim, de ficar fuçando, andando, conhecendo os bairros, porque, aonde é que você vai morar? E também tem as dificuldades de quando você chega que você não tem crédito. Pra você alugar... como é que você vai alugar? Sua vida fica mais fácil quando outro brasileiro que já chegou começa a te ajudar no sentido de que “ah, eu usei esse corretor...” “eu estou aqui a mais tempo, eu pago sempre aluguel em dia!” De repente, outro brasileiro... “ah, brasileiro paga em dia!” Um vai fazendo a coisa pro outro. Então quando a gente chegou tinha uma turminha que já tinha chegado uns 5 meses antes, não era muita coisa, 4, 5 meses antes, mas já estava com o apartamento alugado ali. Foi por isso que a gente foi morar ali.

É comum este roteiro feito por Raquel e seu marido: se comunicar com alguém antes de migrar (na grande maioria das vezes virtualmente), chegar em Toronto, se hospedar num hotel ou algo provisório e com a ajuda de outros brasileiros, também recém-chegados, escolher um bairro para morar, se informar sobre o sistema de crédito, o sistema bancário, supermercado barato, sistema de transporte e alugar uma casa. Ouvi também histórias de imigrantes que ajudaram, inclusive, a comprar os móveis novos, levando o recém-chegado de carro na famosa loja varejista IKEA. De fato, esta loja é muito frequentada por brasileiros, e não somente pelos que acabaram de chegar, pois os móveis são relativamente baratos e vendidos desmontados, podendo o cliente comprar as partes e montar em casa. Passei uma tarde de domingo visitando a loja e identificando o padrão de seus produtos. Com o tempo, percebi que todos os meus entrevistados tinham alguns, ou todos, os móveis da casa comprados na loja, seja porque eu reconheci alguma peça na casa deles ou, como era mais comum, eles mesmo falavam. Além do visual moderno de suas peças, a praticidade e o preço são os elementos importantes nessa escolha.

Estratégias ao chegar em Toronto

A ideia de praticidade também está presente na densidade das redes. Os recém-chegados se reúnem intensamente para trocar informação, ajudar-se mutuamente a se estabelecer, conseguir emprego, e depois se subdividem nos mais diversos grupos, os quais explicarei à frente. Por enquanto, o importante a dizer é que, nesse período inicial, existe uma espécie de pressão em conhecer brasileiros, estabelecer uma rede ampla e forte. Heloísa, que migrou com o marido e uma filha adolescente, me contou que conheceu as primeiras brasileiras na aula de inglês, oferecida pelo governo, e que é quase uma obrigação, ao chegar, conhecer quantos brasileiros puder.

[Heloísa] A aula foi só o começo porque passou dois meses e nenhuma mais estava ali fazendo aula. Passou dois meses eu já tinha saído, a outra já arrumou emprego e a outra também tinha arrumado emprego, acho que foi só o início mesmo. Então nosso contato foi realmente por montar [o grupo] e se ver em casa, porque a gente chega aqui e não conhece ninguém, você não tem amigos.

“Não, vamos lá em casa!” E a gente começou a frequentar um a casa do outro.

[Mariano] [...] Assim que eu cheguei, eu percebi isso, todo mundo tentava fazer alguma coisa num final de semana, na casa de alguém, meio que pra dar apoio uns pros outros.

[Heloísa] A gente fazia meio que compromisso. Hoje em dia não, mas antes, no começo, a gente fazia... acho que era uma necessidade individual, de contato mesmo com o outro, com outras pessoas, e também de amigos. Porque você chega aqui e não conhece ninguém, você não sabe nada, o pouco que uma sabia uma trocava com a outra, mas não era muita coisa, era um pouco. Quando a gente se encontrava a gente trocava todas as informações possíveis e conversava até não poder mais, mas ainda assim é restrito né?! Mas a gente tentava, no começo eu lembro, quase todo final de semana fazer alguma coisa, na casa de alguém. Tipo, cada um trazia um pratinho e “vamos nos reunir e conversar”, e cada vez mais a gente chamava uma pessoa. “Ah, eu conheci uma pessoa!”. “Traz!”

[Mariano] E aí o grupo meio que se formou.

[Heloísa] E aí chegou um momento que não dava mais pra se reunir porque...

[Mariano] O grupo era muito grande e se formaram subgrupos. As pessoas com mais afinidades, porque fazem coisas similares, um joga tênis ou tem filhos da mesma idade, ou não tem filhos e podem sair pra pub e ficar até altas horas.

[Heloísa] Eu percebi que no começo a gente fazia... não é que era por obrigação, que era ruim. Não. Era por obrigação, mas era gostoso. [...] Foi logo no começo que a gente conheceu, acho que se passaram duas semanas e a gente já começou a se reunir, e depois dava um intervalo de duas semanas, porque toda semana não dá né?! Mas em intervalo de duas semanas e já se reunia de novo. Isso durou mais ou menos dois anos. No primeiro ano foi mais intenso [...] até pela ansiedade de troca de informações, até amigos, de conhecer o lugar, depois foi diminuindo, por vários motivos, que aí todo mundo já começa a se encaminhar, ter seu emprego... e algumas pessoas também se reúnem mais por afinidade. É diferente no começo, quando, assim, é festa, e quando você convida. [...] Mas a gente ainda faz, aquele grupinho primeiro, que eu acabei de falar com ela, ainda é dos primeiros, as duas que eu conheci primeiro, que eu queria me reunir com elas. Inclusive esse emprego que eu tenho hoje, foi uma delas que me indicou, que arrumou pra mim.

Nesse relato podemos perceber algumas estratégias dessa estabilização primária do imigrante brasileiro, como, por exemplo, a internet – a mais importante ferramenta que conecta os brasileiros –, a chegada num hotel ou moradia provisória e a criação de uma nova rede social dos recém-chegados. Essa nova rede é composta por resquícios de outras redes de imigrantes que têm poucos anos de Canadá, que ora aumenta de densidade e ora diminui, levando à formação de outros subgrupos, como exemplifica Mariano na fala acima. Ele e Heloísa brincam que eram todos da mesma safra, ou seja, toda a rede deles veio no mesmo período, no ano de 2007, o que mostra uma grande necessidade de formar essas redes no começo. Mas, depois desses contatos iniciais, elas vão se subdividindo, intensificando o contato nos grupos menores e fragilizando o contato com o grande grupo. Está é uma característica bem observada por Ismael, que expressou uma fala que ouvi frequentemente, principalmente enquanto participava da ONG CAIS.

[Ismael] A comunidade brasileira não se ajuda. A comunidade brasileira está sempre lá quando tem festa mas quando precisa fazer alguma coisa séria não acontece. [...] O voluntariado não é uma cultura no Brasil. Festa é cultura, o Brasil tá sempre junto quando acontece uma festa. E por outro lado, também, eu estava muito focado no trabalho, em trabalhar, me assentar aqui, tudo o que você está vendo aqui no apartamento foi eu que praticamente montei sozinho, trazendo peça a peça.

Ismael falou do trabalho quando perguntei por que ele não ajudava no voluntariado, não participava de uma instituição como o CAIS. Ele foi cético quanto aos rumos dessa e qualquer instituição de ajuda. Em certo ponto, concordo com Ismael quando diz que a comunidade brasileira não se ajuda, principalmente, porque percebi rapidamente esse sentimento no CAIS, sendo frequentado por poucos brasileiros, onde muitos vinham pedir ajuda mas pouquíssimos vinham ajudar. Entretanto, ao analisarmos a rede do perfil desses brasileiros qualificados que entrevistei, podemos perceber, especificamente, que ela consegue oferecer essa ajuda, mas de maneira

informal, sem a necessidade de passar por nenhuma instituição oficial, uma adaptação do “jeitinho brasileiro” nas redes de Toronto.

Os brasileiros qualificados que chegam via políticas de migração se aglutinam numa rede que oferece ajuda mútua nas áreas da adaptação com o sistema bancário, com o mercado imobiliário, na localização e dicas de lugares e estabelecimentos, assim trocam informações sobre os comportamentos dos sujeitos locais. Não pretendo afirmar, de maneira alguma, que essa rede seja neutra ou que essa identificação étnica, e também de perfil, somente favoreça o migrante, mas nesse primeiro período, de descoberta, qualquer informação é válida. Com o tempo, essas redes vão se mostrando mais ou menos eficientes, mas, nessa primeira fase, a maioria dos meus entrevistados relatou que entrar numa rede era fundamental.

Um exemplo interessante dessa discussão é o casal Marcos e Luciana, que chegou em janeiro de 2007. Ele era professor, mas queria mudar de profissão, ir para a área de artes gráficas, e ela era enfermeira. No Brasil, conversaram com duas pessoas, amigos de amigos deles, que moraram em Toronto. Como fazia um tempo que haviam voltado, me contaram que eles não ajudaram com muitas informações e, então, acabaram alugando um quarto temporário para quando chegassem, via um blog de um brasileiro. Ficaram um mês nesse quarto e se mudaram para um apartamento barato, mas num bairro perigoso da cidade. Marcos e Luciana chegaram sem vontade de conhecer nenhum brasileiro e, depois de conhecer esse que alugou o quarto para eles e irem num centro de ajuda, decidiram não procurar mais a comunidade, pois esses primeiros contatos não os ajudaram em nada. Marcos, ao chegar, distribuiu currículos e conseguiu rapidamente um emprego na área de *e-learning*, onde fazia vídeos de treinamento para os funcionários de uma empresa, mas ele mesmo me disse que foi por sorte, pois precisavam de alguém com muita urgência. Ficou alguns meses e o mandaram embora porque precisavam cortar verbas. Marcos, que tem curso superior e até um mestrado incompleto, passou vários meses entregando currículo e acabou, num momento de desespero, retirando a informação que tinha formação universitária e passou a entregar esse novos currículos em bares perto de sua casa. Sua esposa também, enquanto esperava a validação do diploma no Canadá, distribuiu alguns currículos e trabalhou numa loja de departamento.

[Marcos] Foi uma época difícil. Você não estava aguentando fisicamente. Era muito exaustivo. Nessas lojas as pessoas chegam e tiram todas as roupas do lugar e você tem que ficar arrumando, arrumando constantemente e é cansativo. O ônibus era longe da nossa casa...

[Luciana] Era longe! Eles colocavam eu pra trabalhar à noite. Era um lugar, assim, meio afastado. (...) Então, é meio aquilo que você passa, né? Imigrante... você percebe que o dono da loja vê que você é imigrante, que você precisa do emprego, então eles abusam de você, né? Eles falam: “você tem que arrumar tudo isso”. Eles dão muito trabalho pra você, sabe? E pagam muito pouco.

[Marcos] Eles usam o fato de que você precisa daquele emprego. Você trabalha mais do que um canadense. É fisicamente...

[Luciana] E também eles sabem que o seu inglês é limitado. Então, assim, tipo, eu tinha pouquíssimo inglês, mas tinha gente lá que eu conhecia que tinha menos inglês do que eu, e eu via que algumas pessoas abusavam disso, dela não saber inglês, entendeu? Eu fiquei pouco tempo lá. Estava muito longe. Ele ia me buscar e aí estava cansativo. Aí eu falei: “ah, vou sair”.

[Rodrigo] Isso foi assim que vocês chegaram?

[Luciana] É...

[Marcos] Depois de quatro meses a gente estava chegando no limite e eu falei pra minha esposa: “talvez, exista a possibilidade de a gente ter que voltar pro Brasil. Não que a gente queira, mas o dinheiro que a gente reservou pra morar aqui no Canadá já está chegando no final”. Aí, eu falei: “bom, tá na hora de tentar o que for. Colocar o orgulho de lado e bater na porta de restaurante, pedir pra ser garçom, pra ser o que for.” Isso foi bem pesado, psicologicamente, pra mim, por tudo o que eu tinha já no Brasil e, de repente, procurar de garçom e tal. (...) acabei conseguindo emprego de *dish washer*, lavador de pratos. E aí... *Dish washer!* *Dish washer* foi extremamente humilhante pra mim. Fisicamente é terrível. Não o lavar pratos que você usa uma máquina, mas você é o ajudante de cozinha. Então, você tira lixo, você lava o banheiro, você lava o restaurante inteiro, você... então, fisicamente eu não tenho... tenho problema de joelho, essas coisas... então, fisicamente foi ruim pra mim. Aí, eu estava literalmente limpando o chão e chegou uma garçonete e eu perguntei pra ela “quanto você ganha?”, porque, naquela época, eu estava tentando arrumar uma coisa melhor pra minha esposa. Eu perguntei: “quando

você ganha?”... “ah, eu ganho 15 a hora, oficial, e se você computar a gorjeta (...) dá, mais ou menos, 15 por hora, em gorjeta”. No final das contas ela ganha, como a gorjeta é variável, ela ganha entre 25 e 30 [dólares canadenses] a hora, que aqui é ótimo. Maravilhoso! É um salário que sustenta tranquilamente... né?

[Luciana] Pra quem não tem nenhuma universidade...

[Marcos] Aí eu perguntei pra ela: “qual é o seu nível de ensino?” Ela falou assim: “ah, eu só tenho colegial, e você?”. Aí eu menti, eu falei: “ah, eu também, eu só tenho colegial”. Aquele foi o último dia. Foi o último dia. Porque eu pensei: “eu não ralei cinco anos numa Unicamp, cheguei a entrar no mestrado, fiz metade do mestrado, trabalhei dez anos de professor... não!” E eu ganhava 8... ganhava 8 a hora.

Durante a entrevista com o casal, Marcos evidenciou que não procurou a comunidade brasileira, e que, aliás, estava com ojeriza do Brasil e queria procurar canadenses, aprender o inglês e fugir de onde moravam os brasileiros. Quando chegaram, por terem alugado o quarto numa área mais pobre da cidade, acabaram conhecendo outros brasileiros fora desse perfil das políticas migratórias canadenses, a maioria não documentados, e todos ofereciam trabalho na área da limpeza para eles. Marcos, que já não queria muito contato com os brasileiros, percebeu que aquela rede que estava entrando não era para ele, como ele mesmo me disse.

[Marcos] (...) eu não estava querendo amizade. Eu só recorri a brasileiros por causa de emprego e como eu não conseguia nada, tudo era assim, faxina, eu desencanei. Falei: “eu não preciso de brasileiro”. Então, infelizmente, a gente passou alguns anos sem essa rede social por causa disso. Eu falei: “ah, se é pra ter esse tipo de amizade ou ajuda, eu prefiro não ter.”

[Luciana] É. Eu acho que também, no começo, o tipo de brasileiro que a gente encontrou, foi, assim, a gente ficou meio, tipo, desgostoso. Eu acho que se a gente tivesse, por exemplo, conhecido a Raquel logo que chegou aqui, a Heloísa, eu acho que seria diferente.

[Marcos] Então a gente deu azar. Assim que a gente mudou de área... essa área, querendo ou não, é uma área mais rica, é uma área mais nobre da cidade. Assim que a gente mudou pra cá, conheceu a Raquel através dos blogs, (...). E um dos primeiros eventos sociais

que eu lembro foi um churrasco, do prédio ao lado, só de brasileiros. A Raquel falou: “você quer ir nesse churrasco? Vamos, você conhece um monte de brasileiros”.

Nesse exemplo, a rede em que se inseriram não atendia as suas expectativas. Essa rede fornecia informações e um determinado capital social que não interessava para eles, inclusive acompanhado de um sentimento de rebaixamento social. Se, por um lado, essa rede inicial não apresentava vantagens para eles, por outro, eles, que já estavam cansados de brasileiros, acabaram se afastando de qualquer outra rede brasileira e decidiram buscar empregos através da entrega de currículos. O interessante é que acabaram trabalhando nos mesmos lugares que poderiam ter trabalhado se continuassem na rede de brasileiros do começo. Podemos pensar, aqui, que esses imigrantes não negociaram seus status na rede, assumindo desde o início que ela não poderia ajudá-los e descartando-a.

Nesse período inicial, as categorias de análise da sociedade e a importância que essas categorias têm na vida do migrante ainda estão muito atreladas à carga cultural do país de origem. Para Marcos e Luciana, que chegaram em Toronto com formação universitária, um marcador que simboliza status no Brasil, aderir ao trabalho da faxina ou mesmo de caixa de loja de departamento pode ser muito difícil emocionalmente, ainda mais se não existe nenhum imigrante para confortar e dar apoio. No caso de Marcos foi ainda pior, pois Luciana ainda estava esperando a validação do diploma dela, podendo encarar como um trabalho temporário enquanto esperava pela burocracia, mas para ele foi emocionalmente mais difícil de lidar, pois se cobrava por ser o homem da família e não estar conseguindo sustentar a casa.

[Marcos] E eu ganhava 8... ganhava 8 a hora (...). Sem gorjeta. 8! Aí eu falei “não, não, não...!”. Aí eu voltei pra casa, naquele dia eu lembro que eu cheguei a chorar porque, emocionalmente falando, eu estava destruído. Por vários motivos: um, é assim, aquela coisa de chefe de família e você não está conseguindo prover pra sua família. Existia uma frustração, eu prometi pra minha esposa que daria tudo certo e não está dando. E eu estava me sentindo incapaz de dar isso pra ela. Horrível, porque isso significaria voltar pro Brasil, então eu me sentiria muito fracassado. Porque o meu objetivo era morar aqui e

eu fracassei e humilhado porque eu acho que eu cheguei, eu não vou falar fundo do poço porque tem tantas profissões, tem tanta coisa terrível no mundo, *dish washer* não é o fim do mundo, claro que não, mas eu desci muito. Eu desci bastante. E eu estava me sentido humilhado. Então, junto a essas três coisas, frustração, fracasso e humilhação, eu cheguei a chorar e eu falei pra minha esposa: “olha, eu prometi pra você que eu faria de tudo, mas esse tudo tem limite e eu acho que eu cheguei no meu limite”.

Uma maneira de descobrir as vantagens de uma rede é negociando. No caso de Marcos, não houve essa negociação. Houve, sim, uma tentativa inicial mal sucedida, de terem se inserido, inicialmente, numa rede que não os ajudava, ou seja, que tinha “laços fracos”, não se identificavam, como categoriza Granovetter (1973), e a rede foi deixada de lado. Ao perguntar como é que eles conseguiram as informações sobre Toronto e imigração, eles me disseram que foi através do site oficial do governo e pesquisa na internet ou blogs, mas que, no caso dos blogs, quem mais acessava era a Luciana, e somente lia, nunca comentava. Ela me disse, depois, que quando começou a interagir mais com as blogueiras, já que a maioria eram mulheres migrantes, foi quando estava esperando seu primeiro filho, mas antes disso, não. Aqui também se confirma o que venho tentando mostrar neste trabalho, que a inserção inicial numa rede de brasileiros que migraram através das políticas migratórias ocorre, na maioria das vezes, via blog, é por onde as redes se alimentam, por onde são mediadas. Existe um perfil da maioria dos brasileiros *skilled workes*, casados, com filho – ou com projetos de ter –, com nível universitário, que acaba gerando uma identificação. Esses marcadores sociais, além da identificação étnica, ajudam a formar um grupo com interesses em comum, facilitando a identificação entre si, já que, nesse período inicial, buscam os mesmos objetivos. Para Marcos e Luciana, isso não aconteceu. A rede em que se inseriram na primeira etapa, a rede de laços fracos para eles, eram de brasileiros que apresentavam níveis educacionais diferentes do que eles possuíam, que não fizeram, necessariamente, uma poupança para migrar, escolhiam os trabalhos considerados menos qualificados e, por isso, acabavam oferecendo poucas vantagens para se inserirem. A identificação não ocorreu,

e nem eles estavam dispostos a tentar se identificar com outras redes de brasileiros.

Redes sociais na origem

Um fator interessante de ser discutido é o nível educacional desses migrantes. Esse aspecto poderia estar naturalizado nessa pesquisa, já que é necessário ter faculdade para ser *skilled worker* no Canadá, mas, ao analisarmos por meio das teorias das redes, não só na sociedade de destino, mas, também, na de origem, frequentar uma universidade, ainda que no Brasil, é fazer parte de uma rede mais primária ainda. A maioria desses brasileiros vem do Estado de São Paulo e, muitas vezes, ouvi, não apenas nas entrevistas mas em conversas corriqueiras, sobre imigrantes que acharam rapidamente um ponto em comum das suas trajetórias de vida por causa do regresso à uma universidade. É comum imigrantes encontrarem amigos ou conhecidos que fizeram a mesma universidade, que moraram na mesma cidade ou até mesmo que fizeram cursos parecidos, mas em faculdades diferentes. Encontrar esse elo, mesmo que distante, como ter amigos em comum ou ter ido às mesmas festas ou eventos universitários, conecta esses imigrantes numa rede anterior à rede de Toronto, mas numa rede de universitários, gerando um reconhecimento, uma experiência em comum, colocando-os numa posição mais próxima. O oposto pode ser notado na fala de Marcos quando percebe que no trabalho de *dish washer* ninguém tinha mais que ensino médio

[Marcos] Aí eu perguntei pra ela: “qual é o seu nível de ensino?” Ela falou assim: “ah, eu só tenho colegial, e você?”. Aí eu menti, eu falei: “ah, eu também, eu só tenho colegial”. Aquele foi o último dia. Foi o último dia. Porque eu pensei: “eu não ralei cinco anos numa Unicamp, cheguei a entrar no mestrado, fiz metade do mestrado, trabalhei dez anos de professor... não!”

Cursar uma universidade é um marcador social forte dentro dessa rede, selecionando quem faz parte dela e quem não faz; e não é qualquer universidade. Os imigrantes que frequentaram as mais renomadas acionam as mesmas categorias de status e prestígio como se estivessem no Brasil,

valorizando, no interior dela, quem as frequentou³⁰. As profissões, adquiridas a partir de um diploma universitário, também atuam de maneira semelhante. Por terem se encaixado no perfil das políticas migratórias, a maioria desses imigrantes, principalmente os homens (já que são a maioria dos aplicantes principais), possuem profissões semelhantes ou na mesma área, principalmente de tecnologia e engenharia. Profissões diferentes, salvo algumas exceções, não significa uma desvantagem, nesse momento inicial de chegada. Porém, profissões semelhantes, ao mesmo tempo que podem facilitar a identificação, a abertura de novos contatos profissionais e vantagens, também podem significar mais competição. Se ter um curso superior gera uma identificação em um primeiro momento, ter profissões semelhantes gera, mais para frente, redes específicas dentro da comunidade. Por ora, é importante discutir, no momento da chegada, como o imigrante consegue seu primeiro emprego, como consegue se inserir numa rede de trabalho.

Tipos de visto, tipos de inserção

Conseguir um trabalho é fundamental para a inserção do imigrante na sociedade, mas isso depende, primeiramente, de como o imigrante migrou, com que tipo de visto e status ele entrou no país. Há um engano, que alguns imigrantes que vieram pelo processo de *skilled worker* afirmam, ao dizer que quem veio com *work permit* está numa melhor situação, ou seja, está melhor quem veio com o visto de trabalho porque aquele já veio contratado por uma empresa. O casal Denise e Carlos contou, durante a entrevista, que ele tinha sido contratado, desde o Brasil, para trabalhar numa empresa em Toronto, mas que ela fechou depois de um ano e meio que estavam no Canadá. Com o *work permit*, o imigrante tem uma data certa para voltar ou para renovar o visto, e com a falência da empresa, só restava ao casal voltar. Eles me disseram que, embora tivessem mais de um ano para renovar o visto, estavam preocupados, pois se encaixavam em vários processos e precisavam pensar em qual estratégia seria melhor para que pudessem, mais à frente, adquirir o cobiçado

³⁰Este fator educacional foi importante inclusive para mim, que era pesquisador da UFSCar com bolsa FAPESP, facilitando a inserção no campo e sendo não somente valorizado mas reconhecido como um do grupo.

cartão de *permanent resident* (PR), o status que permite que o migrante possa viver no Canadá antes de se tornar um cidadão oficial.

[Denise] A gente encaixa num monte de processo de migração

[Rodrigo] Mas qual processo de migração vocês se encaixam?

[Denise] A gente se encaixa no *canadian experience class*, que precisa de quatro meses só pra cumprir os dois anos que pede, a gente se encaixa no *self employee*, porque a gente tem como dar contribuição artística para o Canadá, ele, mais do que eu...

[Rodrigo] Porque você faz filmes?

[Denise] É, é arte né?!

[Carlos] Eu já trabalhei com longa metragem, eu trabalho com animação, eu trabalho com arte, que eu envolvo o que eles chamam de entretenimento. Já trabalhei com seriado de tevê, com filme, então encaixa na indústria do entretenimento e isso gera o que eles classificam como contribuição artística e cultural para o país. Então eu consigo imigrar por isso, falando que eu vou contribuir artisticamente...

[Denise] E a gente tinha começado o processo do *provincial nominee*, que é pela província de Ontário, mas a empresa acabou e a gente não quis mandar o resto da documentação pro governo federal, enfim...

[Carlos] Porque legalmente você não pode, a empresa tem que dar o suporte pra você mandar. Se a empresa não existe, se a empresa acaba, ele te manda embora, seu processo acaba.

[Denise] Então até a gente receber o *PR* a gente fica conectado numa empresa

[Carlos] Então a empresa acabou e a gente parou, e a gente tem essas opções todas.

[Denise] A pior opção pra gente é a que todo mundo escolhe, que é o *skilled worker*.

[Rodrigo] Por quê?

[Denise] Porque a nossa profissão não está na lista atual.

[Rodrigo] E qual seria a profissão de vocês?

[Denise] Pro governo do Canadá, nós dois nos encaixamos no mesmo *NOC*, que eles chamam, que é national occupation... alguma coisa assim... É um número que a gente tem que é *graphic designers*, que sou eu, *and illustrators*, e ele encaixa no *illustrators* que aí vai, *animators*, *editors*, diretor de filme...

[Carlos] *Special effects computers* tralála..

[Denise] Porque não tem uma de filme né?! De produção...

[Carlos] E o *skilled worker*... você tem dois jeitos: ou você tem um emprego arranjado ou seu nome está na lista das profissões. As nossas profissões não estão nessa lista e emprego arranjado a gente não tem³¹. Pode até conseguir alguém que dê uma carta de emprego, mas demora muito tempo.

[Denise] É o processo mais longo. Você tem uma coisa de ponto, que [não se encaixa] porque o Carlos nunca terminou a faculdade dele, então a gente fica meio assim. A gente não sabe nem escolher quem que faz o processo. Como é que a gente arruma os pontos? A gente não se encaixa, o que é bom porque os outros são bem mais rápidos.

[Carlos] E agora a gente está indo pro lado do *experience class*...

[Denise] É, porque falta pouco tempo...

É interessante notar como as políticas migratórias moldam as ações dos imigrantes. Carlos chegou em Toronto com o visto de trabalho dado pela empresa, valido até o final de 2013. Estava decidido entrar com o processo de *canadian experience class*, onde se comprova que, num período de 3 anos, trabalhou 2 anos no Canadá, em período integral, 37,5 horas semanais, mas a empresa fechou faltando 4 meses para completar esse tempo. Contaram que vieram para ficar, mas estavam cada dia mais preocupados, pois no passaporte, por causa do visto de trabalho, tinham que deixar o Canada no final de 2013, dali um ano e meio. Tinham tempo, mas precisavam pensar numa estratégia. Carlos passou em 5 entrevistas de emprego, porém não foi contratado em nenhuma. O visto era vinculado à empresa em que ele trabalhava, ou seja, só poderia trabalhar nela. Como ela fechou, ele tinha que encontrar uma empresa que não apenas precisasse dos serviços dele, mas que se comprometesse a pedir outro visto e a dar a carta de emprego, que demora muito.

De fato, esse processo é demorado. A empresa, antes de contratar qualquer estrangeiro, tem que pedir uma pesquisa de opinião chamada *Labor Market Opinion*, para ver se existe algum cidadão canadense que preencha a vaga do emprego. Essa pesquisa demora uns 45 dias para voltar. Carlos

³¹ Na verdade há um engano aqui: no processo de *skilled workers*, a profissão precisa estar numa lista de 29 profissões, as que mais têm demanda. Se o aplicante tiver sua profissão nesta lista, já pode entrar com o pedido de *skilled worker*, mas se tiver uma oferta de emprego ganha mais pontos.

contou que, no caso dele, voltaria sem ninguém, porque não tinha ninguém na área dele em Toronto que fazia o que o que ele fazia. Quando chegasse essa pesquisa, ela seria anexada junto à nova permissão de trabalho, vinculada a nova empresa. Esse processo demora mais 45 dias, ou seja, um total de 3 meses de espera depois de ser aprovado pela empresa. Na opinião do casal, todo esse processo burocrático não compensaria para a empresa, ainda mais depois que souberam que esse processo pode atrasar, chegando a demorar até 5 meses. A solução que encontraram é que Denise pegasse um visto de estudante, pois assim o cônjuge automaticamente ganha o *open work permit*, podendo trabalhar com o que ele quiser e onde quiser. Assim que Carlos arranjar um emprego e, passados quatro meses trabalhando em tempo integral, eles entrariam com o pedido do outro processo, o de *canadian experience class*, que demora mais um ano.

Perguntei para o casal onde eles conseguiram essas informações. Disseram que tinham pagado vários advogados para que os ajudassem a ficar no Canadá. Denise me disse que um desses advogados conhecia alguém num *college* que poderia dar “um empurrãozinho” para ela. *College* é um curso técnico ou uma especialização, mas Denise contou que não estava querendo um curso naquela hora. Queria fazer um mestrado na sua área, mas decidi pelo *college* porque era mais barato e mais rápido. Em nenhum momento eles me disseram que procuraram ajuda na comunidade brasileira, mesmo morando quase dois anos no país e conhecendo bastante brasileiros, para resolver a questão do visto e da situação em que se encontravam.

Portanto, migrar vinculado a uma empresa, seja porque ela contratou ou porque veio como transferido, somente tem mais vantagens para quem deseja morar no Canadá, se o imigrante não for demitido ou então transferido para outra localidade. Caso isso não aconteça, e ele queira ser residente permanente, deve entrar com o pedido depois de anos trabalhando em Toronto. Quem passa pelo processo mais comum, o *skilled worker*, já chega em Toronto com o PR, mas muitas vezes sem o emprego.

Muitos aplicantes que entrevistei, de engenharia ou tecnologia, já trabalhavam no Brasil em multinacionais, tendo inclusive trabalhado temporariamente em outros países. Conheci um casal de brasileiros onde o marido trabalhou na Ford no Brasil, foi transferido para os EUA e quando

tiveram que voltar ao Brasil, não se adaptaram ou quiseram continuar com a vida que tinham antes, por motivos pessoais. Muitos entraram com o pedido de *skilled worker*, em meados dos anos 2000, e conseguiram migrar. Ao chegar em Toronto, por ter trabalhado numa empresa internacional, acionou amigos e ex-colegas de trabalho que estavam trabalhando na cidade ou nas redondezas e pediu indicação para vagas ou entrevista. Esse roteiro, com algumas mudanças pessoais, foi seguido por vários engenheiros da Ford, onde a maioria conseguiu emprego dessa forma, a partir da indicação de algum outro brasileiro ou ex-colega de trabalho. Ainda sobre esses imigrantes, o que ajudou foi um site de redes sociais voltada para o mundo do trabalho, o *LinkedIn.com*, ou mesmo sites de empregos, como o *Workopolis.com*. No *LinkedIn.com*, por exemplo, o imigrante faz um perfil de onde trabalhou e das qualificações profissionais, uma espécie de cartão de visitas mais elaborado. Muitas empresas usam esse serviço, principalmente nas áreas de atuação citadas, mas também na área de administração, de negócios e áreas afins. Alguns me disseram que se cadastraram e que receberam propostas por esse site. Ter no currículo profissional uma experiência numa empresa multinacional e no exterior, como no caso de alguns engenheiros da Ford, faz com que sua inserção no mercado seja mais rápida por causa de uma rede já pré-estabelecida de pessoas com quem trabalhou ou por apresentar uma experiência profissional internacional, o que é levado em consideração.

Experiência canadense e voluntariado

De fato, essa experiência internacional é muito importante no Canadá. A frase que eu recorrentemente ouvia dos meus entrevistados, quando perguntava sobre trabalho, era a respeito da *canadien experience*, a experiência canadense. Inconformados, muitos me perguntaram: “eu só arranjo emprego se eu tiver uma experiência de trabalho no Canadá, mas como é que eu vou ter uma experiência se ninguém me dá trabalho?”. Num país que recebe muitos imigrantes, isso representa grande angústia para quem acaba de chegar.

Desse impasse surgem duas ações estratégicas para se inserir no mercado de trabalho, principalmente para imigrantes que têm profissões como

jornalismo, moda, arquitetura, produção, educador, desenhista, etc..., com baixa demanda e tendo a barreira da língua. Uma das opções é tentar um emprego numa área menos qualificada ou que seja parecida e que abra oportunidades a longo prazo, para, mais adiante, voltar para sua área, como por exemplo uma nutricionista que trabalha num café fazendo lanches, uma arquiteta que trabalha numa loja de construção ou uma economista que trabalha como secretária, todos exemplos reais que encontrei. O problema maior enfrentado nessa situação é quanto à questão salarial, que muitas vezes é inferior ao esperado ou do que se ganhava antes no Brasil, e também há a questão do status envolvida. Para alguns imigrantes é difícil assumir um cargo inferior (algumas vezes muito inferior) do que se tinha no Brasil. Esse rebaixamento pode acarretar, inclusive, problemas psicológicos, como depressão. Ouvi mulheres que passaram por essa situação e desistiram de suas carreiras por causa da dificuldade de começar num nível tão baixo, sem poucas perspectivas.

[Raquel] Então aquela pergunta, você quer mudar de carreira? (...) se eu quisesse ficar na mesma carreira [que tinha] no Brasil, ia demorar um tempo. Pra eu ser a assistente da assistente do secretário ia demorar uns 10 anos pelo menos, com muito investimento e grana em cursos que eu já sei. Eu cheguei tentando isso e fiquei 3 anos tentando, estudando o mercado, fui pra escola, trabalhei de graça. Trabalhei numa empresa de assessoria de imprensa de graça pra ver como funciona. Eles agem com se fosse tudo diferente. Tem áreas que é tão ridículo, tão patético, como falar prum médico que aqui é diferente. O dente do cara, pro dentista, é outra anatomia, é diferente do Brasil, sabe?! Chega a casos patéticos. Tem alguns casos que eles conseguem maquiagem melhor. Aonde? Na área de humanas é mais fácil maquiagem algumas coisas porque, claro, humanas, é muito subjetivo, tem um monte de coisa... mas a minha área que eu atuava... gente pelo amor de deus, eu trabalhava numa empresa americana no Brasil!

A outra opção, além de trabalhar numa posição inferior a que você tinha no Brasil, e extremamente utilizada pelos imigrantes, é o trabalho voluntário, que Raquel menciona acima, que exerceu quando trabalhou de graça. O

Canadá é um país que incentiva muito o trabalho voluntário e é bem visto no currículo. Conseguir um, a princípio, é a melhor saída, já que é fácil de arranjar e não precisa, necessariamente, ter experiência prévia. É onde começa o *networking*, a inserção no meio que o imigrante quer trabalhar, com pessoas da área. Porém, com o tempo, esse voluntariado acaba sendo desgastante e a não remuneração traz frustração ao imigrante.

[Raquel] Eles tem um negócio que eles maquam aqui que eles chamam de voluntariado, que na realidade é a exploração da mão de obra do imigrante. Porque voluntário, tudo bem, todo mundo gosta de voluntário, tipo duas horas do seu dia você vai lá. Mas isso não, isso que eles fazem aqui e eles chamam de trabalho voluntário é trabalho escravo, é trabalho que você vai lá e você tem habilidade pra fazer, como tem muito imigrante desesperado pra entrar... aí você não conhece ninguém e você precisa conhecer, aí eles mascaram. Eles chamam de *Co-Op*. Na verdade foi inventado pra estudante de *high school*. O que que acontece: o jovem está lá estudando, aí vai numa empresa, faz um estágio, não remunerado, na área de interesse, tudo bem. Existe isso, normal, no Brasil também existe, se bem que eu acho que do Brasil é mais justo. Que o estagiário do Brasil, se ele não recebe pelo menos uma graninha ali, ele recebe o alimentação, o ônibus... Aqui? Estágio é zero, você paga pra ir, e aí o que é que eles aproveitam? Todo esse bando de gente super qualificada, chegando engenheiro, enfermeira, jornalista, advogado, os caras pegam e todo mundo vai trabalhar de graça pra você ganhar a *canadian experience*. Isso é a principal ferida que tem!

Raquel é uma grande crítica desse sistema, pois vivenciou todas essas situações. Conseguiu seu primeiro emprego, na sua área, dois anos depois que chegou, mesmo já tendo trabalhado numa multinacional no Brasil. Apesar do seu currículo, fez trabalho voluntário, estágio e escreveu matérias de graça para um jornal até conseguir esse emprego. Entretanto, a empresa estava passando por várias dificuldades e ela acabou sofrendo assédio moral por parte de sua gerente. Contou-me que, no começo achou que era porque ela estava fazendo algo errado, que não ia conseguir se acostumar. Ficou deprimida, começou a frequentar um psicólogo e pediu demissão. Por fim, a gerente foi mandada embora e a empresa pediu que Raquel retirasse seu

pedido de demissão, mas ela não o fez. Foi nesse momento que ela decidiu mudar de carreira. Primeiro tentou hotelaria, chegou a trabalhar num hotel, mas mudou para educação infantil, onde atualmente está frequentando aulas num *college*. Outra imigrante, já citada aqui, Regina, relatou um percurso parecido. Esta, que também era da área de jornalismo, me disse que, além de trabalhar como secretária, fazia alguns voluntariados, como ser “lanterninha no Harbourfront [Centre] e nos festivais de cinema”. Aliás, no verão, por causa da imensa quantidade de festivais que tomam conta da cidade, é muito comum, principalmente quem é da área de artes visuais, música e afins, trabalhar com voluntariado nesses eventos. Essa imigrante também desistiu da profissão dela e, depois de trabalhar quase dois anos como secretária, agora se dedica à educação dos filhos.

Até aqui, nesse momento de chegada, nesse momento inicial do processo de adaptação na sociedade canadense, vimos que o sujeito imigrante lança mão de algumas estratégias para conseguir se estabilizar. Entretanto, é interessante notar que, quando discutimos sobre visto e inserção no mercado de trabalho formal, dialogamos mais com os maridos e suas estratégias. Quando falamos em trabalho voluntário, são as esposas que dão o depoimento. Essa separação não se dá por acaso. Durante todo o trabalho de campo esse comportamento se repetiu, levando-nos a repensar a organização das redes sociais, principalmente pelo viés do marcador de gênero. De fato, as divisões de gênero presentes nas profissões, ainda na sociedade de origem, influenciam na inserção e a formação de redes específicas na sociedade de destino. As profissões com maiores demandas são as profissões onde é mais comum a atuação dos homens, e o contrário acontece com as profissões onde atuam mais mulheres. Devido à importância dessas redes generificadas, no próximo capítulo vamos nos aprofundar nesse assunto. Vamos discutir inserção ou não no mundo do trabalho e redes sociais específicas dos/as brasileiros recortadas pela categoria analítica de gênero, pelas diferentes concepções de masculinos e femininos e quais as consequências que os diferentes processos de adaptação do sujeito migrante na região metropolitana de Toronto têm na formação das redes sociais.

4 Processos de Adaptação

Introdução

Já foi discutido no capítulo “2 Contextos” o perfil de mão de obra qualificada que o governo canadense deseja. No capítulo anterior, vimos que as decisões de migrar e as formas de inserção em Toronto estão intimamente ligadas às redes sociais que esses imigrantes brasileiros criam e/ou se inserem. Neste capítulo iremos analisar como, passado esse processo de inserção na sociedade de destino, os imigrantes experimentam os processos de adaptação e como essas redes sociais estabelecidas na chegada se desdobram.

Processos de Assimilação

É interessante notar que, até aqui, discutimos bastante sobre o período inicial, ou seja a estabilização primária do imigrante, quando as primeiras decisões são tomadas até o processo de chegar em Toronto. Nesse período há uma necessidade de encontrar outros brasileiros e conseguir um emprego. De fato, o emprego é um tema central quando discutimos os processos de adaptação desses brasileiros e brasileiras na sociedade torontiana, não por acreditar que seja apenas por meio dele que o imigrante se adapte, se sinta fazendo parte da sociedade, se sinta em casa, mas porque os outros aspectos da adaptação na cidade são menos problemáticos.

Oswaldo Truzzi, em seu artigo de 2012 intitulado *Assimilação Ressignificada: Novas Interpretações de um Velho Conceito*, ao reconceituar o termo assimilação nos dias atuais, nos fornece pistas não somente como ocorre esse processo de adaptação na nova sociedade, mas resignifica o conceito de assimilação, tão criticado pelos estudos migratórios do passado, atualizando-o e apresentando-o como um paradigma mais apropriado para interpretar as migrações históricas e contemporâneas.

Sobre a discussão que se iniciou nos Estados Unidos na década passada com Richard Alba e Victor Nee, na obra de 2003 denominada *Remaking the American Mainstream – Assimilation and Contemporary*

Immigration, o termo assimilação foi reconceituado para além dos pressupostos nacionalistas que carregava. Se na década de 60, o conceito de assimilação se aproximava da polaridade nacional/ estrangeiro e o quanto esses se aproximavam culturalmente da sociedade nacional, anulando em maior ou menor grau seus traços étnicos, nos dias atuais, Alba e Nee se preocupam em reinterpretá-lo evitando o etnocentrismo que ele outrora carregava, ou seja, um padrão fixo de sociedade nacional que os imigrantes e seus descendentes deveriam atingir.

Buscam por isso construir uma teoria da assimilação que especifique mecanismos causais e, ao mesmo tempo, evite implicações normativas com a de que os imigrantes devem inevitavelmente ser assimilados ou implicações prescritivas, no sentido de haver um único modo ou ritmo de assimilação para todos os grupos. Assim, reconhecem a assimilação como um dos padrões possíveis de incorporação, ao lado de outras possibilidades, como o pluralismo/ transnacionalismo étnico (Basch, Glick-Schiller e Blanc-Szanton, 1994; Portes, 2004) ou a assimilação segmentada (Portes e Zhou, 1993). (TRUZZI, 2012:533)

O foco dessa nova interpretação do conceito de assimilação é as distinções étnicas, o contexto que o imigrante está inserido e as relações que ele desenvolve. Não há um norte dado de antemão (como por exemplo o contexto nacional, *mainstream*³²) para onde os migrantes devam seguir, ou não seguir. A etnicidade³³ é contextual, situacional, podendo ser acionada em alguns contextos e em outros não, onde em certos momentos alguns traços são mais valorizados e em outros momentos, menos.

A assimilação, portanto, desses imigrantes, começa ainda no Brasil. Como já discutido rapidamente no início do capítulo anterior, é no demorado processo de migração que os sujeitos vão se sentindo migrantes, se acostumando a ser estrangeiros sem muitas vezes nunca terem migrado, mas é no Canadá que essa etnicidade brasileira passa a ser praticada. Se por um

³² “Aquela parte da sociedade no interior da qual as origens étnicas e raciais apresentam um impacto menor sobre oportunidades ou trajetórias de vida dos indivíduos” (TRUZZI, 2012:536)

³³ Utilizo etnicidade como um termo que descreve a coesão e solidariedade de um grupo que tem interesses e/ ou uma origem em comum. (CASHMORE, 1996:119)

lado, as políticas canadenses de atração de mão de obra qualificada se aliam muito bem com o ideal do multiculturalismo pregado pelo país, de outro, os costumes e comportamentos sociais desses brasileiros imigrantes não são tão destoantes dos pressupostos ocidentais capitalistas canadenses – fortemente vinculados à cultura estadunidense.

Muitos dos meus entrevistados me relataram que tiveram poucas dificuldades de adaptação e que Toronto era mais ou menos aquilo que esperavam para viver. Para estes, a relação próxima que tiveram com a cultura estadunidense, seja porque trabalharam em multinacionais nos Estados Unidos, ou visitaram o país a passeio, por terem um bom conhecimento do inglês americano ou mesmo por assistirem séries e filmes hollywoodianos³⁴ fez com que a cultura canadense, o modo de viver na cidade de Toronto, não destoasse muito do que esperavam viver. Alguns até brincaram dizendo que o Canadá é o quintal dos Estados Unidos, ou um Estados Unidos “melhorado”.

Admito que percebi a influência desse *soft power*³⁵ norte-americano. Ao chegar em Toronto, pela primeira vez na vida, me senti dentro de um filme rodado nos subúrbios nova-iorquinos ou num dos vários seriados adolescentes que assisti quando tinha 16 anos. Percebi, primeiro visualmente, as diferenças daquelas casas de alvenaria com as casas de meu país, o *street car* (bonde) andando nas ruas, a organização retilínea das ruas e não me senti desconfortável, pelo contrário, me senti no lugar onde eu pensava e queria chegar; e pensei que talvez os meus interlocutores também tenham experimentado semelhante sensação. Entretanto, em um segundo momento, ao andar no taxi de um homem muçulmano (reconhecido pelo turbante na cabeça), morar na casa de uma senhora portuguesa, almoçar num restaurante tailandês e na loja de eletrônicos ser atendido por um rapaz branco chamado

³⁴ Me chamou a atenção número de migrantes que comparou a arquitetura urbana e alguns comportamentos com o que aprenderam assistindo filmes e séries estadunidenses. Alguns me relataram que se sentiam dentro de um filme e outros que, inicialmente, o Canadá era aquilo que ele esperava encontrar.

³⁵ *Soft power* é um termo usado para descrever a habilidade de um corpo político, como um Estado, para influenciar indiretamente o comportamento ou interesses de outros corpos políticos por meios culturais ou ideológicos. O termo foi usado pela primeira vez pelo professor de Harvard Joseph Nye em seu livro de 2004, *Soft Power: The Means to Success in World Politics* e tem como fontes de *soft power* muito influentes a cultura popular e a mídia. No exemplo acima, os seriados e filmes estadunidenses são formas de transmitir e ensinar comportamentos e formas de pensar da sociedade americana.

Jay, nome tipicamente anglo-saxão, percebi que existia algo a mais ali do que eu esperava: em Toronto, ser migrante é a norma.

Pensar no termo assimilação a partir do que foi exposto acima, que enfoca várias fronteiras étnicas, a forma como as etnicidades se apropriam das outras, ou não, e como influenciam na trajetória de vida do migrante, faz muito sentido no caso de Toronto e da experiência desses brasileiros migrantes.

A população brasileira ainda é relativamente pequena na cidade, com um pouco mais de 6 mil brasileiros documentados e captados pelo censo de 2006, mas já ocupa a 58ª posição numa lista de 111 que apresentam pelo menos 0,01% de população migrante na cidade. Os indianos, por exemplo, ocupam a primeira posição com uma população aproximada de 222 mil pessoas, seguidos dos chineses, com aproximadamente 191 mil, italianos com 131 mil, filipinos com 130 mil e ingleses com 126 mil (STATISTICS CANADA, 2007). Como aproximadamente 51% da população da cidade é constituída de imigrantes, as políticas provinciais (e também nacionais) têm forte influência dos pressupostos do multiculturalismo, que buscam aceitar, da maneira ampla e harmoniosa, os diferentes grupos étnicos, religiosos, práticas culturais e a diversidade linguística numa cidade plural. Neste sentido que afirmo que ser imigrante em Toronto é ser *mainstream*, é a maioria da população, é o esperado e o incentivado pelas massas. Ser migrante, documentado e ter uma profissão com baixa demanda de mão de obra no currículo é o tipo ideal de população que o país deseja.

No caso dos brasileiros que entram no país via políticas de atração de mão de obra, de um perfil jovem, normalmente casal em idade reprodutiva, que passaram alguns anos esperando serem chamados pelo processo migratório e desejando migrar, a assimilação, discutida nos termos acima e analisada superficialmente, pode ser encarada como tranquila. O país, a política de Ontário, o tratamento do estrangeiro, o incentivo para que os brasileiros e brasileiras preservem os traços culturais que trazem de casa faz com que não seja uma mudança extremamente radical nem imprevista, num primeiro momento de análise. Existem reclamações mais pontuais que identificamos rapidamente e a primeira delas é o frio, o inverno intenso e nublado que, com o passar dos anos, deixa de ser uma novidade e passa a incomodar a maioria de meus interlocutores. Uma, inclusive, me relatou que teve muitas dificuldades

quando chegou, pois odeia o inverno. Apesar de gostar de moda, não conseguia conciliar as roupas de frio que havia trazido e durante muito tempo se sentiu incomodada. Com o passar do primeiro inverno, criou estratégias e aprendeu com algumas pessoas que já estavam, há mais tempo na cidade como agir. Passou a sempre levar os filhos na escola de carro, apesar de estudarem a alguns quarteirões da casa e comprou muitas roupas de frio, sobrepondo os diferentes tecidos. Hoje, me disse, que já se acostumou com o inverno.

Outra reclamação se refere ao modo como funciona a empresa no Canadá e como um empregado deve agir. Um de meus interlocutores disse que "o patrão é direto, não há um floreamento, um 'rodeio' como no Brasil", referindo-se à relação profissional entre patrão e empregado, fazendo com que, no começo, ele se sentisse mal, desacreditando do próprio trabalho. Outros me disseram que os empregados e contratados somente fazem o que se propuseram a fazer, nada a mais nem a menos.

Uma história curiosa que ouvi foi de uma mulher que chamou um profissional para pintar a sala de estar, mas como não poderia estar no momento da pintura deixou as instruções e a chave com o pintor. Quando ela retornou, à noite, viu que ele havia pintado toda a sala, exceto uma pequena parte no meio da parede, que precisava passar um pouco de massa corrida antes de pintá-la. Ela, indignada, me contou que ele só não passou porque não era o serviço dele, afinal o serviço dele é apenas pintar.

Algumas diferenças comportamentais as quais os imigrantes brasileiros se deparam ao chegar em Toronto, como, por exemplo, o cheiro de curry que vinha da casa ou do apartamento de quem tinha vizinho indiano, foi um dos exemplos mais citados. Estas são, ainda assim, dificuldades pontuais, da ordem do cotidiano, que não constroem o imigrante na hora de migrar, como tampouco representa um problema ao ponto de frear o fluxo. No que se refere a esse tipo de imigrante brasileiro em Toronto, por mim entrevistados, muitas vezes acostumados com a forma ocidental de pensar e com as estruturas capitalistas do *way of life* da cultura norte-americana, podemos afirmar que esses sujeitos não apresentam grandes dificuldades de adaptação e assimilação, no sentido mais amplo. Ser brasileiro, portanto, é ser brasileiro em

alguns momentos, é ser mais brasileiro e ser menos brasileiro de acordo com as circunstâncias.

Neste sentido, a identidade étnica desses brasileiros é situacional e mais experimentada no privado, no nível individual, quando se abraçam ao se cumprimentarem, quando fazem churrascos com cerveja de domingo, ou, na esfera do público, quando são chamados, quando falam de futebol com os amigos do trabalho ou vestem verde-e-amarelo no carnaval ou no *Brazilian Day*. Percebi que meus entrevistados rejeitam alguns traços étnicos pertencentes à essa ideia do que é ser brasileiro, como a corrupção e o *jeitinho brasileiro*, comportamento identificado como conseguir algo à custa de outros, , e valorizam outros traços dessa etnicidade, como nos exemplos supracitados.

É pertinente notar aqui a diferença desse tipo de imigrante, os brasileiros documentados, e desse tipo de inserção e assimilação que experienciam e dos brasileiros indocumentados. Enquanto que, no horizonte social da cidade de Toronto, os brasileiros indocumentados são percebidos como aqueles que moram no bairro português, trabalham para os portugueses, têm pouca fluência no idioma inglês e possuem características físicas mais próximas dos identificados como latinos, esses outros brasileiros, os documentados, passam despercebidos inclusive entre os próprios brasileiros (até começarem a falar, lógico). É interessante notar que, mesmo que não intencionalmente, esses brasileiros documentados representam quase que uma “imigração secreta e silenciosa”. Este termo foi retirado do livro *Little Brazil* (1994), da antropóloga Maxine Margolis, contudo o termo é utilizado para discorrer sobre os brasileiros que estão na situação de irregulares em Nova Iorque no começo da década de 90 (MARGOLIS 1994:46). Neste caso específico, os indocumentados, não tendo interesse em tornar pública sua situação, agiam de forma a tornar imperceptível a sua presença. No caso de Toronto, poderia usar esse mesmo termo, guardadas as proporções temporais e espaciais, para meus interlocutores, para os brasileiros documentados que entrevistei. Eles não moram nas áreas centrais, nem num único bairro, e raramente na região comumente chamada de comunidade brasileira, na *Dundas e Dufferin*. Além disso, se misturam na multidão canadense, pois a maioria é branca, fala bem o idioma inglês e, conforme citado acima, não apresenta uma traço cultural ou

étnico específico que possa diferenciar de um anglo-saxão, por exemplo³⁶, a não ser em situações específicas. Eu mesmo relatei, no capítulo 1 Etnografia, a experiência de ser várias vezes confundido com canadense, mesmo entre os brasileiros.

Poderíamos concluir, então, que o processo de adaptação e assimilação poderia ser mais fácil em Toronto do que em outras localidades que não aceitam tão bem os estrangeiros. Isto se deve às políticas multiculturais, por parte do Estado, à aproximação do modo de vida desses brasileiros com o modo de viver norte-americano e o desejo, construído no processo de migração, de morar no Canadá. Para alguns brasileiros, de fato, esse processo de adaptação pode ser mais tranquilo, mas mesmo dentro desse grupo de imigrantes existem clivagens, demarcadas principalmente, em um primeiro momento, pelo tipo de profissão, situação de visto, se possui filhos (ou não), se é aplicante principal ou dependente, e, num segundo momento, demarcadas por divisões de gênero.

O trabalho, portanto, torna-se central nesse ponto da discussão. Não que seja através dele que o imigrante se adapte, mas ele ganha centralidade pois o processo de assimilação já vem ocorrendo a muito tempo, desde as primeiras decisões de migrar, ainda no Brasil. Portanto, conseguir um emprego, na área de atuação profissional, é uma das últimas instâncias desse processo de adaptação é o que iremos discutir no decorrer de todo esse capítulo.

Trabalho e divisões de gênero

Neste período de adaptação, o que chama a atenção é que as profissões que têm pouca mão de obra e muita demanda, ou seja, as profissões desejáveis, como as da área de tecnologia da informação e engenharia, são ocupadas, em sua grande maioria, por homens. Raquel até brinca com essa situação, quando discutíamos, nesse período inicial de chegada, sobre as profissões mais fáceis de ser aceitas no mercado de trabalho.

³⁶ Exemplo de alguns traços culturais ou mesmo raciais que destoam do horizonte social em Toronto: o uso da *burka* ou turbante para os muçulmanos, o *quipá* e vestimentas dos judeus, os traços raciais e linguísticos dos asiáticos e indianos, a cor da pele e dialeto dos jamaicanos e latinos, traços linguísticos dos portugueses, entre outros.

[Raquel] Não é só engenheiro e da área da tecnologia que vêm. Conheço gente da área de propaganda, publicidade, jornalista...

[Rodrigo] Mas então quer dizer que são mulheres?

[Raquel] mulheres. Os homens é que são... é. Bem observado. Essa observação é boa porque... oh, eu conheço uma mulher, uma mulher que ela chegou logo de cara com o emprego... porque quando eu falo logo cara com emprego, é um emprego decente que não explora no salário. Porque todo imigrante vai ser um pouco explorado em questão de salário no começo. Não existe o cara que... mesmo esses caras ferrados que conseguiram... não, tira esses caras fodas: Os desenvolvedores de software. Ninguém chega pra eles e diz que vai pagar um salário que é muito abaixo da média e ele vai lá e escolhe outro. Tem muita gente precisando dele. Esse é o tecnologia pura, que a gente fala, o cara que desenvolve os negócio, que a gente brincava... tem uma amiga de marketing que já voltou pro Brasil também, a gente brincava assim “porque quando eu tiver o meu filho vou por o nome dele de JAVA. E o meu vai ser LINUX e eles vão saber desenvolver software. Nós vamos por eles na escolinha”... (risos) porque a gente tinha esse desespero de chegar e é muito difícil pra gente de humanas. Quem vem de humanas é muito difícil. Eu conheço uma advogada que ela tá no *college* fazendo *paralegal*, que é um diploma para o assistente do advogado. Ela era advogada no Brasil. Mas não tem como. E até faz um certo sentido porque o advogado tem que estudar outras coisas... mas não teria que rebaixar tanto”

Nesse período inicial, o sucesso ou não na busca por um emprego pode marcar toda a experiência do migrante. É um período emocionalmente frágil pois é a chegada, são as primeiras impressões, sendo portanto o momento da mudança. Essas profissões que possuem maior demanda por mão de obra, muitas vezes, norteiam o rumo da família. Assim como Raquel me descreveu, o imigrante que tem uma profissão ligada à área de tecnologia e de software tem mais chance de conseguir logo nos primeiros meses um emprego, e nos primeiros anos um bom emprego. Já a falta de emprego, a baixa demanda em algumas profissões, pode levar o imigrante a procurar a comunidade e a estreitar os laços com outros a mesma situação. Ela, que era da área de jornalismo e relações públicas no Brasil, reconhece a dificuldade de se inserir

na área, assim como para outras mulheres, como é o caso da advogada que teve que voltar a estudar.

[Rodrigo] Você acha que é mais fácil pros homens se inserirem no mercado?

[Raquel] Eu acho que é mais fácil pra quem tem o background de tecnologia, independente de ser homem ou não. Coincidentemente a maioria é homem. Eu conheço uma, que é a Nati, que ela logo de cara [conseguiu emprego]... (...) porque ela fez ciência da computação, alguma coisa assim... ela é a única mulher que eu conheço que tem esse perfil. As outras todas, uma é nutricionista e fiou vários anos também [desempregada]. Agora ela está no *Starbucks* mas ela teve que fazer barista no *Starbucks* pra se enfiar no lugar que tinha.

Para esses sujeitos, vinculados à carreira de humanas, a inserção é mais difícil, e estas pessoas, na maioria das vezes, são mulheres, são as esposas que aplicaram como acompanhantes do marido, o aplicante principal.

Quando, nesse primeiro momento de chegada, o imigrante já encontra um emprego, a rede de brasileiros começa a não fazer mais tanto sentido. Muitos homens me relataram que a rede de amizade deles, pessoas com as quais eles podem contar, amigos, é a rede relacionada ao trabalho, pois foi a que eles se dedicaram assim que conseguiram emprego. Essa rede tem várias nacionalidades e seus agentes são selecionados por outros motivos, como afinidades ou por terem carreiras em comum. Já as mulheres, esposas desses homens, além de mencionarem a dificuldade de se inserir no mercado de trabalho, me relataram que tinham uma ampla rede caracterizada por serem mulheres, brasileiras e esposas em busca de uma colocação no mercado.

Entretanto, ainda que no Brasil estas mulheres tivessem ensino superior e emprego, no Canadá elas, por terem profissões com baixa demanda de mercado, acabam seguindo trajetórias diferentes de seus maridos. Nesse primeiro momento, apesar de ambos, no Brasil, comumente trabalharem, outra relação se estabelece. A família decide direcionar os esforços para um dos membros do casal, no caso o que tem maior chance de conseguir emprego, o homem. Já a mulher passa a ser o suporte da família, fica encarregada de ajudar o marido a encontrar emprego e fazer o *background* familiar.

[Denise] Quando a gente descobriu que a gente vinha, ele disse assim pra mim “Você está encarregada de achar pessoas”, e aí eu peguei aqueles blogs que ele tinha, e comecei a fuçar nos blogs, procurando alguém que tivesse mais ou menos... fosse assim, família, com duas crianças pequenas, que nem a gente, até porque eu queria pedir umas dicas, de onde era o melhor lugar para morar...

[Rodrigo] Mas brasileiro?

[Denise] Brasileiro! Nunca procurei... outra coisa, porque... enfim... era mais fácil falar com brasileiro. Até porque brasileiro recepciona a gente. (...) Achei uma mulher que tinha duas meninas pequenas, um pouquinho mais velhas que os meus, e aí mandei e-mail pra ela, a Talita. (...) Duas semanas depois que eu tinha chegado [em 2010] ela já me chamou na casa dela, fez lá um pão de queijo com um lanchinho e chamou uma outra que também tem filho pequeno e aí a gente fez amizade. Ela até falou que a gente é tipo família porque ela estava aqui quase um ano, quando eu cheguei, ela estava aqui a uns 9 meses e hoje a gente é tipo família, a gente se encontra no natal, na páscoa. E a gente é amiga até hoje.

[Heloísa] A maioria que aplica são os homens, porque eles já vem com uma profissão (...) que é mais fácil, em áreas mais fáceis de se arrumar emprego, como engenheiro, pessoas de tecnologia, feito ele, que chega aqui e só precisa passar a barreira da experiência canadense, que todo mundo tem [que passar]. (...) as mulheres, muitas são professoras, são da área de saúde, e realmente aí é um problema. Eu conheço algumas que voltaram, que gostavam do que faziam.(...) no geral os homens aplicaram e as mulheres vieram como... não é suporte, porque todo mundo espera trabalhar aqui se a pessoa não quer mudar de área, mas a maioria das mulheres que conheço... a maior parte não trabalha na área. Os homens continuam na mesma área, a maioria.

Algumas áreas são mais fechadas para os imigrantes como marketing, educação e jornalismo, onde a língua é fundamental para exercer a profissão. Outras como enfermagem e odontologia, profissões da área de saúde, também representam um entrave por causa da demorada e cara validação do diploma no Canadá. Essas áreas, as quais pertencem muitas esposas imigrantes, dificultam a inserção da mulher no mercado de trabalho, enquanto que o

marido, com alguns meses ou poucos anos, já está empregado. Neste capítulo, irei discutir como as divisões de gênero presentes nas profissões geram comportamentos distintos entre homens e mulheres imigrantes na adaptação à sociedade de destino.

Cursos para recém-chegados e *job fairs*: tentativas fora da rede

Conseguir um emprego na área de atuação é uma grande conquista para o imigrante. É a possibilidade de ver seu sonho realizado, de conseguir se sustentar e sustentar a sua família. É um divisor de águas entre ter que deixar e poder ficar.

Entretanto, as combinações entre os tipos de vistos, de empregos e empregabilidade de cada casal geram diferentes tipos de realidades que os brasileiros em Toronto têm que enfrentar. Como vimos acima, imigrantes que têm qualificação para trabalhar nas áreas onde a mão de obra é mais escassa, como tecnologia e engenharia, conseguem emprego mais rápido. Essas áreas mais técnicas, na área de exatas, também oferecem a vantagem do profissional não precisar ter total fluência na língua nativa, como na área de marketing ou jornalismo, por exemplo.

Outro ponto que merece ser frisado é a quantidade de mulheres que pertencem à área de humanas e biológicas que vêm acompanhadas pelo processo dos maridos. Se eles conseguem emprego mais rápido, digamos num período de um ano até três anos para atingir a mesma colocação que deixaram no Brasil, elas, por outro lado, podem demorar bem mais tempo ou até desistirem de trabalhar e se dedicarem à família. Encontrei muitas mulheres que nunca conseguiram uma profissão na mesma carreira que tinham no Brasil, que desistiram e começaram outra carreira e até mesmo, muitas, tomaram a decisão de serem mães, donas de casa, se dedicando à educação dos filhos. Raquel, bastante crítica desse processo, me ajudou a entender os caminhos que esses imigrantes percorrem. Me contou que o governo tem muitos programas para o *newcomers* (recém-chegados), mas que poucos atendem às expectativas dos imigrantes brasileiros. Um desses programas é um cursinho que o governo oferece, ajudando o imigrante a fazer um currículo e a se preparar para uma entrevista. Entretanto, não apenas ela, mas outras

imigrantes relataram que esses cursinhos são muito básicos e frustrantes para os brasileiros que chegam documentados.

[Raquel] Você chega lá nesses cursinhos e é tratado como retardado mental, que porque você é novo no país, você é novo na vida. A maioria das vezes as pessoas que estão trabalhando como consultores nesses cursinhos sabem muito menos que você, e você tem que ouvir um monte de besteira, mas porque que funciona na época: é o lado emocional. (...) É um lugar pra ir, uma hora certa todo dia, rotina. Você levanta da cama, nove horas, você vai lá, ouve umas palestras inúteis, principalmente pra brasileiros. E até entendo umas coisas que eles fazem nesses cursos que você tem muita gente vindo de lugar que as pessoas não têm noção, do tipo “olha, você precisa tomar banho, escovar os dentes antes de ir pruma entrevista de emprego, quando está conversando com alguém, você tem que olhar nos olhos e a hora que for cumprimentar (...) tem que dar um aperto de mão firme...”. (...) Tem umas coisas que brasileiro fala “eu não acredito que ele ta falando isso pra mim, que tem que passar o antiperspirante no braço?!”. Essa parte é ridícula pra gente que é brasileiro. Brasileiro que está chegando aqui desse jeito é o brasileiro com faculdade, maioria que trabalhava em empresa grande. Porque não sai um cara lá do interior de Alagoas, nada contra o Alagoas, mas ele não tem uma bela ideia assim “eu quero morar num país que fale inglês sem ter tido um acesso cultural, sem ter tido um acesso... então o perfil acaba chegando a essas pessoas que já viajaram... então fica horrível pra gente ter que ouvir essas baboseiras.

Esses cursinhos são voltados, de acordo com Raquel, para pessoas que vieram da Ásia, como China e Índia, que têm culturas radicalmente diferentes da canadense, da ocidental. Outra imigrante, Regina, me contou que fez um desses cursinhos voltado para organizar um currículo, ficando frustrada ao perceber que o que eles faziam era ajudar a colocar os eventos em ordem cronológica e a traduzi-los para o inglês. Ela me disse que com 15 anos ela já tinha já tinha feito intercâmbio na Inglaterra, por isso o inglês dela era ótimo, e a única coisa que o curso lhe proporcionou foi o incentivo para que ela ligasse para empresas, pedindo emprego, coisa a qual ela tinha vergonha.

A crítica que Raquel faz é que esses cursinhos são apresentados como se eles fossem para te arranjar um emprego, um lugar para os recém-chegados fazerem *networking*, uma rede de trabalho. Todos os brasileiros e brasileiras que eu entrevistei disseram-me que, embora este projeto do governo receba uma grande quantidade de verba, tais iniciativas do governo não tem nenhuma serventia ao brasileiro em termos de empregabilidade, servindo apenas como apoio emocional, algo para ocupar o tempo.

Mesmo essa outra imigrante, Regina, teve uma história trágica com um desses cursinhos, pois ao saberem que o marido dela tinha arranjado emprego numa montadora de carros como engenheiro, o cursinho, ao indicar Regina para algum emprego, informava que não precisava dar salário para ela porque a renda familiar era boa. Sem saber disso, seis meses depois de chegar na cidade, conseguiu um emprego numa empresa de cartão telefônico, trabalhando das 8h até às 20h e um final de semana por mês. Três meses depois, quando decidiu pedir demissão porque estavam pagando pouco, me contou que o chefe ficara bravo, dizendo-lhe que lhe fizera um favor, ao dar um salário, já que o próprio cursinho sugeriu que ele não fizesse, e não pagou o último mês para ela. Inconformada, entrou na justiça e ganhou a causa, mas ficou desestimulada porque nem mais referência de emprego tinha.

Regina só conseguiu o próximo emprego porque um conhecido do Brasil foi transferido para Toronto e indicou-a para ser secretária do presidente de uma grande empresa de idiomas, saindo posteriormente porque queria ter filhos e cuidar da educação deles em casa. Mais uma vez, foi a rede anterior de Regina que disponibilizou um emprego, um amigo que trabalhou com seu marido no Brasil e foi transferido pela empresa, e não pelo cursinho.

Muitos imigrantes reclamaram do conteúdo basilar que eles ensinam, que são voltados para culturas radicalmente diferentes da canadense e por isso a maioria acaba abandonando-os. Outro programa do governo também frequentado pelos brasileiros é a aula de inglês para os recém-chegados, que segue o mesmo perfil.

[Raquel] Se você chega com um inglês pelo menos intermediário, isso aqui... isso aqui é muito básico, pra quem não sabe quase nada, pra quem só tem aquele verbo *to be* do inglês do Brasil. (...) quem

aproveita muita é, as vezes vem uma família, o cara aplica, vem esposa, vem mãe da esposa já senhora que nunca estudou inglês na vida. Não é o perfil da gente. Eu já falava, eu já estudei, quando eu cheguei aqui eu já sabia inglês. Então é diferente. Claro que você aprimora, você sempre aprimora. Agora chega famílias inteiras, os indianos, e vem a sogra, o periquito, o papagaio e só o cara sabe falar inglês, e aí enche de gente assim, super básico.

Apesar de ser professora de inglês no Brasil, Heloísa, que ficou os primeiros meses sozinha em Toronto com a filha enquanto o marido não vinha em definitivo, decidiu fazer o curso. Não frequentou nem dois meses e desistiu, mas me disse que foi importante pois conheceu duas outras brasileiras e que desde 2007 são amigas, ano que ela chegou. Essas aulas e cursinhos, a princípio, podem ajudar os imigrantes a formar ou se inserir numa rede, já que muitos com os quais falei citaram essas aulas, mas por ficarem pouco tempo, serem muitas aulas e desestimulantes, são raros os casos em que brasileiros ou brasileiras se encontram.

Outra estratégia que não é satisfatória são as *job fair*, as feiras de trabalho organizadas por empresas. Embora no Brasil esta pratica seja recente, no Canadá ela é bastante difundida. Consiste numa feira em que grandes e médias empresas organizam para oferecer empregos e conhecer os candidatos para as vagas. Uma imigrante me disse que, inclusive, ela e o marido foram de roupa social, como se fossem, de fato, para uma entrevista de emprego; sem nenhum resultado. Apesar de o governo incentivar, essa prática também gera poucos resultados. Ainda aqui podemos perceber essa divisão de gênero: são as esposas que frequentam os cursos para *new comers*, que estão buscando em instituições do governo ajuda para a inserção no mercado de trabalho.

As divisões de gênero no “Projeto Canadá”

É nesse período, de tentativas de empregos, trabalhos voluntários, cursos e consolidação dos amigos mais íntimos, que as redes vão se formando. As estratégias vão sendo repensadas e adaptadas ao contexto. Os desejos vão sendo revistos e modificados.

O casal Mariano e Heloísa contou-me que, após decidirem de fato migrar, todas as ações tomadas pelo casal giravam em torno do “Projeto Canadá”. Fizeram um planejamento executivo, com orçamento de quantos meses poderiam se sustentar em Toronto, sem emprego, somente com a poupança que tinham reservado para comprar a casa própria. Começaram a planejar em 2005 e no final de 2007 migraram para Toronto. Heloísa chegou antes, com a filha, por causa do período escolar dela, e Mariano chegou depois, quando venceu o contrato dele de trabalho no Brasil. Ela, com faculdade e trabalhando como professora de inglês na grande São Paulo, conseguiu um emprego de secretária num escritório de arquitetura e design. Mariano, que se mudou definitivamente em fevereiro de 2008, conseguiu um emprego na sua área só em dezembro deste mesmo ano. É interessante como esse casal dividiu as funções de cada um dentro do “Projeto Canadá”.

[Mariano] Ela (Heloísa) foi quem estabeleceu o *networking* aqui, e eu estava tentando primeiro entrar no mercado, eu precisava entrar no mercado.

[Rodrigo] E você nem pensou em procurar a comunidade brasileira?

[Heloísa] A gente nem sabia direito, né?!

[Mariano] Eu tentei ver se existia através das pessoas que eu conhecia do meu *networking* anterior, se tinha alguém aqui.

[Rodrigo] Lá em São Paulo?

[Mariano] São Paulo, até outros países mesmo. Eu tentei percorrer o meu *networking* anterior.

Esse comportamento é muito comum, de o marido vasculhar a rede anterior dele de trabalho atrás de conhecidos ou amigos que possam morar ou conhecer alguém que o insira no mercado canadense e a esposa encontrar uma rede nova, na cidade de Toronto, normalmente de brasileiras.

Heloísa frequentava aulas de inglês para os recém-chegados e acabou encontrando outras brasileiras que viriam ser suas amigas mais adiante, Mariano fez cursos de extensão em *colleges* e se inscreveu em certificações técnicas e profissionais na sua área de atuação. As redes sociais dele eram, portanto, somente com pessoas do Canadá, não brasileiros, que ele conheceu

através desses cursos, e as de Heloísa só de brasileiras que conheceu na aula de inglês, esposas brasileiras de maridos brasileiros.

A estratégia foi priorizar a carreira dele, ligada a área de tecnologia da informação, ao invés da dela. Essa escolha é muito comum entre esses imigrantes, onde a mulher faz o contato com a comunidade brasileira, escreve nos blogs, marca reuniões e os maridos se focam no trabalho, nas redes sociais com outras pessoas ligadas à sua profissão e ao mercado de trabalho.

Carlos e Denise, já citados acima, também fizeram dessa forma. Apesar de ele ter vindo primeiro, quem ficou encarregada de ler os blogs e fazer o contato com a comunidade, no caso com as brasileiras, foi sua esposa. A carreira dela acaba sendo deixada em segundo plano, e a do marido é a valorizada. Denise só começou a fazer um curso de extensão porque a empresa do marido fechou e, se ela frequentasse esse curso, ganhando o visto de estudante, ele ganharia o *open work permit*, podendo trabalhar em qualquer empresa. Ela me disse que não queria fazer esse curso agora, pois, embora seja um curso na sua área, pretendia fazer um mestrado antes, mas por causa do fechamento da empresa onde o marido trabalhava e do alto custo do mestrado, ela tomou essa decisão estratégica para que ele pudesse continuar trabalhando e entrar, dali alguns meses, com o pedido de *permanent resident*.

Essa é uma marca forte da comunidade brasileira que migra para o Canadá através do processo de atração de mão de obra qualificada do governo canadense. A grande maioria dos casais idealizam, quando migram, que ambos vão conseguir emprego, principalmente na área em que já atuavam no Brasil, mas a prioridade é dada ao emprego do marido. A mulher também se empenha para entrar no mercado de trabalho, principalmente através de trabalhos voluntários e com a ajuda de outras brasileiras, mas é o marido que, usualmente, acaba se encarregando de trabalhar para conseguir dinheiro para o casal. É a partir desse paradigma que essa comunidade brasileira se estrutura, que interesses comuns se formam e as redes se consolidam.

Podemos perceber que o processo adaptativo generifica as redes sociais, diferenciando-as entre homens qualificados com emprego e mulheres qualificadas sem emprego. Enquanto os maridos se inserem numa rede caracterizada pelo trabalho, as mulheres se inserem noutra marcada pela dificuldade de inserção no mercado de trabalho. É a partir dessa dificuldade

que as mulheres desenvolvem e recriam redes sociais pautadas numa performance de gênero mas que, inicialmente, se consolida por estarem numa mesma situação de fragilidade, desenvolvendo redes étnicas de ajuda mútua. Essas redes se consolidam a partir de estratégias tomadas pelo casal, a partir de uma divisão de gênero onde se assume que o homem deva se preocupar em sustentar financeiramente a casa e a mulher se encarregar de cuidar dos filhos e do lar, em fazer a ponte com a comunidade local.

Embora no Brasil essa divisão fosse mais borrada, devido ao fato que muitas mulheres me relataram que também trabalhavam e a maioria ainda não tinha filho, no Canadá essa configuração familiar se transforma pelas dificuldades de adaptação à sociedade receptora, dificuldade de inserção no mercado de trabalho e a facilidade de uma feminilidade que se adequa a essa nova realidade e que é oferecida por essas redes de mulheres.

Essa dificuldade que a mulher tem para se inserir no mercado de trabalho vem de relatos que a maioria exerce profissões na área de humanas, onde o inglês é importante para exercer sua profissão, ou seja, existe a barreira da fluência na língua nativa, ou da área de biológicas, onde a validação do diploma é importante, mas acarreta um processo caro e demorado. Outros fatores que corroboram nessa mudança de estrutura familiar é a boa renda familiar que o marido comumente tem quando consegue um emprego na sua área de atuação. Muitos me relataram que no Brasil é difícil ter apenas um dos membros do casal trabalhando, mas em Toronto, só com o salário do marido já dá para ter uma vida confortável na família. Além disso, como o marido é quem normalmente entra com o pedido de migração, a profissão dele é a que apresenta maior escassez de mão de obra, ou seja, é mais fácil conseguir um emprego, senão pelo menos mais rápido. Já a profissão da esposa não segue, necessariamente, a mesma lógica, dificultando sua inserção.

É evidente que existem exceções, como mulheres que migram solteiras, que entram como aplicante principal no pedido de migração, que tem emprego numa área com maior mão de obra, que conseguem emprego rápido ou que conseguem ainda mesmo do Brasil, mas esses são casos isolados. Mesmo quando se inserem no mercado de trabalho, elas ainda ficam encarregadas da educação dos filhos. Percebi isso ao frequentar um programa da ONG CAIS chamado Oficina de Português para Brasileiros, onde a grande maioria das

pessoas que estavam ali eram mulheres, mães que vinham trazer seus filhos e discutir as pautas da escola, já que a oficina era gerenciada pelos próprios pais.

As formações das redes, portanto, nascem fortemente caracterizadas por esse marcador social de gênero. É da necessidade de inserção e adaptação dos imigrantes em Toronto que surge a necessidade deles se inserirem numa rede, mas é a partir do recorte de gênero que podemos compreender em quais redes esses migrantes qualificados se inserem, ou não se inserem, e como essas redes se estabilizam e perpetuam-se através do tempo.

Engenheiros da *Ford Motors Company*

Uma rede bastante citada em conversas informais foram a dos engenheiros da *Ford*. Em meados da década de 2000, as profissões que mais precisavam de mão de obra eram as da área de engenharia e de tecnologia da informação, o que trouxe muita mão de obra brasileira para o Canadá. Parte dessa demanda de mão de obra foram engenheiros da empresa *Ford Motor Company*, empresa americana produtora de automóveis.

Tive a chance de entrevistar Leandro, um engenheiro que trabalhou na Ford e imigrou com a esposa para Toronto. Eles me contaram que em julho de 2000 ele foi transferido da Ford do Rio de Janeiro para outra no Estado de Michigan. Durante o período que moraram nos EUA, se acostumaram com o estilo de vida ali e só tinham amigos americanos. Em julho de 2002 tiveram que voltar, a contragosto, para o Brasil, a mando da empresa. Porém, antevendo essa transferência de volta, eles decidiram entrar com o processo migração para o Canadá, antes mesmo de deixar os EUA.

Contaram-me que dois fortes motivos os levaram a imigrar para Toronto: o primeiro era que se quisessem migrar para os EUA, pelo menos alguém do casal teria que ter uma carta de emprego, o que não era necessário no caso do Canadá, tornando o processo mais fácil; e o segundo motivo é que um ex-colega de trabalho de Leandro, brasileiro, já tinha feito o processo emigrando para o Canadá em 1999. Como na época demorou apenas dois meses para esse amigo conseguir o visto, eles tentaram migrar ainda de Michigan, pelo

escritório de migração de Buffalo, fazendo inclusive uma viagem de carro por Ontário, província de Toronto, para conhecer o local.

Por causa da queda das torres gêmeas em 2001, o Canadá parou de receber os processos de migração e os que estavam para ser avaliados foram deixados em espera. Durante um período de dois anos, o tempo até o visto deles serem aceitos, Leandro foi transferido de volta para o Brasil, para Fortaleza, onde ambos me contaram que experimentaram um grande choque cultural, desejando cada vez mais migrar. Em março 2004, quando chegou o visto, Leandro pediu demissão da Ford. Dois meses depois Leandro conseguiu um emprego na *Magna International*, uma multinacional que fabrica componentes automotivos, por intermédio daquele ex-colega de trabalho que chegou em Toronto em 1999.

Essa história revela alguns fatos interessantes a respeito não só das redes, mas também do período escolhido para essa pesquisa, pós 2002. A queda das Torres Gêmeas foi um marco na história da América do Norte, e não apenas dos EUA, mas também do Canadá. Se antes o ex-colega de trabalho de Leandro demorou dois meses para que o processo dele ficasse pronto, a lentidão que durou o processo de Leandro, de quase dois anos, se relaciona com esse fenômeno histórico.

Podemos pressupor que já existia uma migração de qualificados para o Canadá, mas uma migração ainda muito residual, ainda muito ligada aos EUA. Após a queda das Torres, as fronteiras dos EUA se fecharam e a dificuldade de migrar para esse país aumentou, tornando mais atrativo o Canadá como destino final. Houve um deslocamento dessa rede de qualificados para o Canadá, visível nos números crescentes de migrante durante toda a década de 2000. Este é um exemplo empírico do pensamento de Charles Tilly (1990), evidenciando que as redes também migram, que também se deslocam. O fechamento de fronteiras dos EUA e a abertura do Canadá transformou uma rede social residual numa rede migratória de confiança.

Essa confiança, no caso de Leandro, engenheiro da *Ford*, ocorre por causa do seu ex-colega de trabalho, que já havia migrado. Os laços de amizade entre eles, feitos a partir do trabalho, geram uma confiança em todo o processo migratório, alguém conhecido que já percorreu os mesmos caminhos que ele. Outro fator importante é a empresa Ford ser uma multinacional, ter um

reconhecimento internacional, aumentando a possibilidade de conseguir um emprego rápido e na área de atuação, além de oferecer a muitos de seus funcionários uma experiência no exterior, como no caso de Leandro. O fato da profissão de engenheiro estar na lista das profissões onde a mão de obra é escassa apenas corrobora esse sentimento de confiança no momento de migrar, oferecendo muitas vantagens para o migrante, sejam financeiras, sejam emocionais, além, é claro, de já terem feito uma viagem para a região de Ontário, conhecendo minimamente a cidade.

Leandro e sua mulher Regina me contaram que quando chegaram, em meados de 2004, já sabiam o que esperar. Já tinham vivido essa experiência, de morar fora antes de migrar, sabiam como funcionava para alugar uma casa, o custo de vida, as taxas, o *mortgage* (hipoteca) e que, por isso, esse período de adaptação foi tranquilo. O ex-colega de Leandro o adicionou num *Yahoo Groups*, um fórum de discussão e debate do site *Yahoo*. Esse fórum de discussão foi criado por alguns brasileiros que já estavam em Toronto há algum tempo e se reuniam para fazer churrasco. Como muitos imigrantes estavam chegando por essa rede de conhecidos, ela estava agitada, sempre tinha alguém fazendo uma postagem no fórum sobre algum churrasco para comemorar a compra da casa nova e querendo inaugurar a churrasqueira. Esse grupo não era grande, tinha umas 10, 12 pessoas, todos casados e sem filhos (com exceção de um casal que estava esperando pelo primeiro filho), entre 25 e 30 anos, documentados e com faculdade no Brasil, da área de engenharia, administração e engenharia da computação. Apesar do número pequeno, essa rede pessoal foi importante para o casal, inicialmente, para conseguir informações locais como dicas de onde procurar emprego, do que colocar no currículo, de taxas de juros, onde comprar casa, onde comprar o carro, nível de salário, etc.

Leandro me contou também que ele comparou o tempo de emprego com os bens dos casais.

[Leandro] Uma coisa interessante que eu vi naquela época é que quem estava mais tempo era quem tinha mais dinheiro, uma casa melhor... Eu pensei “como eles tinham um, dois, quatro, sete anos...” o que tinha sete anos de Canadá estava na sua segunda casa, ou

seja, ele começou numa casinha mais ou menos, e mudou para uma casa muito legal. (...) Isso é uma coisa importante que eu percebi. Não era muito em função de quem era engenheiro, administrador... quem veio, pediu as contas no Brasil e veio pra cá, os que tinham um ano de... (...) Eu vi que, meio que você pega um *picture* assim de que cada um, como cada um evoluiu aqui no Canadá...

[Regina] Com um ano você tem essa situação financeira, com dois anos, com três anos... é uma coisa progressiva e clara, né Leandro?!

[Leandro] E clara! Não era muito em relação a...

[Regina] ... habilidade não, é mais em relação ao tempo.

[Leandro] ... ao tempo. (...) É meio que a tua, meio que você reseta tudo quando você chega aqui e aí você arruma emprego e mostra a sua competência e aí você vai crescendo, mas todo mundo meio que chega aqui igual.

Fazer parte dessa rede, com um mesmo perfil, pequena, homogênea mas também de sucesso financeiro, mostrou-se extremamente vantajosa para o casal, oferecendo segurança e quem sabe uma indicação de emprego, como no futuro realmente aconteceu, para ambos. Esse grupo representa os imigrantes ideais para o Canadá, os imigrantes desejáveis, por estarem numa faixa etária produtiva, preencher a lacuna de mão de obra faltante, casados, com vontade de ter filhos no país, o que demonstra boa adaptabilidade, e que já trabalharam em multinacionais e/ou com experiência fora do Brasil. Neste caso, a evolução financeira é clara pois eles preenchem todos esses pré-requisitos.

Algo interessante a ser notado é como a internet é uma mediação importante na formação dessas redes e grupos sociais. Se para o casal, a internet, já em 2004, foi uma aliada, essa ferramenta se mostra ainda mais importante com o seu aperfeiçoamento no decorrer da década de 2000 e com a maior dificuldade do imigrante de se inserir na sociedade de destino. A internet e a mediação desses grupos *online* mudou a maneira como as redes se organizam e, por isso mesmo, acredito ser fundamental introduzir uma discussão desse tema nesse momento do debate, antes de compreendermos quais são os grupos de brasileiros/as que movimentam as redes. Nas páginas que se seguem, vamos discutir como as redes são mediadas pela internet e como elas mudaram a forma dos sujeitos migrantes se relacionarem entre si,

de maneira mais rápida e dinâmica. Entrar, criar e recriar as redes sociais se tornou um processo mais orgânico.

A internet como mediação das redes pessoais

Além dos blogs, fundamentais na distribuição da informação e na inserção inicial na comunidade, como já foi discutido, outro mecanismo muito usado são os grupos de e-mail. Em 2004, o casal foi adicionado ao *Yahoo Groups*, um fórum virtual ligado ao portal da internet *Yahoo*, conectando os participantes através do e-mail desse mesmo servidor. Outras ferramentas importantes que tem a mesma finalidade são o *Google Groups* e, mais recentemente, os grupos do Facebook. Eu mesmo, num período de cinco meses de campo, fui convidado para participar de dois desses grupos, um pertencente ao *Google Groups* (que antes era do *Yahoo* mas acabaram trocando de servidor) e outro do Facebook. Ambos são grupos secretos e fechados, ou seja, o único meio de chegar entrar nesses grupos é conhecendo alguém do grupo e este alguém te adicionar. Ainda assim, nesses dois grupos, tive que me identificar e passar pela aprovação do moderador.

É interessante notar como os laços das redes desses brasileiros são mediados pela internet, quase que um ritual de passagem moderno para ser aceito. Esses grupos virtuais conectam pessoas com objetivos em comum, mas há um grau de seletividade. Se antes eu listei os grupos do Facebook que são abertos a qualquer um, ou seja, numa busca rápida qualquer pessoa pode encontrá-los e interagir, nesses outros grupos não existe a possibilidade de chegar neles por conta própria. Primeiro, tem que haver uma interação anterior, conhecer alguém para entrar neles. No meu caso, a admissão não foi difícil, pois num deles foi meu próprio entrevistado que ofereceu me adicionar e noutro foi um colega que conheci enquanto frequentava a ONG CAIS e, sabendo da minha pesquisa, me passou o e-mail do grupo e me pediu para que entrasse em contato. Neste último, porém, apesar de eu ter citado esse colega, o proprietário do grupo me alertou que somente me adicionaria se este colega mandasse o e-mail pedindo minha entrada. Ele assim o fez e fui aceito.

A discussão interessante nessa etapa, da consolidação das redes, é que, num primeiro momento, os imigrantes se conhecem num curso de inglês,

num reconhecimento no elevador, ao frequentar lugares brasileiros, através dos filhos ou mesmo a partir de pesquisas feitas nos blogs, mas as redes passam a se tornar fortes, se consolidam, quando os sujeitos interagem a partir de grupos de e-mail e/ou grupos do Facebook fechados e secretos. É nesse momento que outras possibilidades se abrem para o casal, podendo acessar um número muito maior de imigrantes, de informações e histórias de vida.

Esse primeiro grupo ao qual fui inserido, onde meu colega teve que mandar o e-mail, é um grupo razoavelmente conhecido entre os imigrantes e foi fundado em 2006, por três famílias, para que pudessem trocar informações sobre o processo de migração. São bem claros quanto ao perfil de pessoas que são aceitas: que morem nas províncias de língua inglesa (o que exclui o Québec) ou que estão em processo de migrar para elas, além de não permitir propaganda.

Os assuntos são sempre voltados para o tema da adaptação, tanto com os brasileiros qualificados quanto com os canadenses. Notícias sobre o processo, muitas dúvidas sobre setor imobiliário, sobre taxas, seguro da casa, carro, além dos *OFF Topics*, assuntos não relacionados com o grupo mas que julguem interessante ou “legal”, como, por exemplo, doação de móveis ou um convite para um picnic. Os tópicos com vagas de emprego também devem ser levados em consideração, sendo postados em média uns nove tópicos por mês, com ofertas de emprego ou links para vagas, a maioria em torno das áreas de tecnologia da informação, finanças, administração, ciência e engenharia. O interessante desse grupo, mais do que oferecer empregos, é o laço de amizade estabelecido entre os membros. Mesmo com a totalidade aproximada de 500 membros, as discussões e trocas de informação ocorrem num nível mais íntimo e pessoal do que em outros grupos abertos, onde as pessoas criam laços momentâneos para conseguir informações. Aqui há uma relação quase familiar, pelo menos entre os que mais postam.

Quanto ao outro grupo que citei acima, em que o entrevistado me inseriu, as características são um pouco diferentes. Esse é um grupo menor e bem mais recente, com 50 membros e fundado no começo de 2012, mas com um enfoque bem específico: publicitários e profissionais de marketing. É um grupo secreto e fechado do Facebook e a maioria dos posts giram em torno de vagas de emprego (além, é claro, dos posts *OFF Topics*). É interessante como

a facilidade da criação desses grupos disponibiliza recursos preciosos, como nesse exemplo, de vagas de emprego, informações do mercado e notícias relevantes, além, claro, de conectar pessoas.

Como foi discutido, a dificuldade desses profissionais é maior pois não são cursos na área de exatas, mas sim na área de humanas, onde a linguagem é essencial. Saber, e muito bem, a língua aqui é um pré-requisito muito importante, que vai decidir o futuro desse profissional. Outro fator importante é que publicitários não estão na lista das profissões que mais precisam de mão de obra, ou seja, não há muita demanda. Diferentemente de engenheiros e tecnólogos de informática, grupos como esses, portanto, podem ser vitais para a estabilização na sociedade de destino, diferentemente do primeiro grupo que relatei.

Apesar das diferenças, ambos possuem um ponto em comum relevante para a discussão: os dois procuram se reunir fisicamente, conhecer seus membros pessoalmente. Enquanto no primeiro grupo havia os picnics, neste são realizadas reuniões mensais, em bares ou *summer barbecues*, os churrascos de verão, enquanto a neve não chega. É evidente que apesar das diferenças, já que a primeira rede apresenta tonalidades mais familiares e a segunda mais voltada para o mundo dos trabalhadores de publicidade e marketing, ambas procuram estabelecer relações para além do grupo virtual. Há uma organicidade nessa relação, a qual seria falacioso separar em mundo virtual e mundo real. Ambos estão imbricados. Não existe o contato dentro e fora da internet: esses mundos são orgânicos.

Eu mesmo experimentei essa organicidade. Ao chegar em Toronto tive que comprar um celular e, por causa de uma promoção e de um erro na minha primeira conta, eu consegui um smartphone barato e com internet de graça, durante todos os cinco meses de campo. Ressalto a importância desse tipo de aparelho pois, diferente do celular, a experiência proporcionada pelo smartphone vai muito mais além do que simplesmente fazer e receber chamadas. São mini computadores de mãos, onde se instalam aplicativos e se utiliza a internet de uma maneira mais fluída, suavizando as fronteiras entre estar conectado e *off-line*. Alguns desses aplicativos, bastante populares e importantes aqui para a análise, são os e-mails do Gmail, do Hotmail, Yahoo e Facebook. Qualquer informação que chega na caixa de mensagem pode ser

lida no mesmo instante, assim como mensagens e notificações do Facebook, como se fosse uma mensagem de celular. É uma relação muito mais dinâmica e que está presente, de fato, no dia a dia. Outro aplicativo que eu usava recorrentemente era o *Google Maps*, que me dizia onde eu estava, onde deveria ir, quanto tempo teria, quanto gastaria, etc. Para um imigrante recém-chegado, ou no meu caso que fiz várias entrevistas, foi essencial. Não conhecia Toronto, nem onde meus entrevistadores moravam, mas bastava digitar o endereço que em instantes podia percorrer todo o trajeto como se me fosse familiar.

Essas tecnologias, pensadas a partir dos estudos migratórios, oferecem outra percepção do que é se adaptar, de como são constituídos os laços sociais, das próprias relações sociais em si. Há um dinamismo, por parte dessas facilidades tecnológicas, que amplia a atuação das redes para além do geográfico e do espacial, oferecendo uma economia monetária, temporal e psicológica ao migrante, já que, por exemplo, ao pegar um ônibus para ir ao trabalho, se pode conversar com a família do Brasil, vê-los (como pelo Skype, aplicativo muito usado para se comunicar) e responder ao convite de churrasco do grupo do Facebook. Portanto, posso dizer que esses grupos, associados a essas facilidades tecnológicas, são bastante acessíveis e dinâmicos, tornando a criação e consolidação das redes mais rápidas e controladas. Os brasileiros ainda moram perto, se concentram em alguns bairros, mas também se concentram em grupos virtuais, para além das barreiras físicas.

Interessante notar que o mesmo entrevistado que me convidou para o grupo dele, esse de publicitários e profissionais de marketing, também fazia parte do outro grupo, mais familiar, aumentando a sua rede e diversificando. Granovetter (1973) atentou para a importância desses “laços fracos” da rede, pois se num primeiro momento é interessante pertencer a uma rede pequena e homogênea, com o tempo, ela traz muita informação similar. Pertencer à outra mais ampla e mais genérica pode abrir possibilidades diversificadas e trazer informações novas, aumentando o capital social disponível. O dinamismo virtual atrelado ao avanço tecnológico robusto e na palma da mão, atenuando a importância geográfica, torna a participação nessas redes muito mais fácil, ao passo que os churrascos e encontros físicos podem transformar laços informais em laços de amizade; ou mesmo em laços familiares. Vários imigrantes me

relataram que, embora tenham se conhecido no Canadá, se consideram parte da família um do outro, formando entre si unidades familiares para além da consanguinidade.

Rede de brasileiras em Toronto

Até agora, podemos perceber que as redes sociais desses brasileiros são bastante heterogêneas. Algumas se caracterizam por serem pequenas e específicas, como nas redes de trabalho, e outras são amplas e mais heterogêneas, constituídas de sujeitos pertencentes a diferentes mercados de trabalho, gênero e geração. Entretanto, essas redes não fogem ao perfil dos brasileiros que passaram pelo processo de migração do governo. No plano de fundo, há uma identificação primária, uma experiência em comum entre eles, uma condição comum de migração dos que passaram pelo mesmo processo. Essas redes sociais reforçam essa condição comum, principalmente pelos recém-chegados.

O processo migratório, que é altamente seletivo e busca um perfil de migrante ideal, é, num primeiro momento, responsável por conferir uma categoria identitária comum a esses migrantes. Num segundo momento, essa identidade é reforçada pelos recém-chegados ao criarem laços quase que instantâneos com outros brasileiros que vieram pelo processo, ao se reconhecerem nesse perfil, principalmente porque precisam criar vínculos na cidade de Toronto. Esta identidade reinventada, por outro lado, sofre subdivisões no processo de adaptação.

Se a maioria dos aplicantes são os maridos, podemos pressupor que esses homens possuem uma identidade bem mais próxima entre si, trajetórias mais similares, já que são eles os responsáveis por terem o perfil esperado pelo governo canadense. Entretanto, suas esposas não seguem, necessariamente, esse perfil, possuindo profissões e trajetórias mais diversificadas. Na entrevista com dois engenheiros que eu realizei, ambos tinham, além de trabalhos na mesma área, experiência profissional no exterior e bom nível de inglês, enquanto suas esposas tinham um perfil um pouco diferente, sendo uma jornalista, mas dona de casa, e a outra era uma enfermeira com pós graduação em ascensão na empresa que trabalhava no

Brasil. Esta diversidade maior entre as brasileiras, atrelada à decisão do casal de privilegiar a busca pelo emprego do marido, gera uma grande e sólida rede das brasileiras na cidade de Toronto.

Como já discutido acima, há um esforço do casal para que o marido consiga emprego o mais rápido possível. Não que esta escolha exclua a mulher de procurar por uma vaga, mas ele é quem é priorizado nessa procura, por migrar como aplicante principal, com uma profissão onde a mão de obra é escassa ou mais fácil de conseguir emprego, que faz os cursos técnicos, *colleges*.

É deste período inicial de adaptação, onde as estratégias familiares de inserção na comunidade são divididas pela demanda do mercado que surge outra forte categoria na rede, a de mulheres brasileiras em Toronto. Uma subdivisão da experiência de ser migrante, na trajetória dos brasileiros qualificados, essa rede toma fôlego quando, além do período inicial de adaptação dos primeiros meses, essas mulheres começam a assumir funções de donas de casa e mãe. Estas performances de gênero se intensificam quando o casal decide ter filhos, cabendo à mulher a criação e educação deles.

Comecei a perceber as nuances dessas estratégias e performances com Cris, uma mulher bem sucedida no Brasil que tinha acabado de ser promovida, mas desistiu de sua carreira para migrar.

[Cris] Eu, como tinha terminado o mestrado, eu tinha sido promovida, tinha melhorado muito profissionalmente.

[Luís] Ela ganhava mais que eu.

[Cris] Então, eu estava numa coisa assim... então, foi muito difícil essa decisão de [migrar], quando veio... Porque a gente pensou assim “tá, nós temos o visto”, mas não seria bem um momento pra gente largar tudo e ir, porque a gente tem a impressão [que] pra largar tudo e mudar de vida é quem não tá muito bem, né? E a gente estava, os dois, bem. Então, a gente ficou na dúvida. Mas, por outro lado a gente pensou: “(...) pode ser que a gente não esteja mais muito satisfeito nos trabalhos, e aí a gente perdeu a oportunidade né?”

[Luís] É, daqui uns três, quatro anos a gente se olha e “por que que a gente não foi e desperdiçou essa oportunidade?”

[Cris] É que, na verdade, eu tinha melhorado muito, mas o Luís estava meio enjoado e estava muitos anos na mesma coisa e ele queria mudar, ele queria uma coisa diferente. E aí eu pensei, também: “não é justo, também, eu dizer pra ele, não, não vamos porque eu estou bem” e deixar ele que não está satisfeito. E aí o que acontece: foi bem difícil. Mas, uma hora eu disse pra ele: “olha, eu não quero passar uns anos e dizer assim ‘ah, eu não tentei, por que a gente não fez uma coisa dessas?’ ”. Então, paciência, vamos!

Cris me contou que, assim que chegaram, em janeiro de 2011, ela entrou com o processo de validação do diploma de enfermagem. Foi aprovado, mas ela precisava fazer uma prova que acontece apenas duas vezes por ano. Luís, que trabalhava numa multinacional no Brasil, acabou conseguindo um emprego numa outra cidade mas duas semanas depois conseguiu um emprego na mesma empresa que trabalhava no Brasil na grande Toronto, numa cidade chamada Hamilton. Entretanto, em março do mesmo ano, Cris ficou grávida. Ambos me disseram que já haviam planejado essa gravidez desde o Brasil, que Cris queria, mas assim que migraram ela pensou em ter depois do segundo ano, quando já estivesse trabalhando. Porém, como teve que esperar por todo o processo de validação e o período da prova, me disse que foi bom ter a filha agora, pois já que ficaria parada, na espera, poderia cuidar dela. Nesse período também se mudaram de Toronto para Hamilton e deram a entrada numa casa, o que levou Luís mais perto do emprego dele, mas Cris mais longe dos médicos e conhecidos. Essa mudança também é bem comum, principalmente quando está se estabilizando, ganhando bem e o casal tem um filho. As residências na grande Toronto são bem maiores e baratas, compensando sair do aluguel para dar a entrada numa casa.

A partir desse relato podemos perceber que algumas decisões foram pautadas na ideia de Luís trabalhar e Cris cuidar da família e do lar, e que a ida pro Canadá acelerou esse processo. Cris ainda não desistiu de trabalhar, me disse que pretende continuar assim que conseguir fazer a prova e a filha ficar maior, mas que por enquanto a função dela era ajudar a organizar a vida dos dois.

[Luís] A Cristiane ficava muito tempo, durante o dia, sozinha. Então, ela dava bastante volta, né Cris?

[Cris] Sim, eu fazia todas as coisas, por exemplo, a gente chegou, se mudou, aí o que que aconteceu: chegando numa casa nova, tu compra as coisas pra mobiliar a casa, tu vai no mercado, compra as coisas pra mobiliar todo a casa, vê móvel, vê um monte de coisa. Vê como é que tu vai ver o negócio de internet, não sei o que, vai ver conta no banco, tu vai ver ..., vai fazer curso de ... Então, tu passa tempo envolvida com muita novidade.

[Luís] E aí o primeiro ano passou assim, né, porque...

[Cris] E aí o Luís ia trabalhar e eu fazia tudo. Ah, tem que fazer seguro do não sei o que, daí eu ficava vendo.

[Luís] E ela começou o curso de idioma.

[Cris] E aí eu comecei o curso de inglês. Só que depois de um tempo, depois que eu engravidei ... quando eu não consegui mais ir nas aulas e daí eu parei. Mas, eu cheguei a fazer curso de inglês, entendeu?

[Luís] Porque tu começa uma vida nova. Tem que descobrir como que esse país funciona, entendeu?

[Cris] E aí no meio do ano, em junho, julho... acho que em agosto, a gente começou que a gente ía comprar a casa, e aí começa a ver ..., começa a procurar casa... Então, sempre, muita mudança, entendeu?

Pode ser que a trajetória no Brasil de Cris seja diferente de outras imigrantes, mas quando chega em Toronto, a trajetória delas e de outras esposas começam a convergir. Como a maioria dessas esposas são as encarregadas de “descobrir como que esse país funciona”, elas acabam criando uma segunda camada nessa experiência migratória, que as conectam em redes. Se a primeira é a experimentada pelo casal, no momento da entrada dos papéis até a chegada, no período inicial de adaptação, essas esposas passam por outra experiência em comum, a de serem as encarregadas de encontrar a informação, procurar móveis, montar a casa, encontrar advogados, processos burocráticos, jurídicos, bancários.

Deste modo, essa experiência em comum, esse lugar em comum compartilhado por essas mulheres, passa a ser mais forte com a chegada dos filhos. A gestação requer muita informação, desde médicos até acessórios infantis. A maioria dessas mulheres que migram tem filhos pequenos ou

esperam ter os filhos no Canadá, principalmente por causa dos bons índices mundiais de educação que a escola pública oferece e, conseqüentemente, acabam precisando umas das outras.

Assim como no caso da rede de publicitário, cuja criação foi impulsionada pela dificuldade de entrar no mercado de trabalho, a rede das mulheres de Toronto segue a mesma lógica, mas a partir de uma estratégia de sobrevivência familiar, uma estratégia de adaptação demarcada pelo gênero.

[Raquel] Eu não posso te dar uma resposta quanto tempo eu demorei pra arranjar trabalho porque eu até hoje não me coloquei. Depois foi opção que eu falei “agora chegou a hora de ter meu filho porque eu não quero ser avó, eu quero ser mãe”. Aí eu falei “já que eu não tô recolocada, que eu sempre achei que eu queria eu criar pelo menos nos 3, 4 primeiros anos, então eu falei “agora eu vou fazer isso, vou ser mãe”.(...) Eu não quero largar em creche, largar pra outro, eu que quero ser a primeira que vai controlar o que ele come. As meninas falam “Raquel, voltar a estudar... depois de velha? Eu não consigo”. Isso também é personalidade, eu gosto de estudar, sempre gostei. Tenho uma alma acadêmica. Se pudesse viver de ficar só estudando eu ia ficar só estudando. Eu fui pro *college* e eu pretendo ir pra universidade, mas agora isso não é real pra mim porque a dedicação seria maior e eu não quero. A prioridade agora é ele. Então qual é o meu plano? Quando eu decidi lá atrás que eu não ia querer a mesma carreira e ele nasceu em 2010... em 2012 ele vai ter 2 anos, dai começo a estudar a noite, eu começo um diploma que vai me demorar uns 3 anos, que dai ele já tem 5, ele já foi pro prézinho e eu já posso trabalhar. Parece simples mas é tudo planejado em cima de um foco, e qual é o foco no momento? É ele.

[Mariano] Existe uma manada de brasileiro que imigraram em idade de procriar, e procriaram. A quantidade de brasileiros que nasceram aqui é enorme. Toda hora Heloísa compra brinquedo de criança na *Toy”R”Us*, uma explosão de brasileirinhos aqui. Tem um e querem ter dois, e conhecem caso de gente que teve 4, que chegou na mesma época que a gente. Foi a primeira brasileira que [minha esposa] conheceu, hoje moram em Hamilton, veio com uma criança e hoje estão com 4. No Brasil dentro de um planejamento familiar ninguém pensa em ter 4, mas com esse equilíbrio todo, com a escola pelo Estado, com esse serviço, a pessoa pode pensar em ter 4. Tem uma

oferta generosa, mais tranquilidade pra criar. Quando vêm e percebem que é tranquilo... não que ganhem mais, não é isso, mas é a tranquilidade que pode colocar a criança na rua e deixar brincar no parquinho. Quando tem criança mais nova há uma tendência a ir mais pra regiões onde é mais fácil criar crianças soltas na rua, onde tem casa, do que ficar num núcleo urbano, apartamento. Heloísa conhece muitas mulheres que engravidaram e mudaram pra casas afastadas do centro, e porque é mais barato. Quanto mais afastado do metrô, mais barato fica. Pode ter uma casa enorme pelo mesmo preço de um apartamento. Um apartamento pequeno custa o mesmo que uma casa de 4 ou 5 quartos, de compra e venda.

Migrar para Toronto também está pressuposto, nos planos da maioria das famílias, ter e criar os filhos no Canadá, o que faz com que eles estejam sempre presentes no desenvolvimento das estratégias do casal.

A falta de colocação da mulher no mercado atrelada à vontade do casal em ter filhos, às boas escolas públicas e aos baixos índices de criminalidade, são os fatores responsáveis por essa explosão de brasileirinhos. O cuidado com o crescimento e a educação, no entanto, passa a ser função prioritária da mulher. Essa prioridade eu percebi na primeira reunião anual da Oficina de Português para Brasileiros, o programa da ONG CAIS, que acontece todo sábado pela manhã, administrado pelos próprios pais. Por ter o caráter de oficina, as crianças e adolescentes não têm aula de português diretamente, mas fazem jogos e brincadeiras coordenados por pedagogas com o intuito de reavivar o uso do idioma.

Nessa primeira reunião, onde cada pai e mãe se apresentam, percebi que a grande maioria dos casais veio acompanhando suas crianças. Até me surpreendeu a quantidade de pais homens que estavam no local, onde todos se apresentaram e discutiram as propostas e planos de atividades para o semestre. Entretanto, já no segundo sábado, a quantidade de pais, homens, caiu drasticamente, restando apenas um ou outro no grupo de mulheres. Pelo menos uma vez por mês havia uma reunião onde eram discutidos os assuntos do mês, como contas, atividades para próximo semestre, eventuais festas e arrecadações. Mais uma vez, nestes encontros deliciosamente realizados numa padaria portuguesa próxima da oficina, a maioria eram mulheres. Lembro-me de ter ouvido, mais de uma vez, sobre o marido não poder vir ou

não poder deixá-las lá porque estava trabalhando, o que corrobora ser essa divisão de gênero recorrente.

Durante várias entrevistas e também conversando com essas mulheres, foi recorrente também a citação dos blogs, que algumas tinham ou liam com frequência, e em especial um grupo do Facebook só de mulheres, fechado e secreto. Pedi para que uma dessas mães, que já havia se tornado minha amiga, pedisse permissão para a moderadora do grupo para que eu pudesse entrar, mas me foi negado. De acordo com minha amiga, a moderadora negou o meu pedido, primeiro, porque eu era homem e, segundo, porque se eu publicasse ou alguém fosse alvo da minha pesquisa e me denunciasse eu poderia ter sérios problemas, citando inclusive um caso onde isso já havia acontecido (não com esse grupo, mas com outro). Entretanto, apesar de não poder participar desse grupo, todas as minhas entrevistadas eram membros ou já tinham ouvido falar dele. Contaram-me que o grupo era recente, do começo do ano, mas que em quatro meses já tinham mais de 700 mulheres. Os assuntos giram em torno de alguns eixos em comum, que eu classifiquei como serviços, mães e reuniões.

Uma de minha entrevistadas, quando mencionei que não fui aceito pela moderadora do grupo, entrou no Facebook e me mostrou as postagens recentes, onde percebi que tinham várias fotos de doces e mulheres que faziam brigadeiro. Ela me contou que muitas oferecem seus serviços, como manicure, depilação, trabalhos na área de festas infantis, babá, dentista, decoração e muitas corretoras de imóveis. É interessante que, mesmo que tenham outras profissões que essa minha amiga não tenha se lembrado, apenas uma única profissão exigia formação superior, a de dentista. Todas as outras se encaixam em cursos técnicos ou não qualificadas, contrastando com a maioria das mulheres que entrevistei e conversei, que possuíam nível superior de ensino.

Devemos analisar com cautela esses dados e não levantar hipóteses precipitadas: nem todas as mulheres com formação universitária anunciam suas qualificações ali. Por exemplo, uma enfermeira, que espera trabalhar num hospital não teria o porquê anunciar neste grupo que é enfermeira, a não ser que queira trabalhos avulsos, como cuidar de idosos em casa. Além disso, podemos pressupor que as publicitárias, por exemplo, também não ofereceriam

seus serviços e preferiram discutir sobre trabalho no grupo de publicitários e profissionais de marketing. Portanto, a partir destas observações, poderíamos pressupor que neste grupo são oferecidos serviços informais ou de profissionais autônomas; se não fossem dois detalhes importantes.

O primeiro detalhe eu reparei quando fui a um evento da comunidade e uma das fotógrafas me reconheceu, demorei um pouco para me recordar quem era, mas assim que ela se aproximou lembrei que era uma de minhas entrevistadas. Há dois meses a tinha entrevistado, juntamente com o marido, e sabia que ela tinha curso superior no Brasil. Me assustei no começo pois, na entrevista, ela, que já estava à cinco anos em Toronto, ainda estava tentando se colocar no mercado. O marido, que é da área de tecnologia, em menos de um ano já tinha um bom emprego, na sua área de atuação, mas ela, cinco anos depois, não. Formada em Letras, estava desde 2010 cursando tradução numa universidade de Toronto, e esperançosa para conseguir um emprego.

Ao vê-la ali, dois meses depois da entrevista como fotógrafa, fiquei imaginando a quais outras profissões informais essas mulheres acabam se submetendo, me levando a supor que, embora no grupo das brasileiras do Facebook muitas ofereçam serviços informais, de como fazer brigadeiro para festas ou depilação e manicure, não significa elas tenham uma carreira nessas profissões ou que não possuem um curso superior no currículo (como foi o caso de Marcos, que apesar de ter mestrado incompleto trabalhou um tempo como *dish washer* e mentiu dizendo que só tinha ensino médio). Outro ponto que me leva a corroborar essa ideia vem do relato de uma entrevistada que, ao conversarmos sobre o protecionismo do mercado canadense, afirmou que não tinha ido para o Canadá para subir na carreira.

[Raquel] E o Canadá, você vai descobrir depois, é muito monopólio por ser pequeno. Tem um grande conglomerado de telecomunicações, até porque não comporta mais. Tem outro que fabrica açúcar. É uma máquina, uma que fabrica açúcar. Empresa aérea, a Air Canada, é um negócio absurdo, a gente paga super caro pra fazer um voo direto daqui pro Brasil porque não tem concorrência com a Air Canada, porque o governo a trata de uma maneira que é bebezinho, tem que proteger... eles são muito protecionistas. Então eles são protecionistas na economia e acabam sendo protecionistas

quando você já está aqui enquanto imigrante. Tem muita proteção de mercado. “Tá, a gente quis vocês todos imigrantes, agora vocês todos estão aqui, mas necessariamente vocês não vão conseguir atuar na mesma área que vocês atuavam lá”. E isso ninguém fala pra você lá porque não é interessante. Então, eu, particularmente, sempre tive na minha cabeça que ia ser difícil. Eu não estou indo pro Canadá por causa de carreira, eu sempre tive isso. Claro que a gente precisa trabalhar, mas não tô indo pra lá pra ficar rica, pra virar diretora de alguma empresa... pra isso eu tava no meu caminho no Brasil.

É a partir desses relatos e de situações acima que podemos perceber que, embora sejam oferecidos serviços informais, não significa necessariamente que essas mulheres não tenham uma experiência universitária ou um diploma, ou seja, que não tenham outras carreiras. Mesmo as que têm essas qualificações, não anunciam, necessariamente, no grupo.

A imigrante citada acima foi a mesma que me descreveu que neste momento, depois de tentar se inserir no mercado de trabalho e mudar de carreira, decidira que o seu foco seria o filho que acabara de nascer. Se a carreira fica em segundo plano, a criação dos filhos vem em primeiro, fazendo com que assuntos que giram em torno do tema gravidez e criação dos filhos sejam os mais comentados. Todas me descreveram que esse assunto era o que movimentava o grupo, subdividido em tópicos menores como grávidas, médico, escola, pré-natal, compra, venda e doação de brinquedos, roupas e carrinhos, chá de bebê, etc..., evidenciando a centralidade desse assunto na vida dessas mulheres. Uma outra me relatou que a maioria delas é casada, com filhos ou em vias de ter, na faixa entre 25 e 35 anos; poucas solteiras. É a partir desse grupo que, assim como acontece nos outros já citados, são organizadas reuniões. Chá de bebês, reunião das gestantes, encontro do grupo e por bairro foram os que me foram citados. Uma de minhas entrevistadas disse que no bairro dela foi realizado um encontro, numa quarta-feira à noite, e todas se reuniram num *pub*. No próprio grupo do Facebook, onde marcaram o encontro, já existia uma lista das que moravam na região com nome e profissão e, quando se reuniram, perceberam que a maioria delas era casada (com exceção de duas mulheres) e que muitas não estavam na área de

atuação. Portanto, podemos perceber outro perfil da mão de obra qualificada no Canadá, a das mulheres, uma mão de obra qualificada que não consegue se inserir no mercado de trabalho, que é desperdiçada.

Performances tradicionais de feminilidade

Há uma pressão, delas mesmas e externa, para que se tornem mães e que cuidem da família e do lar, o que minimiza as consequências de deixar a carreira em segundo plano. Se, por um lado, há uma dificuldade de inserção no mercado de trabalho, por outro, a rede mostra um caminho a ser seguido pautado numa divisão tradicional de gênero.

Sendo assim, as oportunidades que essa rede oferece, os comportamentos esperados, e às vezes sujeitados, como no caso desse grupo, permeiam o mundo dos trabalhos informais e de ser mãe e dona de casa. As informações e comportamentos que essa rede de mulheres oferece é mediada por uma performance de gênero pautada no casamento heterossexual, na gravidez e criação dos filhos. Inclusive entrevistei uma mulher que me descreveu com pavor essa rede de mulheres, da qual jamais faria parte. Ela se mudou com o marido e a filha em 2007, mas ela foi a aplicante principal porque era engenheira, e quando eu perguntei porque ela não gosta dessa rede, ela me respondeu que não se identificava.

[Renata] Por exemplo, a Denise frequenta aquele negócio de escolinha de português, eu fujo daquilo que nem o diabo foge da cruz!

[Rodrigo] Por quê?

[Renata] Porque é um povo que não tem nada a ver com a gente. Sabe, nada a vê?! Não tem nada a vê, nada...

[Rodrigo] Então me diz, o que é que não tem nada a vê, dá um exemplo...

[Renata] Sabe povo coxinha, é isso, a gente não é coxinha entendeu?! A gente senta, fica eu olhando o Paulo, um pra cara do outro... Aquele povo que senta as meninas de um lado e os meninos do outro sabe? Então não tem nada a vê. Eu sempre tô do outro lado da galera! Sabe, conversando papo de menina? Tenho aflição, me dá

coceira! É por isso que eu fiz engenharia, senão poderia ter feito corte e costura, psicologia...

Renata deixa bem clara essa separação por gênero que marca toda a experiência migrante em Toronto. Diferente de outros fluxos de brasileiros, como por exemplo da crescente feminilização e maior independência feminina no fluxo de brasileiros para Boston (Assis, 2003), os imigrantes que passam pelo processo do governo de imigração são casais, em sua maioria, e consolidam performances de gênero onde o homem se encarrega de conseguir emprego e as mulheres de cuidar da casa e dos filhos. É essa divisão que incumbe a mulher de conseguir as informações e recursos para uma tranquila estabilização do casal e consolidação da família, encarregando-as de se inserir e desenvolver uma rede densa de brasileiras na cidade.

Portanto, essa experiência, que marca a vida da mulher por, no mínimo, os primeiros cinco anos depois da chegada ao país, como muitas me relataram, apresenta vantagens, como ter amigos e conseguir informações, mas também desvantagens, sujeitando-as, muitas vezes, a seguirem por um único caminho e viverem experiências parecidas, dificultando o acesso a informações mais diversificadas e constringendo ações para além dessas performances de gênero.

5 Considerações Finais

Ao longo deste trabalho, utilizamos alguns pressupostos teóricos que nos ajudaram a compreender a migração de brasileiros qualificados para Toronto. Resumidamente, utilizamos a teoria econômica e o modelo *pull-push* para analisar o período onde ocorreu a intensificação do fluxo de brasileiros para o Canadá. Com a estabilização e melhora da política e economia brasileira no cenário internacional nos anos 2000 e a intensificação ainda maior do fluxo, agregamos a teoria das redes sociais para poder compreender esse fenômeno tanto no nível macroeconômico quanto no nível micro, nas relações intrapessoais e de grupos específicos. O olhar dos estudos de gênero nos ajudou a pensar que mesmo dentro de um mesmo grupo étnico, as informações são repassadas de formas desiguais, gerando ou corroborando determinados comportamentos que podem coagir, ou não, a agência de mulheres e homens migrantes. Por fim, as teorias das políticas migratórias nos ajudaram a pensar como esse processo migratório é administrado pelo Estado, ou seja, não somente como se administra quem pode entrar e que pode sair do país, mas quem é selecionado de fato para ser migrante e quem não é selecionado. Todo processo migratório é seletivo, em algum grau, mas no caso dos meus entrevistados, brasileiros e brasileiras com ensino superior que decidiram viver no Canadá via políticas migratórias governamentais, o processo de seletividade migratória começa de cima, começa por um perfil delimitado pelo governo canadense. Podemos perceber que este perfil, ou estes perfis, já que existem diferentes formas de migrar documentado, não são tão rígidos principalmente devido à falta de mão de obra qualificada que o país precisa suprir. O que é rígido mesmo é a seletividade, é ter no mínimo ensino superior ou similar. O fator educacional é fundamental para decidir quem pode morar ou não em terras canadenses.

Essa constatação fica evidente no capítulo 2 quando descrevo o trabalho de campo. Essa específica configuração migratória me chamou a atenção por diversos motivos, entre eles a forma como imigrante, estratégias migratórias e perfil de política migratória governamental se conectam e dialogam entre si. A mediação nesse processo é feita principalmente pela internet, pelos blogs e páginas na internet, como, por exemplo, pelo site de

relacionamentos Facebook.com. Os vínculos das redes sociais que cada imigrante vai formar ou se inserir começam nesse ponto. Migrar para o Canadá documentado não é uma estratégia familiar, onde parentes já migraram anteriormente e “puxam” a rede familiar. Aqui, as famílias migrantes fazem o *country shop*, escolhem o Canadá por se encaixarem nos pré-requisitos impostos pelo governo e vasculham suas redes de sociabilidade procurando encontrar alguém que já tenha visitado, morado ou que more no país. Há uma vontade de migrar, de morar fora do Brasil, mas, em algumas vezes, não necessariamente no Canadá. O país, então, é eleito por suas facilidades para conseguir o visto, por oferecer a oportunidade de morar fora, de migrar entrando pela porta da frente, documentado.

As redes sociais, nesse contexto, mantêm o fluxo migratório, tornando-se um elemento chave na nossa discussão. Todo esse processo de mudança, desde a escolha pelo Canadá como país de destino até a inserção na sociedade canadense, é perpassado pelas redes e pode ser sistematizado em quatro fases. A primeira fase, o momento exploratório, a decisão de migrar e a escolha pelo Canadá, é caracterizada pela incessante coleta de informação na internet, principalmente nos blogs. Grupos abertos no Facebook, amigos e familiares também são consultados nesse momento, onde a busca por qualquer conhecido ou informação é importante para dar segurança e disponibilizar outros recursos, como aluguel de casas baratas, melhores regiões para morar ou tentativas de arranjar emprego desde o Brasil. Apesar de todo esse processo, o meio mais eficaz são os blogs, onde cada imigrante conta com detalhes suas experiências pessoais e dão dicas de como agir, por onde seguir, desde qual processo aplicar e indicação de escritórios especializados que ajudam com a burocracia do processo, até como é o dia a dia e o custo de vida na cidade de Toronto.

A segunda fase é aquela em que a família já está em terras canadenses, que já chegou em Toronto e está tentando se estabilizar na cidade. Neste período, algumas amizades virtuais são resgatadas e qualquer brasileiro ou brasileira é um vínculo importante. É aqui que o imigrante começa a entrar nos grupos fechados de brasileiros do Facebook e de e-mails como grupos do Gmail e *Yahoo Groups*. Neste período, o perfil é importante, pois gera uma sensação de familiaridade, um reconhecimento, principalmente por conta do

fator educacional, que pressupõe trajetórias comuns, e ser casado, que pressupõe experiências em comum. Neste período, que dura em média dois anos, aflora um sentimento de solidariedade entre os recém-chegados e é quando acontecem muitos encontros nas casas de cada imigrante, como churrascos ou almoços de domingo. Muitos me disseram que nesse período o importante é conhecer brasileiros, seja quem for, seja para “matar a saudades” ou para ajudar a se adaptar na cidade.

Na terceira fase, iniciada para a maioria dos imigrantes depois do segundo inverno, o/a imigrante já está acostumado/a com os lugares da cidade, com os processos burocráticos básicos, jurídicos, e passam a afunilar suas redes de sociabilidade. É nesta fase que as diferenças de gênero se acentuam, principalmente em decorrência do emprego e da maternidade. Como comumente o marido é quem consegue emprego primeiro, por ter uma formação profissional onde a mão de obra é escassa, ele já não precisa daquela rede extensa, de tantos laços fracos como tinha na fase anterior, e começa a selecionar os brasileiros por amizade, por afinidade. Já as mulheres, muitas vezes esposas que não possuem profissões com alta demanda no mercado, passam, com o tempo, também a selecionar uma rede menor, uma rede de amizade, mas ainda continuam se inserindo em grandes redes, principalmente de mulheres na mesma condição. A maternidade influencia ainda mais essas imigrantes a procurar outras mulheres, futuras mães, para conseguir informações e apoio nesse período. Enquanto os homens/ maridos começam a se inserir em redes de trabalho, como o grupo de engenheiros da empresa *Ford Motor Company*, as mulheres acabam entrando em grupos fechados do Facebook só para as mulheres de Toronto, por exemplo; e criando outras subdivisões como as futuras mães, as solteiras, mulheres por bairro, entre outras. A característica desses grupos é uma maior identificação do que os grupos da fase anterior e marcada por mais encontros fora do mundo *online*. Se na segunda fase a intenção era se adaptar à cidade, conseguir informação, por exemplo, de como alugar uma casa, nesses grupos as informações são mais específicas, seja oferecendo uma emprego ou a venda de um carrinho de bebê usado para a futura mamãe. No caso específico dos grupos de trabalho, nem sempre somente homens brasileiros participam, mas no grupo de mulheres, ou são exclusivos ou elas são a grande maioria. Nesta fase, os

grupos fechados do Facebook e os grupos de email também se tornam mais específicos, como, por exemplo, o grupo de publicitários e profissionais de marketing em que fui inserido.

Por fim, a quarta e última fase do processo de migração do trabalhador qualificado é caracterizada pela inserção do/da imigrante na sociedade de destino, aumentando sua rede social para além do grupo étnico. Enquanto na fase anterior as imigrantes eram quem tinham grupos exclusivos de mulheres, embora também se inserissem em outros grupos como nos de emprego, nesta última fase, caracterizada pela inserção na sociedade de destino através das amizades para além do grupo étnico, os homens foram quem mais se encaixaram nesta classificação. Aqui, a mediação da internet não é necessária para que o/a imigrante se insira na rede de sociabilidade, ocorrendo, mais casualmente, através do próprio ambiente de trabalho, local de lazer ou outros lugares que costuma frequentar, não estando ligado, necessariamente, à comunidade brasileira. Por parte das mulheres, ouvi poucos relatos delas de que tinham amigas, ou uma rede de sociabilidade por afinidade, que fossem de outra nacionalidade que não a brasileira. Mesmo quando elas falam deste período, essas mulheres acabam citando seus maridos, como no relato abaixo

[Raquel] Eu tinha de fato essa consciência que brasileiro é de fato quem vai te ajudar no começo. Você ainda não entende a cultura direito pra você chegar no canadense e nem ele vai estar aberto a isso, pra te ajudar no começo. Não existe isso, do jeito que a gente veio. Existe do jeito uma outra amiga veio que era casada com um canadense e tinha a família do canadense aqui. Aí você já começa a entrar de outra maneira numa rede canadense. A rede canadense você só consegue depois que você começa a trabalhar e depois que você já está há alguns anos no mesmo trabalho. Meu marido, hoje, o mesmo tempo que ele está aqui ele está na mesma empresa, então você já cria um certo vínculo com as pessoas que você está trabalhando.

Esse é um comportamento corriqueiro não só das falas das minhas entrevistadas mas presente também nas teorias de circulação de mão de obra qualificada. Quando lidamos com essas teorias, há uma naturalização em masculinizar o migrante qualificado, inclusive quando se trata de migração

familiar, quando o sujeito migra com a família. Há uma separação entre o imigrante, na maioria das vezes homem, pois as profissões com maior demanda são da área de exatas, e a família que inclui esposa e filhos. Por traz dessa separação, há uma perigosa visão que a mulher não é qualificada, que não tem ensino superior e que pretende se dedicar aos filhos, o que, no caso da circulação de mão de obra qualificada para o Canadá não é verdade. Apesar de o nosso arcabouço teórico ser a Teoria das Redes Sociais e suas implicações, não pudemos deixar de perceber, apesar de não dar conta de analisar tão profundamente quanto gostaríamos, que não é somente o aplicante principal que é qualificado, que não é somente sobre ele que devemos analisar a circulação de mão de obra qualificada e suas implicações, mas que na maioria das vezes a sua parceira também é qualificada e a trajetória dela na sociedade de destino também deve ser analisada sob essa ótica pois gera consequências tal qual seus maridos³⁷.

Por fim, é importante salientar que cada etapa citada acima não exclui a outra, nem se encontram necessariamente numa linearidade temporal. O descrito aqui é o roteiro mais comum da trajetória migratória. Conheci uma mulher, por exemplo, que apesar de não trabalhar, tem muitas amigas de outras nacionalidades, além das brasileiras, e ainda continua escrevendo e alimentando seu blog depois de anos vivendo no Canadá. Cada sujeito, cada casal migrante dá seu tom particular e traça trajetórias específicas. O que fiz acima foi caracterizar cada fase de um roteiro comum seguido pela maioria de meus entrevistados. É interessante notar também, a partir do modelo acima, com a internet é uma ferramenta poderosa que está presente nas principais fases de adaptação desse processo migratório, quando redes anteriores, familiares, não estão dispostas aos imigrantes. Com a popularização dos smartphones, quase que computadores portáteis, as informações da internet estão na palma da mão, além de outros aplicativos importantes no cotidiano desses imigrantes, como Skype, que realiza chamadas de vídeo sem custo³⁸,

³⁷ Recomendamos, para estudos futuros sobre mão de obra qualificada, iniciar com texto de Louise Ackers (2005b) chamado "*Promoting Scientific Mobility and Balanced Growth in the European Research Area*". Neste *paper*, a autora discute conceitos como mão de obra qualificada, conhecimento e migração com o objetivo de conceitualizar esse fenômeno e desenvolver ferramentas operacionais mais adequadas.

³⁸ Evidente que somente o aparelho não basta, mas também uma conexão com a internet é necessária para acessar a maioria desses aplicativos.

Facebook, e-mail, mapas, entre outros. Recomendamos, também, um estudo mais específico, voltado para essas novas tecnologias e ferramentas digitais que não somente ajudam o imigrante, mas fazem a mediação no decorrer de todo o processo migratório de adaptação na sociedade de destino, acrescentando um novo vocabulário no cotidiano desses sujeitos.

Bibliografia

ACCIOLY, Tatiana de Almeida. **A circulação internacional de mão-de-obra qualificada na atualidade: políticas imigratórias dos Estados Unidos e Canadá e o Escritório de Imigração do Quebec em São Paulo**. Dissertação de mestrado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.

ACKERS, H. Louise. **Promoting Scientific Mobility and Balanced Growth in the European Research Area**. Innovation: The European Journal of Social Science Research 18 (3): 301-317. 2005(b)

JUNIOR, Ângelo M. **De cleaner a waiter: trajetórias de trabalhadores brasileiros em Londres**. Dissertação de mestrado da Universidade federal de São Carlos. São Carlos, 2012.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **A fronteira México-Estados Unidos: entre o sonho e o pesadelo - as experiências de e/imigrantes em viagens não-autorizadas no mundo global**. Cad. Pagu, Campinas, n. 31, Dec. 2008.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **De Criciúma para o mundo: os novos fluxos da população brasileira: gênero e rearranjos familiares**. In: MARTES, A. C. B.; FLEISCHER, S. (Orgs.). Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p. 199 -230.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **De Criciúma para o mundo: os novos fluxos da população brasileira e os rearranjos familiares e de gênero**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, SP. 2004.

BRASCH, Katherine. **Finding their place in the world: Brazilian migrant identities in an interconnected world**. Tese de Doutorado - University of Toronto, 2007.

CITIZENSHIP AND IMMIGRATION CANADA. **Citizenship and Immigration Statistics**. Ottawa; 1996

_____. **Facts and Figures 2003: Immigration Overview – Permanent and Temporary Residents.** Ottawa; 2003.

_____. **Facts and Figures 2011: Immigration Overview – Permanent and Temporary Residents.** Ottawa; 2011.

CASHMORE, Ellis. **Dictionary of Race and Ethnic Relations.** Routledge, 1996.

FUSCO, Wilson. **Capital Social e Dinâmica Migratória: um estudo sobre brasileiros nos Estados Unidos.** Textos Nepo, n. 52. Campinas, 2007.

GARCIA, Loreley. **Mulheres transnacionais.** in Revista Imaginário nº 14, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, 1º sem. 2007.

_____. **A Imigração Brasileira na América do Norte.** Revista Brasileira de Estudos de População 9 (1):65-82. 1992.

GOZA, Franklin. **Brazilian Immigration to Ontario .** International Migration 37 (4): 765-789. 1999

GOZA, Franklin; MARTELETO, Leticia. **An Examination of Remittance Activity among Brazilian Immigrants in the U.S. and Canada.** Annals of the Brazilian Association of Population Studies 11 (2): 551-575. 1998.

GRANOVETTER, M. **The Strength of Weak Ties.** American Journal of Sociology, v. 78, n. 6, p. 1360-80, 1973.

HOLLIFIELD, James F. **The Politics of Immigration and the Rise of the Migration State: Comparative and Historical Perspectives.** In: UEDA, Reed. A Companion to American Immigration. Wiley-Blackwell, 2005.

MARGOLIS, Maxine. **Little Brazil: imigrantes brasileiros em Nova York.** Campinas: Papyrus, 1994.

McAll, Christopher. **Class, Ethnicity and Social Inequality**. Montreal, Canada: McGill-Queen's University Press, 1992

ÖZDEN, Ç. **Educated migrants: is there brain waste?**. In: SCHIFF, M. and ÖZDEN, Ç. International migration, remittances, and the brain drain. Nova York: Palgrave Macmillan. 2006.

PEIXOTO, João. **As Teorias Explicativas das Migrações: Teorias Micro e Macro-Sociológicas**. Dissertação de doutoramento, SOCIUS – Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações, Instituto Superior de Economia e Gestão Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 1998.

PORTES, Alejandro. **Migrações Internacionais. Origens, Tipos e Modos de Incorporação**. Oeiras: Celta. 1999

RESENDE, Guilherme; PIN, Cedric; OLIVEIRA, Carlos Wagner de; MATA, Daniel da. **Quais Características das Cidades Determinam a Atração de Migrantes Qualificados?**. Revista Econômica do Nordeste, Fortaleza: v.38, n.3, 502-514, jul./set. 2007.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz (coord.). **Sociologia das Migrações**. Lisboa: Universidade Aberta, 1995

SASAKI, Elisa M.. e ASSIS, Gláucia. **Os novos migrantes do e para o Brasil: um balanço da produção bibliográfica**. In: CNPD. Migrações internacionais - Contribuições para políticas. Brasília, DF: 2001. p. 615-669.

SASAKI, Elisa Massae. **Dekasseguis: trabalhadores migrantes Nipo-Brasileiros no Japão**. Campinas: UNICAMP, Núcleo de Estudos de População, 2000.

SCHERVIER, Zelia. **Brasileiros no Canadá: em busca de segurança?**. V. 5, n. 5. 2005.

SEYFERTH, G. **Identidade étnica, assimilação e cidadania: a imigração alemã e o Estado brasileiro**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, n. 26, outubro/1994, p. 103-22.

SIQUEIRA, Sueli. **Sonhos, sucesso e frustrações na migração de retorno Brasil/Estados Unidos**. Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

SOARES, Weber. **A emigração valadareense à luz dos fundamentos teóricos da análise de redes sociais**. . In: MARTES, A. C. B.; FLEISCHER, S. (Orgs.). Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais. São Paulo: Paz e Terra, 2003, P.231 – 261.

SOARES, Weber. **A emigração valadareense à luz dos fundamentos teóricos da análise de redes sociais**. In: MARTES Ana Cristina B., FLEISCHER, Soraya (Org.) Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p.231-261.

SOARES, Weber. **Para além da concepção metafórica de redes sociais: Fundamentos teóricos da circunscrição topológica da migração internacional**. XIII Encontro da ABEP. Minas Gerais, 2002.

STATISTICS CANADA. **Place of birth for the immigrant population by period of immigration, 2006 counts and percentage distribution, for Canada, provinces and territories - 20% sample data (table)**. Immigration and Citizenship Highlight Tables, 2006 Census. Statistics Canada Catalogue no. 97-557-XWE2006002. Ottawa. Released December 4, 2007.

TILLY, Charles. **Transplanted Networks**. In: YANS-Mc LAUGHLIN, V. (Ed.). Immigration Reconsidered. Oxford: Oxford University Press, 1990. p. 79-95.

TRUZZI, Oswaldo M. S. **Assimilação Resignificada: Novas Interpretações de um Velho Conceito**. DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 55, no. 2, 2012, pp. 517 a 553.

VERTOVEC, Steven. **Transnational networks and skilled labor migration**. Paper presented at the Ladenburger Diskurs Migration conference, Gottlieb Daimler- und Karl Benz-Stiftung, Ladenburg, February 14-15, 2002.

ZOLBERG, Aristide R. **Matters of State: Theorizing immigration Policy**. In: Hirschman, Charles; Kasinitz, Philip; DEWIND; Josh. The Handbook of International Migration: The American Experience. Russel Sage Foundation, New York, 1999.

Sites Consultados

Notícia do Ministério da Fazenda veiculada em 01/03/2005, 14/04/2010,
<<http://www.fazenda.gov.br/portugues/releases/2005/r010305.asp>>

Nota Oficial da exposição do Ministro da Fazenda Antonio Palocci,
veiculada no Ministério da Fazenda em 01/09/2005, 14/04/2010,
<<http://www.fazenda.gov.br/portugues/releases/2005/r010905.asp>>

Notícia do Ministério da Fazenda veiculada em 26/09/2008, 14/04/2010,
<<http://www.fazenda.gov.br/portugues/releases/2008/setembro/r260908b.asp>>

Conteúdo Multimídia veiculado no Ministério da Fazenda em 19/05/2009,
14/04/2010, <<http://www.fazenda.gov.br/video/2009/maio/v190509.asp>>

The New York Times, veiculada em 02/01/2010, 05/03/2010,
<<http://www.nytimes.com/2010/01/03/business/economy/03view.html>>

Apostila “Economia Brasileira em Perspectiva” elaborada pelo Ministério da Fazenda, de janeiro de 2010, 14/04/2010,
<<http://www.fazenda.gov.br/portugues/docs/perspectiva-economia-brasileira/edicoes/Economia-Brasileira-Em-Perpectiva-Jan10.pdf>>

Folha Online, veiculada em 09/04/2010, 11/04/2010,
<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u718210.shtml>>

Conteúdo Multimídia veiculado no Ministério da Fazenda em 14/04/2010,
14/04/2010, <<http://www.fazenda.gov.br/audio/2010/abril/a140410.asp>>

Portal G1 veiculada em 14/04/2010, 14/04/2010,
<http://g1.globo.com/Noticias/Economia_Negocios/0,,MUL1569359-9356,00-MANTEGA+PAIS+VIVE+MAIOR+CICLO+DE+EXPANSAO+EM+ANOS.html>

Folha Online, veiculada em 14/04/2010, 14/04/2010,
<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u720852.shtml>>

Folha Online, veiculada em 16/04/2010, 16/04/2010,
<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u721861.shtml>>

APÊNDICE

APÊNDICE A – MAPAS	157
MAPA 1 – MAPA DO CANADÁ, PROVÍNCIA DE ONTÁRIO E CIDADE DE TORONTO EM DESTQUES	158
MAPA 2 – REGIÃO METROPOLITANA DE TORONTO (GREATER TORONTO AREA)	159
MAPA 3 – CIDADE DE TORONTO EM DESTQUE	160
MAPA 4 – REGIÃO EM DESTQUE DA CIDADE DE TORONTO	161
MAPA 4.1 – REGIÃO EM DESTQUE DA CIDADE DE TORONTO COM LEGENDA	162
MAPA 4.2 – REGIÃO 1: REGIÃO ONDE SE CONCENTRAM OS BRASILEIROS QUALIFICADOS, PRÓXIMOS ÀS ESTAÇÕES DE METRÔ NORTH YORK CENTRE STATION [AO NORTE] E SHEPPARD-YOUNG STATION, NA YOUNG STREET)	163
MAPA 4.3 – REGIÃO 2: REGIÃO ONDE SE CONCENTRAM OS BRASILEIROS QUALIFICADOS, PRÓXIMOS À ESTAÇÃO DE METRÔ EGLINTON STATION, NO CRUZAMENTO DA YOUNG STREET E EGLINTON AVENUE)	164
MAPA 4.4 – REGIÃO 3: REGIÃO ONDE SE CONCENTRAM OS BRASILEIROS QUALIFICADOS, PRÓXIMOS AO HIGH PARK E A ESTAÇÃO DE METRÔ HIGH PARK STATION)	165
MAPA 4.5 – REGIÃO 4: POPULARMENTE ASSOCIADA À COMUNIDADE BRASILEIRA. NELA SE LOCALIZAM AS ESTAÇÕES DE METRÔ DUFFERIN STATION E O CRUZAMENTO DAS RUAS DUFFERIN STREET E DUNDAS STREET, ALÉM DO FAMOSO SHOPPING DUFFERIN MALL.	166
MAPA 4.6 – REGIÃO 5: CENTRO DE TORONTO (TORONTO DOWNTOWN)	167

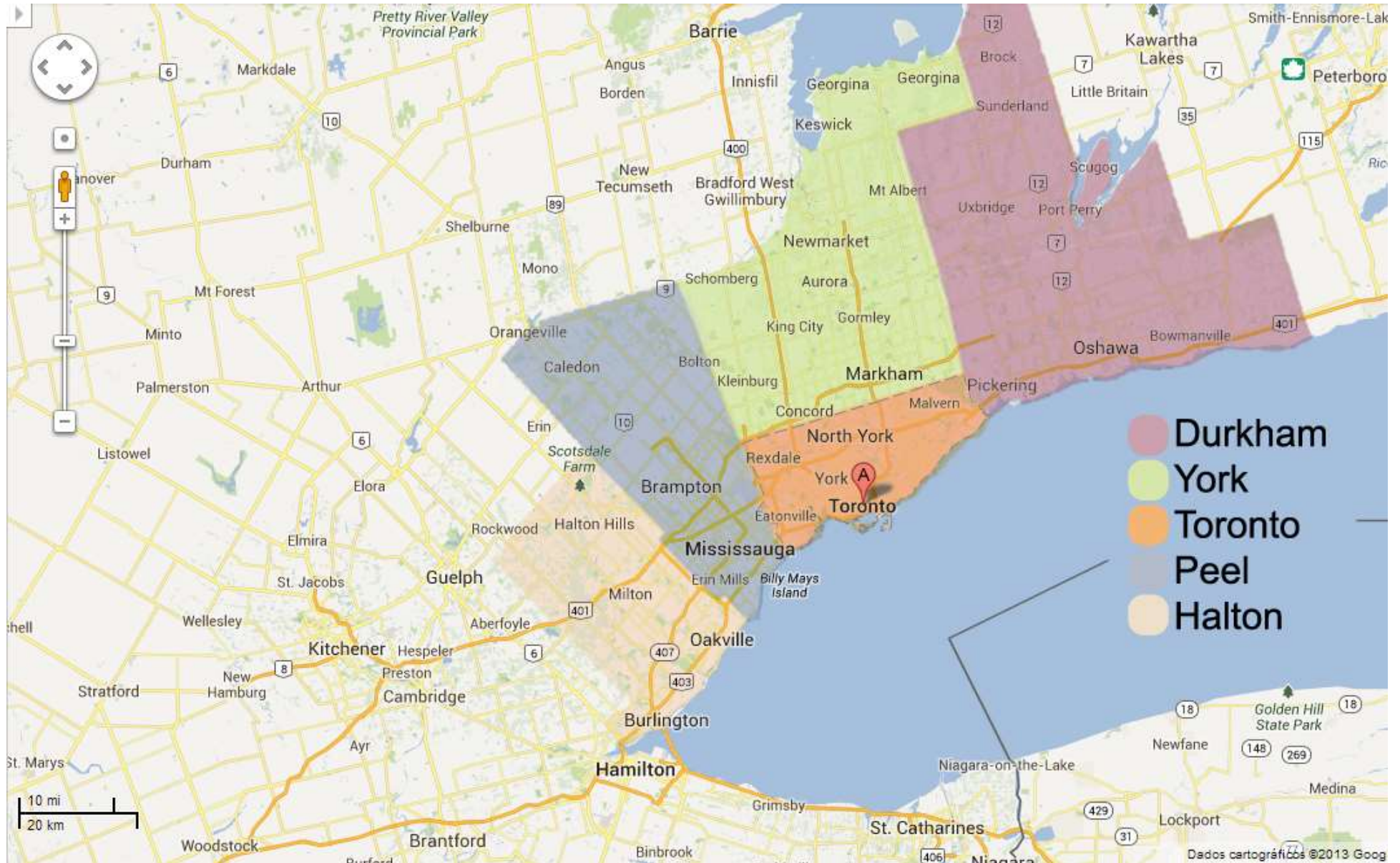
APÊNDICE A

MAPAS

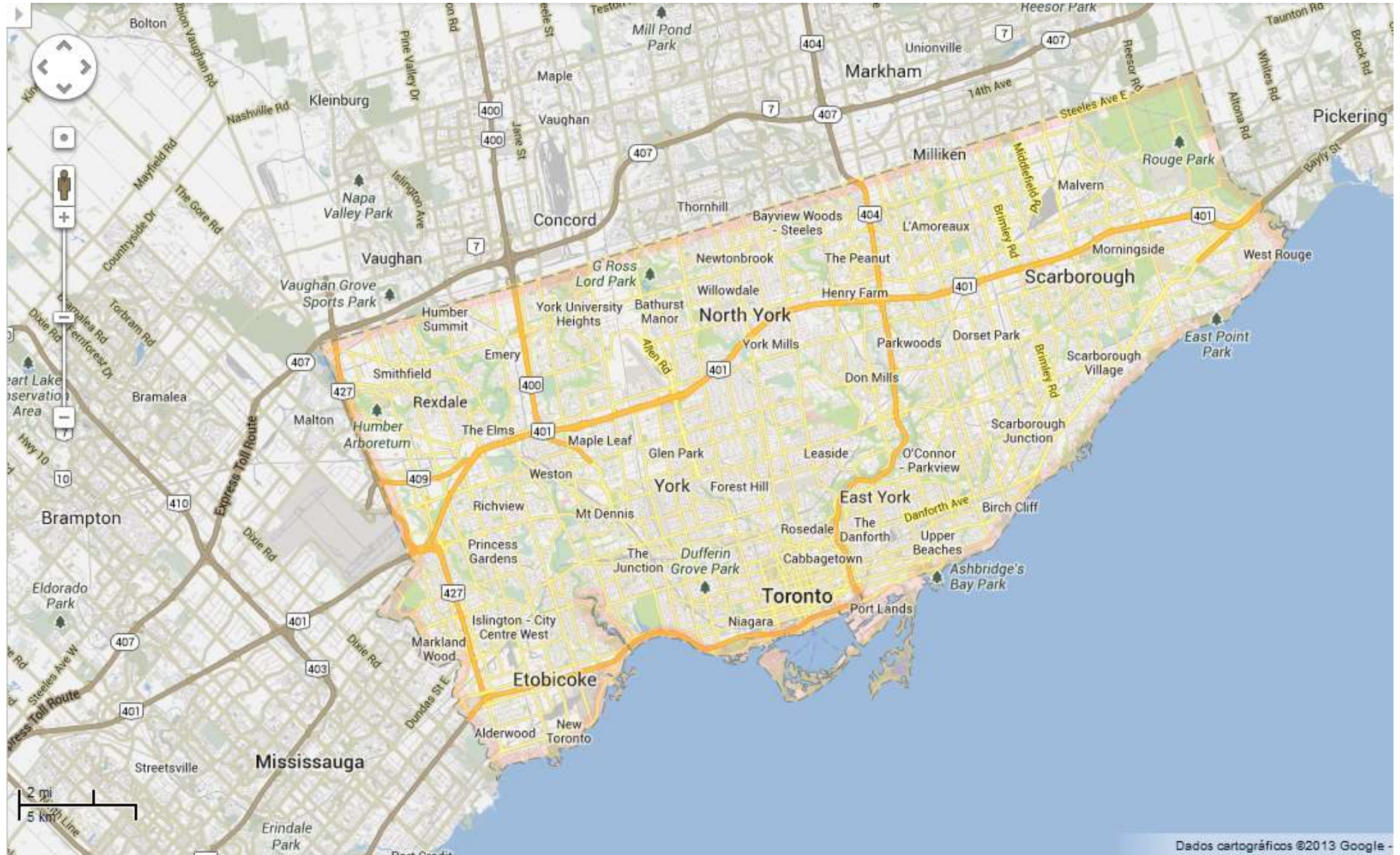
MAPA 1 – MAPA DO CANADÁ, PROVÍNCIA DE ONTÁRIO E CIDADE DE TORONTO EM DESTQUES.



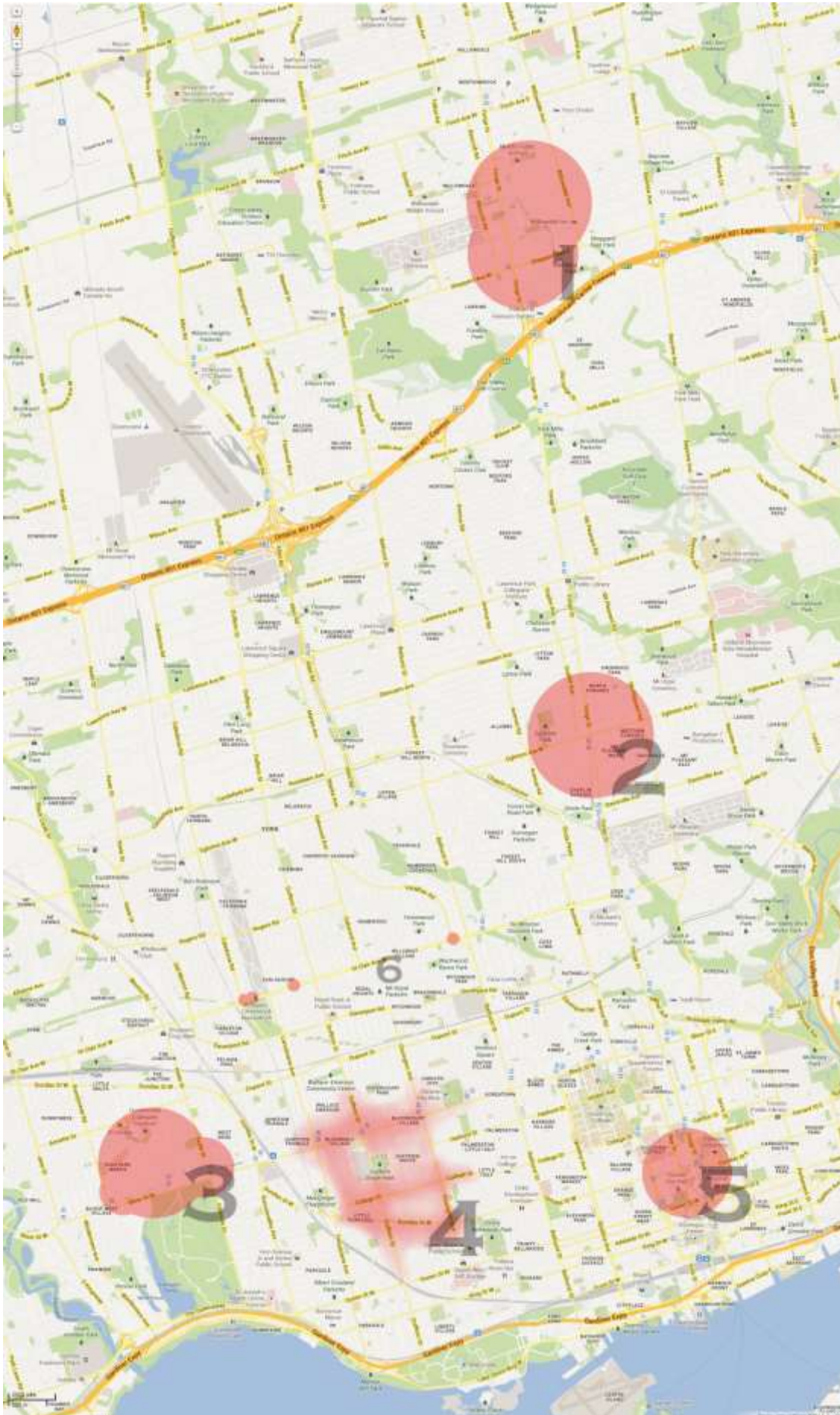
MAPA 2 – REGIÃO METROPOLITANA DE TORONTO (GREATER TORONTO AREA).



MAPA 3 – CIDADE DE TORONTO EM DESTQUE



MAPA 4.1 - REGIÃO EM DESTAQUE DA CIDADE DE TORONTO COM LEGENDA



LEGENDA

1 – Região onde se concentram os brasileiros qualificados da minha pesquisa, próximos às estações de metrô *North York Centre Station* (ao norte) e *Sheppard-Young Station*, na *Young Street*.

2 - Região onde se concentram os brasileiros qualificados da minha pesquisa, próximos à estação de metrô *Eglinton Station*, no cruzamento da *Young Street* e *Eglinton Avenue*.

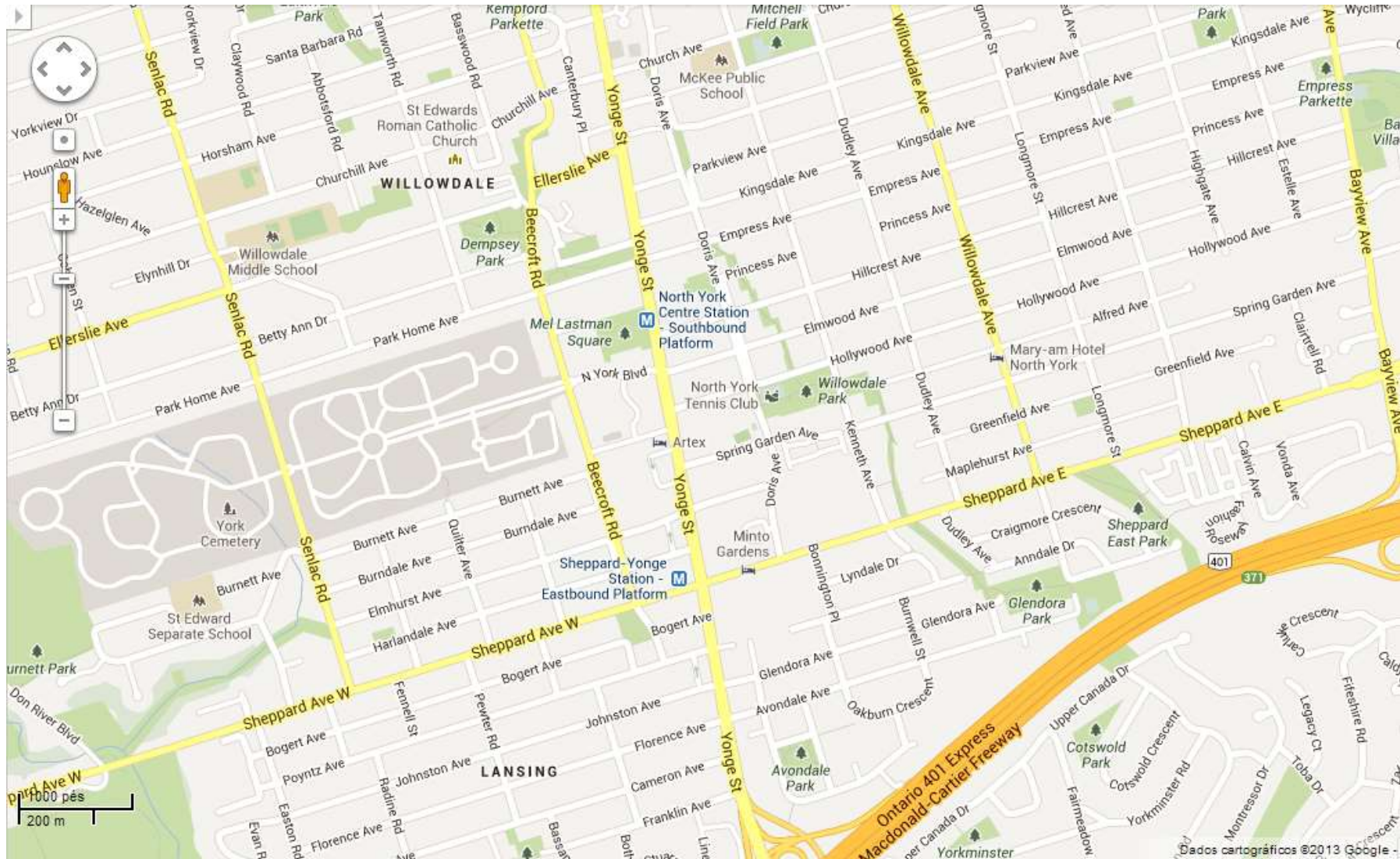
3 – Região onde se concentram os brasileiros qualificados da minha pesquisa, próximos ao *High Park* e a estação de metrô *High Park Station*.

4 – Região popularmente associada à comunidade brasileira. Nela se localizam as estações de metrô *Dufferin Station* e o cruzamento das ruas *Dufferin Street* e *Dundas Street*, além do famoso shopping *Dufferin Mall*,

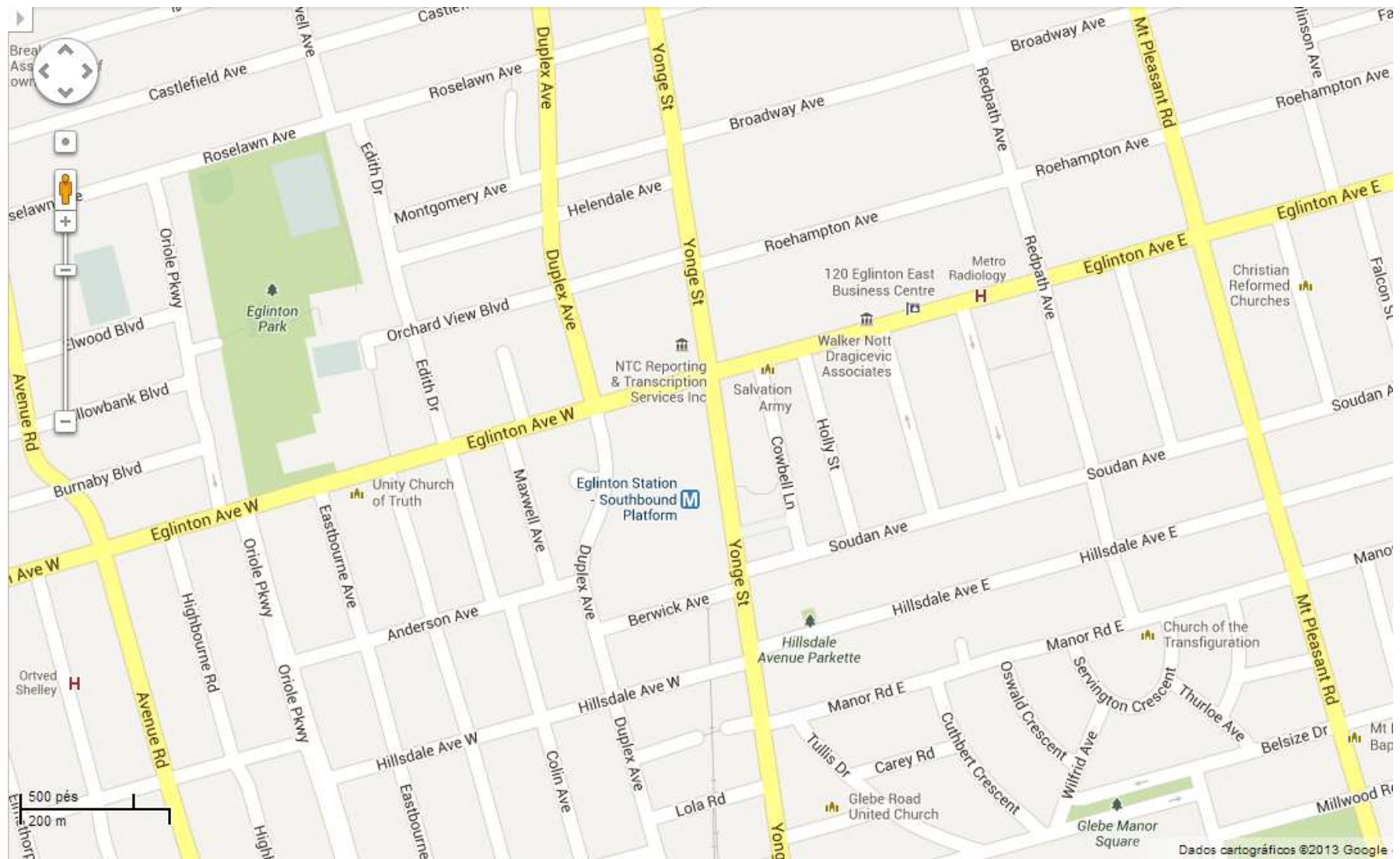
5 – Centro de Toronto (*Toronto Downtown*).

6 – *Saint Clair Avenue* e os quatro pontos frequentados por brasileiros (citados na nota de rodapé número 2, no subitem “Sexta é dia de CAIS!”)

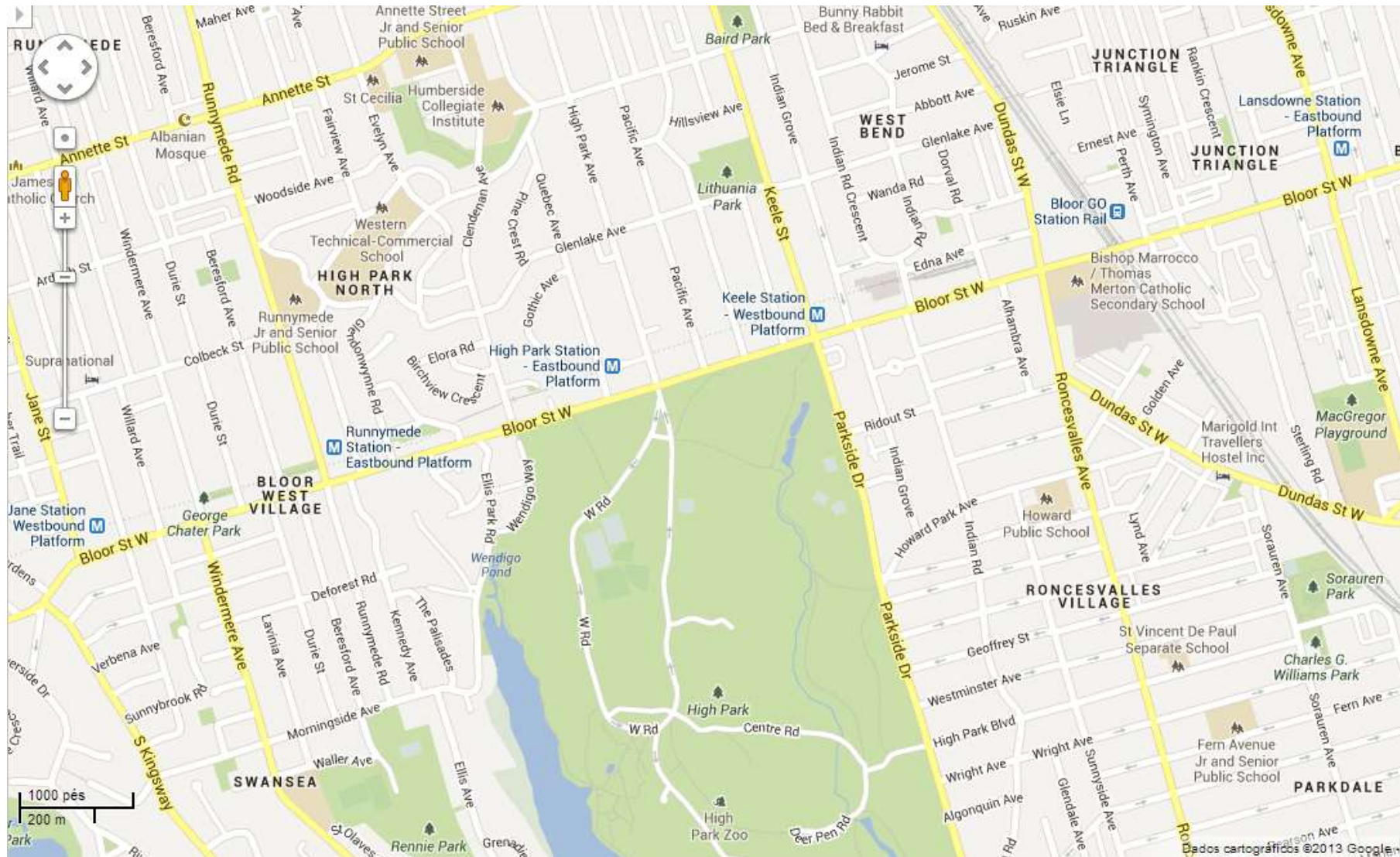
MAPA 4.2 – REGIÃO 1: REGIÃO ONDE SE CONCENTRAM OS BRASILEIROS QUALIFICADOS, PRÓXIMOS ÀS ESTAÇÕES DE METRÔ NORTH YORK CENTRE STATION [AO NORTE] E SHEPPARD-YOUNG STATION, NA YONGE STREET).



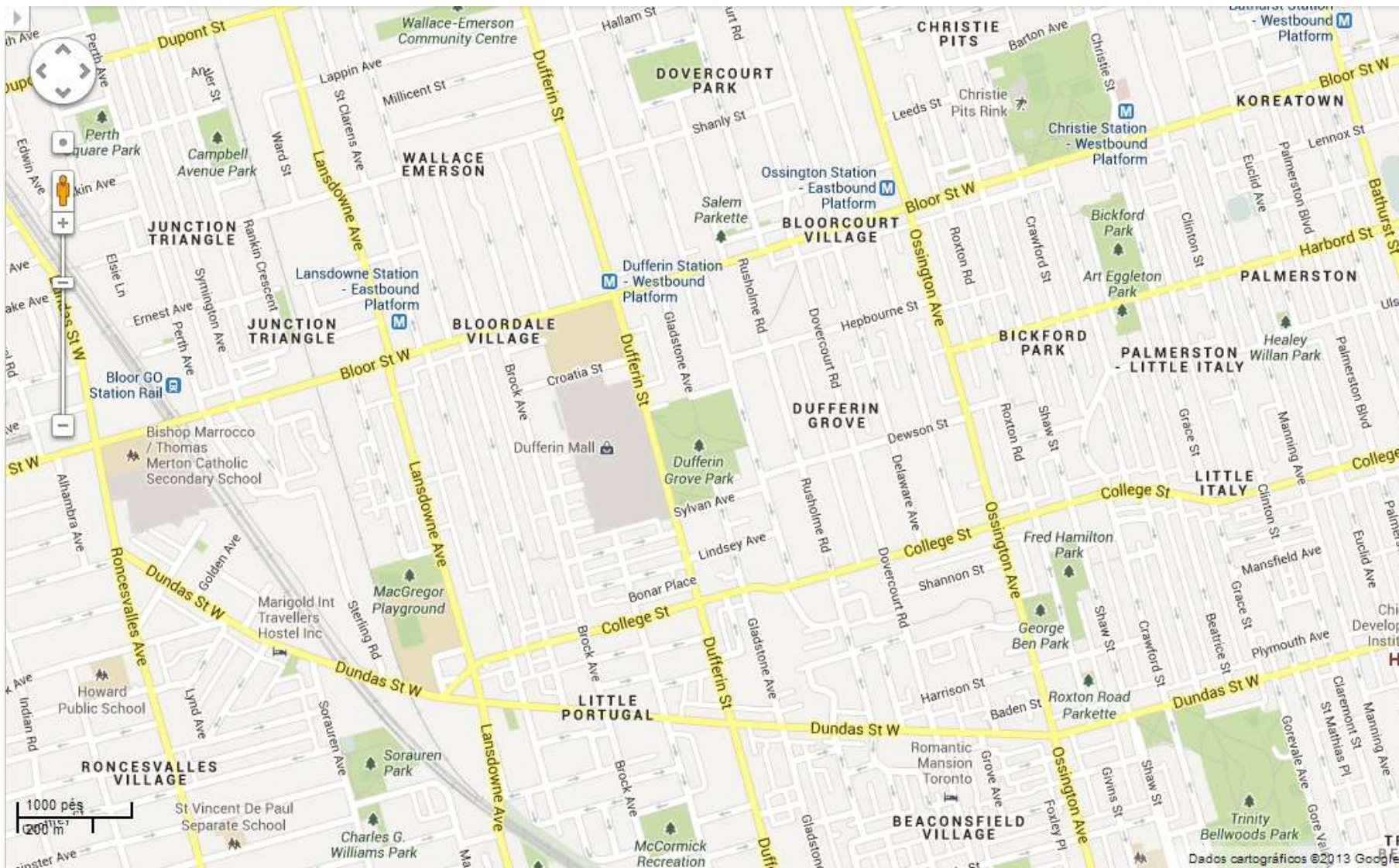
MAPA 4.3 – REGIÃO 2: REGIÃO ONDE SE CONCENTRAM OS BRASILEIROS QUALIFICADOS, PRÓXIMOS À ESTAÇÃO DE METRÔ EGLINTON STATION, NO CRUZAMENTO DA YOUNG STREET E EGLINTON AVENUE)



MAPA 4.4 – REGIÃO 3: REGIÃO ONDE SE CONCENTRAM OS BRASILEIROS QUALIFICADOS, PRÓXIMOS AO HIGH PARK E A ESTAÇÃO DE METRÔ HIGH PARK STATION).

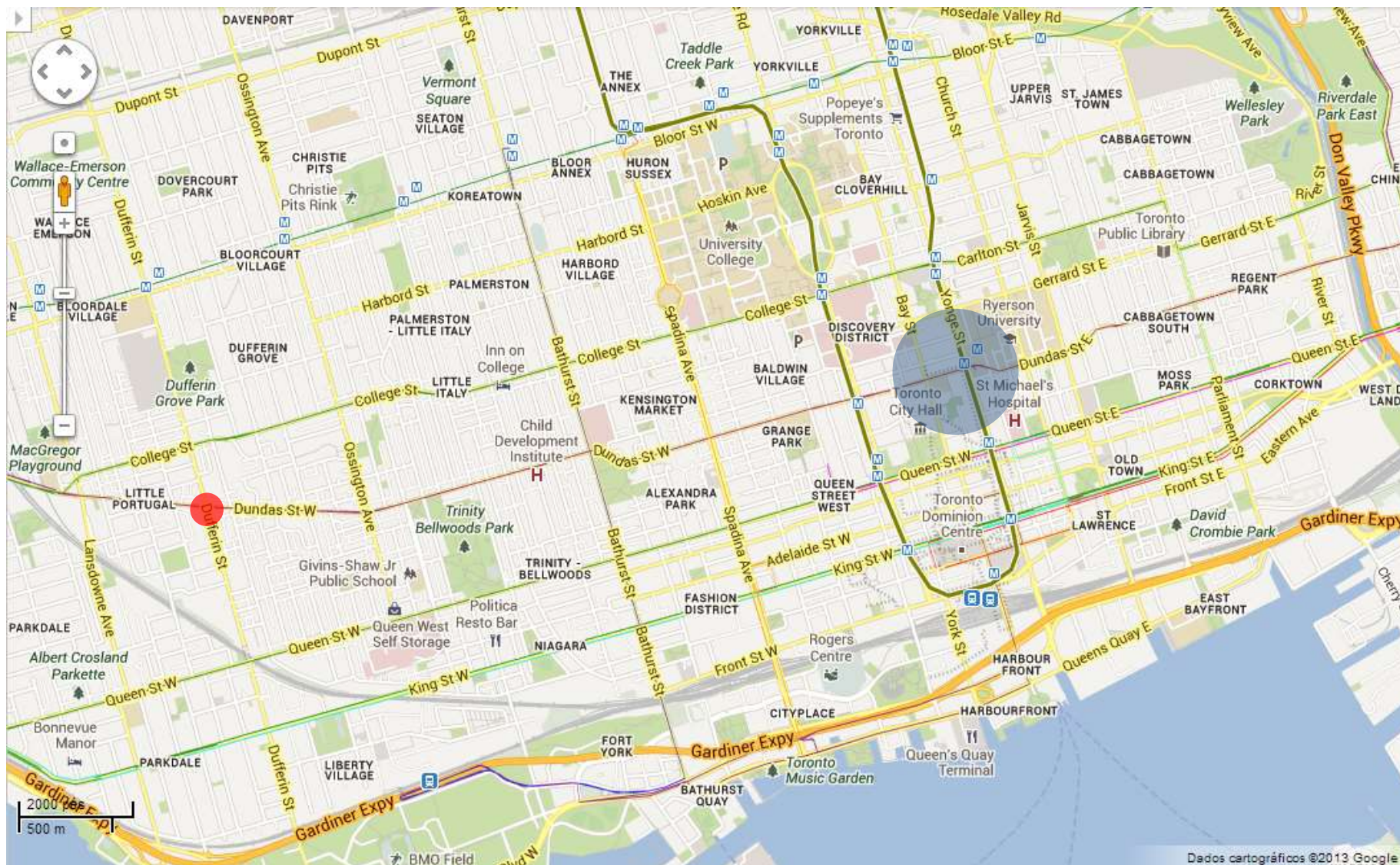


MAPA 4.5 – REGIÃO 4: POPULARMENTE ASSOCIADA À COMUNIDADE BRASILEIRA. NELA SE LOCALIZAM AS ESTAÇÕES DE METRÔ *DUFFERIN STATION* E O CRUZAMENTO DAS RUAS *DUFFERIN STREET* E *DUNDAS STREET*, ALÉM DO FAMOSO SHOPPING *DUFFERIN MALL*.



MAPA 4.6 – REGIÃO 5: CENTRO DE TORONTO (TORONTO DOWNTOWN).

Este mapa está um pouco diferente da imagem mostrada no MAPA 4, pois aqui está em evidência o centro de Toronto (azul), o cruzamento entre *Dufferin* e *Dundas Street* (vermelho) e as linhas de metrô (mais grossas) e as do *street car* (mais finas).



ANEXOS

**ANEXO A – NATIONAL OCCUPATIONAL CLASSIFICATION MATRIX 2011
(MATRIZ DE 2011 DA CLASSIFICAÇÃO OCUPACIONAL NACIONAL) . 169**

**ANEXO B – SPECIFIC ELIGIBILITY ACCUPATIONS – FEDERAL SKILLED
WORKERS (OCUPAÇÕES ELEGÍVEIS – PROCESSO FEDERAL PARA
TRABALHADORES QUALIFICADOS) 176**

**ANEXO C – SPECIFIC ELIGIBILITY ACCUPATIONS – FEDERAL SKILLED
TRADES (OCUPAÇÕES ELEGÍVEIS – PROCESSO FEDERAL PARA
PROFISSÕES ESPECIALIZADAS) 180**

ANEXO A

**NATIONAL OCCUPATIONAL CLASSIFICATION MATRIX 2011
(MATRIZ DE 2011 DA CLASSIFICAÇÃO OCUPACIONAL NACIONAL)**

National Occupational Classification Matrix 2011

Skill type 0 - Management is presented across all skill types and is also in skill level A. Skill types 1 to 9 are presented in columns and skill levels A to D are presented in rows.

	1 Business, finance and administration occupations	2 Natural and applied sciences and related occupations	3 Health occupations	4 Occupations in education, law and social, community and government services	5 Occupations in art, culture, recreation and sport	6 Sales and service occupations	7 Trades, transport and equipment operators and related occupations	8 Natural resources, agriculture and related production occupations	9 Occupations in manufacturing and utilities
0 Management occupations (Skill level A)	←			Major Group 00 Senior management occupations 001 Legislators and senior management			→		
	Major Group 01-05 Specialized middle management occupations					Major Group 06 Middle management occupations in retail and wholesale trade and customer services		Major Group 07-09 Middle management occupations in trades, transportation, production and utilities	
	011 Administrative services managers 012 Managers in financial and business services 013 Managers in communication (except broadcasting)	021 Managers in engineering, architecture, science and information systems	031 Managers in health care	041 Managers in public administration 042 Managers in education and social and community services 043 Managers in public protection services	051 Managers in art, culture, recreation and sport	060 Corporate sales managers 062 Retail and wholesale trade managers 063 Managers in food service and accommodation 065 Managers in customer and personal services, n.e.c.	071 Managers in construction and facility operation and maintenance 073 Managers in transportation	081 Managers in natural resources production and fishing 082 Managers in agriculture, horticulture and aquaculture	091 Managers in manufacturing and utilities
Skill level A			Major Group 30 Professional occupations in	Major Group 40 Professional occupations in					

Occupations usually require university education.			nursing 301 Professional occupations in nursing	education services 401 University professors and post-secondary assistants 402 College and other vocational instructors 403 Secondary and elementary school teachers and educational counsellors					
	Major Group 11 Professional occupations in business and finance 111 Auditors, accountants and investment professionals 112 Human resources and business service professionals	Major Group 21 Professional occupations in natural and applied sciences 211 Physical science professionals 212 Life science professionals 213 Civil, mechanical, electrical and chemical engineers 214 Other engineers 215 Architects, urban planners and land surveyors 216 Mathematicians, statisticians and actuaries 217 Computer and information systems professionals	Major Group 31 Professional occupations in health (except nursing) 311 Physicians, dentists and veterinarians 312 Optometrists, chiropractors and other health diagnosing and treating professionals 313 Pharmacists, dietitians and nutritionists 314 Therapy and assessment professionals	Major Group 41 Professional occupations in law and social, community and government services 411 Judges, lawyers and Quebec notaries 415 Social and community service professionals 416 Policy and program researchers, consultants and officers	Major Group 51 Professional occupations in art and culture 511 Librarians, archivists, conservators and curators 512 Writing, translating and related communications professionals 513 Creative and performing artists				
Skill level	Major Group 12	Major Group 22	Major Group 32	Major Group 42	Major Group 52	Major Group 62	Major Group 72	Major Group 82	Major Group 92

B Occupations usually require college education or apprenticeship training.	Administrative and financial supervisors and administrative occupations 121 Administrative services supervisors 122 Administrative and regulatory occupations 124 Office administrative assistants - general, legal and medical 125 Court reporters, transcriptionists, records management technicians and statistical officers	Technical occupations related to natural and applied sciences 221 Technical occupations in physical sciences 222 Technical occupations in life sciences 223 Technical occupations in civil, mechanical and industrial engineering 224 Technical occupations in electronics and electrical engineering 225 Technical occupations in architecture, drafting, surveying, geomatics and meteorology 226 Other technical inspectors and regulatory officers 227 Transportation officers and controllers 228 Technical occupations in computer and information systems	Technical occupations in Health 321 Medical technologists and technicians (except dental health) 322 Technical occupations in dental health care 323 Other technical occupations in health care	Paraprofessional occupations in legal, social, community and education services 421 Paraprofessional occupations in legal, social, community and education services	Technical occupations in art, culture, recreation and sport 521 Technical occupations in libraries, public archives, museums and art galleries 522 Photographers, graphic arts technicians and technical and coordinating occupations in motion pictures, broadcasting and the performing arts 523 Announcers and other performers, n.e.c. 524 Creative designers and craftspersons 525 Athletes, coaches, referees and related occupations	Retail sales supervisors and specialized sales occupations 621 Retail sales supervisors 622 Technical sales specialists in wholesale trade and retail and wholesale buyers 623 Insurance, real estate and financial sales occupations	Industrial, electrical and construction trades 720 Contractors and supervisors, industrial, electrical and construction trades and related workers 723 Machining, metal forming, shaping and erecting trades 724 Electrical trades and electrical power line and telecommunications workers 725 Plumbers, pipefitters and gas fitters 727 Carpenters and cabinetmakers 728 Masonry and plastering trades 729 Other construction trades	Supervisors and technical occupations in natural resources, agriculture and related production 821 Supervisors, logging and forestry 822 Contractors and supervisors, mining, oil and gas 823 Underground miners, oil and gas drillers and related occupations 824 Logging machinery operators 825 Contractors and supervisors, agriculture, horticulture and related operations and services 826 Fishing vessel masters and fishermen/women	Processing, manufacturing and utilities supervisors and central control operators 921 Supervisors, processing and manufacturing occupations 922 Supervisors, assembly and fabrication 923 Central control and process operators in processing and manufacturing 924 Utilities equipment operators and controllers
	Major Group 13 Finance, insurance and related business			Major Group 43 Occupations in front-line public protection		Major Group 63 Service supervisors and specialized service occupations	Major Group 73 Maintenance and equipment operation trades		

	administrative occupations 131 Finance, insurance and related business administrative occupations			services 431 Occupations in front-line public protection services		631 Service supervisors 632 Chefs and cooks 633 Butchers and bakers 634 Specialized occupations in personal and customer services	730 Contractors and supervisors, maintenance trades and heavy equipment and transport operators 731 Machinery and transportation equipment mechanics (except motor vehicle) 732 Automotive service technicians 733 Other mechanics and related repairers 736 Train crew operating occupations 737 Crane operators, drillers and blasters 738 Printing press operators and other trades and related occupations, n.e.c.		
Skill level C Occupations usually require secondary school and/or occupation-specific	Major Group 14 Office support occupations 141 General office workers 142 Office equipment operators 143 Financial,		Major Group 34 Assisting occupations in support of health services 341 Assisting occupations in support of health services	Major Group 44 Care providers and educational, legal and public protection support occupations 441 Home care providers and		Major Group 64 Sales representatives and salespersons - wholesale and retail trade 641 Sales and account representatives - wholesale	Major Group 74 Other installers, repairers and servicers and material handlers 744 Other installers, repairers and	Major Group 84 Workers in natural resources, agriculture and related production 841 Mine service workers and operators in oil and gas drilling	Major Group 94 Processing and manufacturing machine operators and related productions workers 941 Machine operators and related workers in mineral

training.	insurance and related administrative support workers 145 Library, correspondence and other clerks			educational support occupations 442 Legal and public protection support occupations		trade (non-technical) 642 Retail salespersons	servicers 745 Longshore workers and material handlers	842 Logging and forestry workers 843 Agriculture and horticulture workers 844 Other workers in fishing and trapping and hunting occupations	and metal products processing and manufacturing 942 Machine operators and related workers in chemical, plastic and rubber processing 943 Machine operators and related workers in pulp and paper production and wood processing and manufacturing 944 Machine operators and related workers in textile, fabric, fur and leather products processing and manufacturing 946 Machine operators and related workers in food, beverage and associated products processing 947 Printing equipment operators and related occupations
	Major Group 15 Distribution, tracking and scheduling co-ordination occupations 151 Mail and message distribution occupations 152 Supply chain logistics, tracking and scheduling co-ordination					Major Group 65 Représentants/ représentantes de services et autre personnel de services à la clientèle et personnalisés Service representatives and other customer and personal services occupations 651 Occupations in food and beverage	Major Group 75 Transport and heavy equipment operation and related maintenance occupations 751 Motor vehicle and transit drivers 752 Heavy equipment operators	Major Group 95 Assemblers in manufacturing 952 Mechanical, electrical and electronics assemblers 953 Other assembly and related occupations	

	occupations					service 652 Occupations in travel and accommodation 653 Tourism and amusement services occupations 654 Security guards and related security service occupations 655 Customer and information services representatives 656 Other occupations in personal service	753 Other transport equipment operators and related maintenance workers		
Skill level D On-the-job training is usually provided for occupations.						Major Group 66 Sales support occupations 661 Cashiers 662 Other sales support and related occupations	Major Group 76 Trades helpers, construction labourers and related occupations 761 Trades helpers and labourers 762 Public works and other labourers, n.e.c.	Major Group 86 Harvesting, landscaping and natural resources labourers 861 Harvesting, landscaping and natural resources labourers	Major Group 96 Abourers in processing, manufacturing and utilities 961 Labourers in processing, manufacturing and utilities
						Major Group 67 Service support and other service occupations n.e.c. 671 Food counter attendants, kitchen helpers and related support occupations 672 Support occupations in accommodation, travel and amusement services 673 Cleaners 674 Other service support and related occupations, n.e.c.			

ANEXO B

SPECIFIC ELIGIBILITY ACCUPATIONS – FEDERAL SKILLED WORKERS

**(OCUPAÇÕES ELEGÍVEIS – PROCESSO FEDERAL PARA
TRABALHADORES QUALIFICADOS)**

ELIGIBILITY OCCUPATIONS 2013

- 0211 Engineering managers
- 1112 Financial and investment analysts
- 2113 Geoscientists and oceanographers
- 2131 Civil engineers
- 2132 Mechanical engineers
- 2134 Chemical engineers
- 2143 Mining engineers
- 2145 Petroleum engineers
- 2144 Geological engineers
- 2146 Aerospace engineers
- 2147 Computer engineers (except software engineers/designers)
- 2154 Land surveyors
- 2174 Computer programmers and interactive media developers
- 2243 Industrial instrument technicians and mechanics
- 2263 Inspectors in public and environmental health and occupational health and safety
- 3141 Audiologists and speech-language pathologists
- 3142 Physiotherapists
- 3143 Occupational Therapists
- 3211 Medical laboratory technologists
- 3212 Medical laboratory technicians and pathologists' assistants
- 3214 Respiratory therapists, clinical perfusionists and cardiopulmonary technologists
- 3215 Medical Radiation Technologists
- 3216 Medical Sonographers
- 3217 Cardiology technologists and electrophysiological diagnostic technologists

ELIGIBILITY OCCUPATIONS 2011

0631 Restaurant and Food Service Managers
0811 Primary Production Managers (Except Agriculture)
1122 Professional Occupations in Business Services to Management
1233 Insurance Adjusters and Claims Examiners
2121 Biologists and Related Scientists
2151 Architects
3111 Specialist Physicians
3112 General Practitioners and Family Physicians
3113 Dentists
3131 Pharmacists
3142 Physiotherapists
3152 Registered Nurses
3215 Medical Radiation Technologists
3222 Dental Hygienists & Dental Therapists
3233 Licensed Practical Nurses
4151 Psychologists
4152 Social Workers
6241 Chefs
6242 Cooks
7215 Contractors and Supervisors, Carpentry Trades
7216 Contractors and Supervisors, Mechanic Trades
7241 Electricians (Except Industrial & Power System)
7242 Industrial Electricians
7251 Plumbers
7265 Welders & Related Machine Operators
7312 Heavy-Duty Equipment Mechanics
7371 Crane Operators
7372 Drillers & Blasters – Surface Mining, Quarrying & Construction
8222 Supervisors, Oil and Gas Drilling and Service

ELIGIBILITY ACCUPATIONS 2010

- 0631 Restaurant and Food Service Managers
- 0811 Primary Production Managers (Except Agriculture)
- 1122 Professional Occupations in Business Services to Management
- 1233 Insurance Adjusters and Claims Examiners
- 2121 Biologists and Related Scientists
- 2151 Architects
- 3111 Specialist Physicians
- 3112 General Practitioners and Family Physicians
- 3113 Dentists
- 3131 Pharmacists
- 3142 Physiotherapists
- 3152 Registered Nurses
- 3215 Medical Radiation Technologists
- 3222 Dental Hygienists & Dental Therapists
- 3233 Licensed Practical Nurses
- 4151 Psychologists
- 4152 Social Workers
- 6241 Chefs
- 6242 Cooks
- 7215 Contractors and Supervisors, Carpentry Trades
- 7216 Contractors and Supervisors, Mechanic Trades
- 7241 Electricians (except Industrial and Power System)
- 7242 Industrial Electricians
- 7251 Plumbers
- 7265 Welders and Related Machine Operators
- 7312 Heavy-Duty Equipment Mechanics
- 7371 Crane Operators
- 7372 Drillers and Blasters – Surface Mining, Quarrying and Construction
- 8222 Supervisors, Oil and Gas Drilling and Service

ANEXO C

SPECIFIC ELIGIBILITY OCCUPATIONS – FEDERAL SKILLED TRADES (OCUPAÇÕES ELEGÍVEIS – PROCESSO FEDERAL PARA PROFISSÕES ESPECIALIZADAS)

GROUP A – JOBS WITH SUB-CAPS OF 100 APPLICATIONS EACH (AND THEIR CORRESPONDING 2011 NOC CODE)

7202 Contractors and supervisors, electrical trades and telecommunications occupations

7204 Contractors and supervisors, carpentry trades

7205 Contractors and supervisors, other construction trades, installers, repairers and servicers

7271 Carpenters

7301 Contractors and supervisors, mechanic trades

7302 Contractors and supervisors, heavy equipment operator crews

8211 Supervisors, logging and forestry

8221 Supervisors, mining and quarrying

8222 Contractors and supervisors, oil and gas drilling services

8241 Logging machinery operators

8252 Agricultural service contractors, farm supervisors and specialized livestock workers

9211 Supervisors, mineral and metal processing

9212 Supervisors, petroleum, gas and chemical processing and utilities

9214 Supervisors, plastic and rubber products manufacturing

9231 Central control and process operators, mineral and metal processing

9241 Power engineers and power systems operators

9243 Water and waste treatment plant operators

GROUP B – NO SUB-CAPS (2011 NOC CODE)

7231 Machinists and machining and tooling inspectors

7233 Sheet metal workers

7235 Structural metal and plate work fabricators and fitters

7236 Ironworkers

7237 Welders and related machine operators

7241 Electricians (except industrial and power system)

7242 Industrial electricians

7243 Power system electricians

7244 Electrical power line and cable workers

7245 Telecommunications line and cable workers
7246 Telecommunications installation and repair workers
7251 Plumbers
7252 Steamfitters, pipefitters and sprinkler system installers
7253 Gas fitters
7311 Construction millwrights and industrial mechanics
7312 Heavy-duty equipment mechanics
7313 Refrigeration and air conditioning mechanics
7314 Railway carmen/women
7315 Aircraft mechanics and aircraft inspectors
7318 Elevator constructors and mechanics
7371 Crane operators
7372 Drillers and blasters - surface, mining, quarrying and construction
7373 Water well drillers
8231 Underground production and development miners
8232 Oil and gas well drillers, servicers, testers and related workers
9232 Petroleum, gas and chemical process operators